



SABERES &
PRÁTICAS

Entre Cipós e Vaga-lumes

**A Força Epistêmica
e o Brilho Poético da
Docência Amazônica**

Organizadoras:

Nilda Alves - ProPed/EDU/UERJ

Eglê Betânia Portela Wanzeler - ProfEducatéc/UEA

 **editora
UEA**

ISSN 2596-013X Ano 8, n. 11



Eglê Betânia Portela Wanzeler

Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1994), mestrado em Natureza e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (2002) e doutorado em Antropologia pela PUC/SP. Atua na área de formação continuada de professores, realizando pesquisa sobre o currículo, cotidianos escolares, audiovisualidades e experiências em formação continuada em serviço. É professora associada de História da Educação na Universidade do Estado do Amazonas. Professora da Rede Municipal de Ensino de Manaus. Professora do Programa de Pós-Graduação em Processos e Tecnologias Educacionais ProfEducatéc/UEA. Coordenadora do Curso de Especialização em Gestão de Projeto e Formação Docente e em Educação Especial Inclusiva em contextos Interculturais. Líder dos grupos de pesquisas: Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação e do Centro de Altos Estudos e Pesquisa da Complexidade da Amazônia. Membro fundadora, em 2024, da Rede de laboratórios e Grupos de Pesquisa em Educação, Imagens, Sons e Afetos (REISA).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0060709651046345>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7026-3242>

Email: ewanzeler@uea.edu.br

Nilda Alves

Professora emérita da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora emérita pela FAPERJ, com exercício na UERJ, no ProPêd - Programa de Pós-Graduação em Educação/EDU/Maracanã e no Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais – FFP/São Gonçalo (RJ). Pesquisadora Sênior/CNPq. Líder do Gr-Pesq ‘Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons’/UERJ-CNPq. “Prêmio FAPERJ 2025”/ “Pesquisador Destaque – Humanidades”. “Honoris causa” na Universidade de Rouen/Normandia/FR (2026). Ex-Presidente da ANPEd (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação); da ANFOPE (Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação); da ABdC (Associação Brasileira de Currículo); da ASDUERJ (Associação dos Docentes da UERJ). Fundadora (2001) e coordenadora, até 2014, do Laboratório em Educação, Imagens e Sons (LAbEIS)/ProPêd/EDU/CEH/UERJ-campus Maracanã (<http://www.labeisproped.uerj.br>). Coordenadora da Rede de Laboratórios e Grupos de Pesquisa em Educação, Imagens, Sons e Afetos (REISA) (www.reisa.uerj.br), desde 2024.

Lattes: <https://4233172979202700>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0558-4175>

E-mail: nildag.alves@gmail.com

Conselho Editorial da Revista Saberes e Práticas

Alberto Noronha Ramos

Secretaria Municipal de Educação (SEMED/Manaus)

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

Edgard de Assis Carvalho Pontíficia

Universidade de São Paulo (USP – SP)

Eglê Betânia Portela Wanzeler

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Jeiviane Justiniano da Silva

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Leonardo Ferreira Peixoto

Centro de Estudos Superiores de Tabatinga (CESTE – UEA)

Marcos André Ferreira Estácio

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Miguel Almir Lima de Araújo

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Preciosa Fernandes

Universidade do Porto (UP)

Regina Célia Moraes Vieira

Secretaria Municipal de Educação (SEMED/Manaus)

Rudervânia da Silva Lima Aranha

Secretaria Municipal de Educação (SEMED/Manaus)

Vinícius Azevedo Machado

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Ficha Técnica

Alberto Noronha Ramos

Alice Ramos de Oliveira

Eglê Betânia Portela Wanzeler

Eliseanne Lima da Silva

Jobmara Assis dos Santos

Márcia Maria Brandão Elmenoufi

Maria das Graças Medeiros Borges

Maria do Perpétuo Socorro Sotero da Silva

Maria Quitéria Afonso

Marlene Gomes

Raquel Maia Mattos

Rudervânia da Silva Lima Aranha

Vinícios Alves da Rosa

Organização editorial

Eglê Betânia Portela Wanzeler

Design editorial, projeto gráfico,

Ilustração e capa

Geovan Motter

Diagramação

Natalie Joese Portela Wanzeler (UFSC)

Revisora técnica

Sumário

APRESENTAÇÃO	08
PRÓLOGO	16
 LUME I Travessias.....	18
MEU EU NOS/DOS/COM O COTIDIANO	19
CIÊNCIA: DÚVIDA COMO NORTEADORA DA PESQUISA	21
A CIÊNCIA QUE HABITA EM MIM.....	23
CIÊNCIA DA INCLUSÃO	26
EM UMA ESCOLA PERIFÉRICA.....	30
REFLEXÕES SOBRE A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO	32
ALQUIMIA DOS SABERES	34
ALQUIMIA DAS PALAVRAS	36
O MEU FAZER... ..	38
DA CURIOSIDADE À PRODUÇÃO CIENTÍFICA.....	40
A CIÊNCIA DO MEU SABER.....	42
NA CONVIVÊNCIA EM SALA DE AULA	44
EDUCAÇÃO, UMA CIÊNCIA DE VIDA.....	47
A CIÊNCIA É O FAZER ENTENDER.....	49
FAZER CIÊNCIA COM UMA TURMA INCLUSIVA	51
A EDUCAÇÃO COMO CIÊNCIA INCLUSIVA.....	53
NO SABER DA ESCOLA, UM MUNDO SE CRIA	55
A CIÊNCIA É UMA AVENTURA.....	57
A CIÊNCIA QUE TRAGO EM MEU SER.....	59
MINHA CIÊNCIA É UMA FERRAMENTA PODEROSA.....	61
A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO DOCENTE	64
A CIÊNCIA DO EDUCADOR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA.....	66
A MINHA CIÊNCIA NUTRE... ..	67
A CIÊNCIA QUE NASCE DO CHÃO DA ESCOLA	69

CIÊNCIA DE TRANSFORMAR REALIDADES ATRAVÉS DO SABER	72
O CORPO QUE APRENDE.....	74
A CIÊNCIA DO VIVIDO SENTIDO NOS DIAS COM OS COTIDIANOS	76
A CIÊNCIA É O FAZER ENTENDER.....	78

LUME II Vozes..... 80

PERCEPÇÃO	81
CAMINHOS PARA A INCLUSÃO	82
VEJO	84
A CIÊNCIA DO MEU FAZER.....	85

LUME III Imagens e Sons..... 87

A ARTE DE AMAR.....	88
ENTRE SONHOS E LUTAS: A JORNADA DE IZABEL SERUDO.....	90
O POBRE MENINO SONHADOR.....	91
PRIORIDADE.....	94
CIÊNCIA DO MEU FAZER: ETNOPOESIA DA CAMINHANTE DOS DIAS ...	96
A CIÊNCIA DO SABER	101
RAÍZES DO MEU CAMINHO	102
ENTRE MATERNAR E ENSINAR	104
MOVIDA PELO DESEJO DE FAZER BEM.....	106
QUEM SOU EU.....	108
A BUSCA DO SABER.....	109
UM SER CHAMADO PROFESSORA	111
UM SONHO QUE BROTOU	113

LUME IV Insurgências..... 115

A HISTÓRIA DA INCLUSÃO.....	116
CAMINHOS DA INCLUSÃO	118
A CIÊNCIA DO MEU FAZER, NUTRIÇÃO E DESAFIOS	120

A CIÊNCIA DO MEU FAZER.....	122
CRIANÇA SINGULAR.....	124

LUME V Cotidianos 126

SER OU NÃO SER FOI A QUESTÃO	127
COMO ME TORNEI PROFESSORA.....	129
PROFESSORA EU SOU.....	130
RESISTÊNCIA.....	134
CAMINHADA.....	135
ENTRE DESAFIOS E POSSIBILIDADES	137
ENTRE SONHOS E SALAS	142
BIBLIOTECA ITINERANTE QUE PULSA EM MANAUS.....	144
CAMINHOS E ESCOLHAS	150
CIÊNCIAS E O PROFESSOR PESQUISADOR.....	152
A CIÊNCIA DO MEU FAZER.....	154
JORNADA DE UMA PROFESSORA	156
UM SONHO QUE PROSPEROU	158
SONHOS E EXPECTATIVAS	160
EDUCAÇÃO: PONTE ENTRE RAÍZES E SONHOS.....	163

LUME VI Poéticas 165

SONHOS	166
A CIÊNCIA DIGITAL DO ACOLHER.....	167
A CIÊNCIA DO MEU SABER.....	169
DO SONHO AO GIZ.....	170
PROFISSÃO PROFESSAR	172
NEM SEMPRE FOI UM MAR DE ROSAS.....	174
MINHA TRAJETÓRIA.....	176
LUZ DE SANTA LUZIA.....	178
SER PROFESSORA.....	179

MINHA HISTÓRIA, EM ACRÓSTICO	181
OBSERVATÓRIO	184
O FAZER ACONTECER	187
SEMEAR UNIVERSOS	190
SEMENTES DE TRANSFORMAÇÃO	192
ETERNO COMEÇO DE MIM.....	194

LUME VII Sobrevivências 196

A CIÊNCIA DO FAZER EM ARTE NA EJA.....	197
POMAR DO CONHECIMENTO.....	200
EDUCAÇÃO QUE ESCUTA, ACOLHE E HUMANIZA	201
A CIÊNCIA QUE HABITA EM MIM.....	203
O DIÁLOGO EM PAULO FREIRE.....	205
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EU.....	206

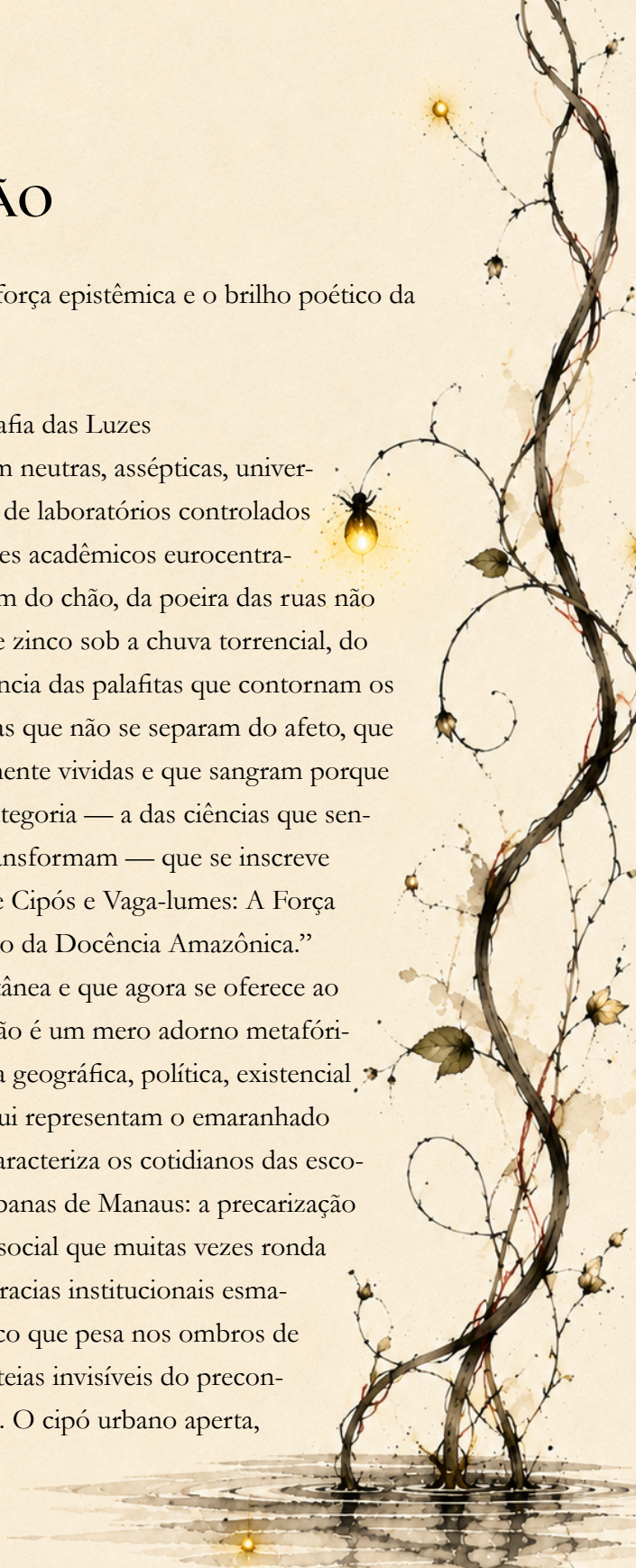
APRESENTAÇÃO

Entre cipós e vaga-lumes: a força epistêmica e o brilho poético da docência amazônica

O Chão Urbano e a Cartografia das Luzes

Há ciências que se pretendem neutras, assépticas, universais, construídas sob a frieza de laboratórios controlados ou no isolamento de gabinetes acadêmicos eurocentrados. E há ciências que nascem do chão, da poeira das ruas não asfaltadas, do som do teto de zinco sob a chuva torrencial, do pulsar dos becos e da resistência das palafitas que contornam os igarapés urbanos. São ciências que não se separam do afeto, que pulsam porque são visceralmente vividas e que sangram porque são reais. É nesta segunda categoria — a das ciências que sentem, que se movem e que transformam — que se inscreve este dossiê, intitulado “Entre Cipós e Vaga-lumes: A Força Epistêmica e o Brilho Poético da Docência Amazônica.”

O título que batiza esta coletânea e que agora se oferece ao público leitor desta revista não é um mero adorno metafórico. Trata-se de uma categoria geográfica, política, existencial e metodológica. Os cipós aqui representam o emaranhado labiríntico e sufocante que caracteriza os cotidianos das escolas públicas nas periferias urbanas de Manaus: a precarização estrutural, a vulnerabilidade social que muitas vezes ronda os muros escolares, as burocracias institucionais esmagadoras, o cansaço sistemático que pesa nos ombros de mulheres trabalhadoras e as teias invisíveis do preconceito de classe e de território. O cipó urbano aperta,



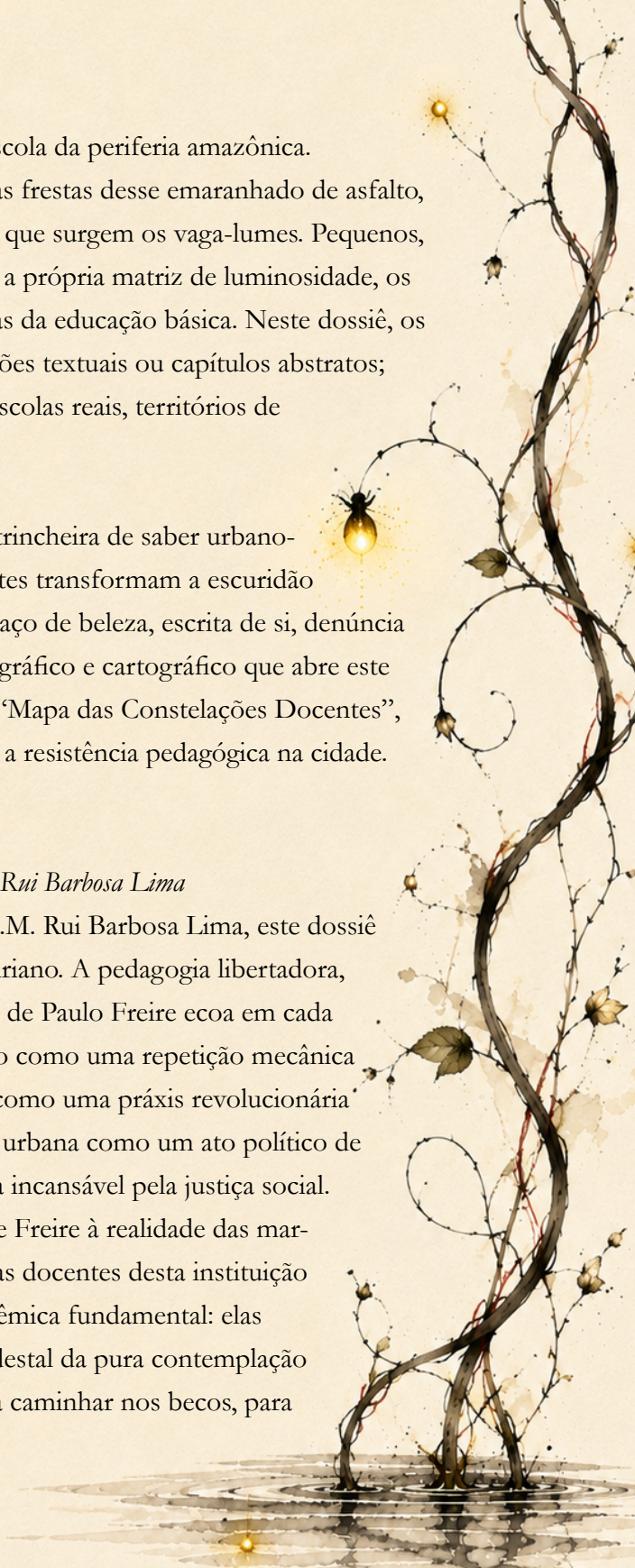
tensiona e tenta silenciar a escola da periferia amazônica. Mas é justamente por entre as frestas desse emaranhado de asfalto, concreto e contrastes sociais que surgem os vaga-lumes. Pequenos, soberanos, carregando em si a própria matriz de luminosidade, os vaga-lumes são as professoras da educação básica. Neste dossiê, os LUMES não são meras divisões textuais ou capítulos abstratos; os LUMES são as próprias escolas reais, territórios de carne, osso, giz e sonho.

Cada Lume representa uma trincheira de saber urbano-periférico onde essas docentes transformam a escuridão da negligência estatal em espaço de beleza, escrita de si, denúncia e encantamento. O trabalho gráfico e cartográfico que abre este número funciona como um “Mapa das Constelações Docentes”, localizando geograficamente a resistência pedagógica na cidade.

LUME I: Travessias

A Práxis Libertadora na E.M. Rui Barbosa Lima

Adentrando os portões da E.M. Rui Barbosa Lima, este dossiê revela-se profundamente freiriano. A pedagogia libertadora, dialógica e problematizadora de Paulo Freire ecoa em cada linha destas etnopoemas. Não como uma repetição mecânica de jargões acadêmicos, mas como uma práxis revolucionária que compreende a educação urbana como um ato político de amor, de coragem e de busca incansável pela justiça social. Ao alinhar Vygotsky, Piaget e Freire à realidade das margens urbanas da Amazônia, as docentes desta instituição realizam uma transição epistêmica fundamental: elas retiram esses teóricos do pedestal da pura contemplação acadêmica e os colocam para caminhar nos becos, para



enfrentar as poeiras sazonais das ruas manauaras e para sentar nas assembleias de pais e mães da comunidade. A etnopoesia aqui gerada prova que a ciência que nasce no chão da escola é um poderoso instrumento de insubordinação pedagógica.

LUME II: Vozes

Resistência e Cotidiano na E.M. Leonardo Da Vinci

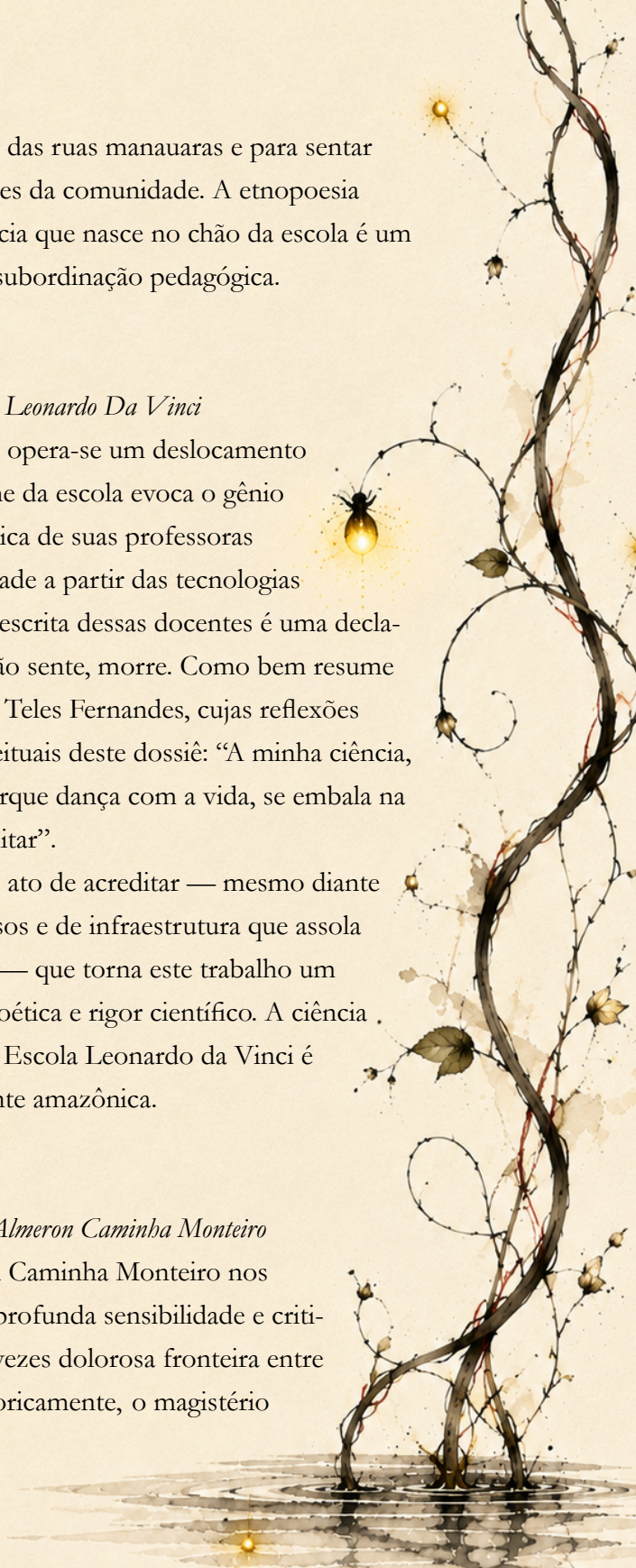
Na E.M. Leonardo da Vinci, opera-se um deslocamento poético fascinante. Se o nome da escola evoca o gênio renascentista europeu, a prática de suas professoras reconstrói a ideia de genialidade a partir das tecnologias sociais do chão da escola. A escrita dessas docentes é uma declaração de que a ciência que não sente, morre. Como bem resume a escrevivência de Terezinha Teles Fernandes, cujas reflexões atravessam as costuras conceituais deste dossiê: “A minha ciência, mesmo ferida, lateja viva, porque dança com a vida, se embala na esperança, e insiste em acreditar”.

É essa insistência visceral no ato de acreditar — mesmo diante da escassez crônica de recursos e de infraestrutura que assola as franjas urbanas da capital — que torna este trabalho um monumento de resistência poética e rigor científico. A ciência produzida pelas docentes da Escola Leonardo da Vinci é coletiva, terna e marcadamente amazônica.

LUME III: Imagens e Sons

O Maternar Docente na E.M. Almeron Caminha Monteiro

A vivência na E.M. Almeron Caminha Monteiro nos conduz a uma dimensão de profunda sensibilidade e criticidade: a complexa e tantas vezes dolorosa fronteira entre o maternar e o ensinar. Historicamente, o magistério



feminino foi domesticado pelo discurso patriarcal do “dom” ou do amor maternal incondicional, esvaziando o caráter político, técnico e profissional da educadora. As autoras desta escola subvertem essa armadilha histórica.

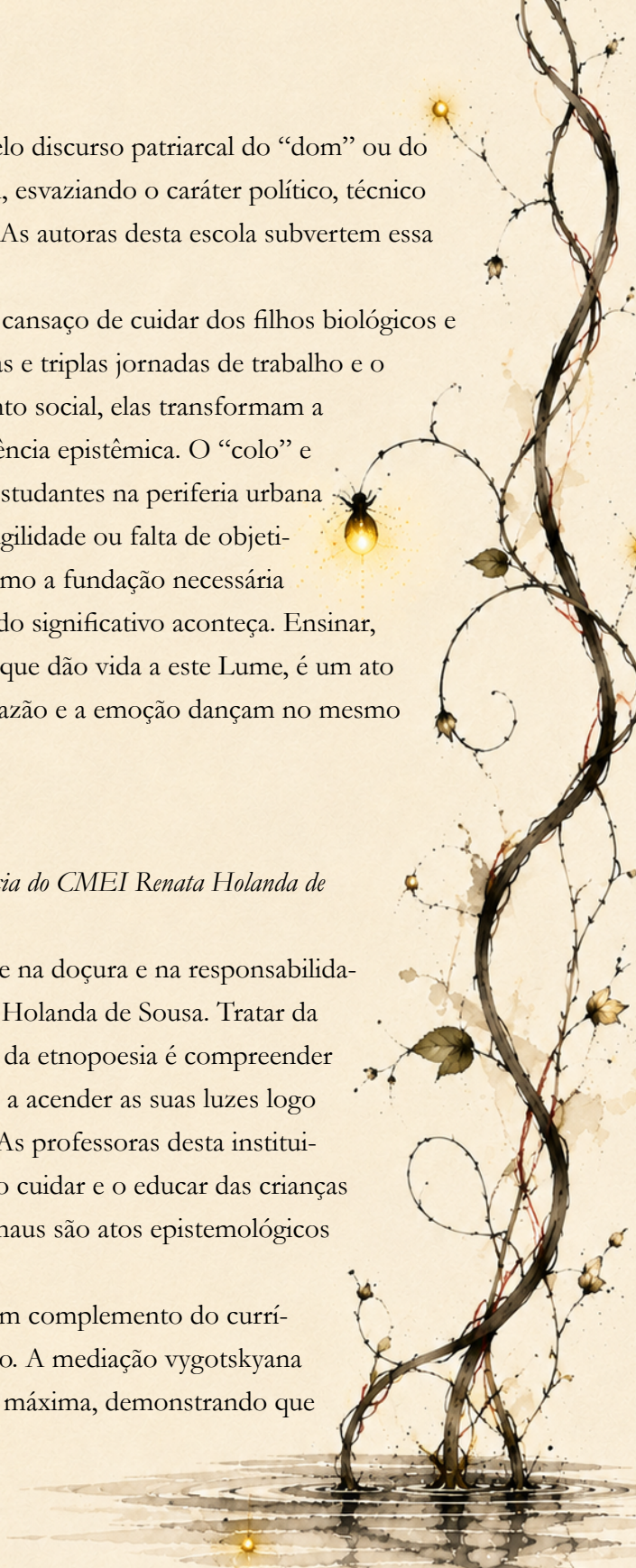
Ao trazerem para a escrita o cansaço de cuidar dos filhos biológicos e dos filhos da escola, as duplas e triplas jornadas de trabalho e o medo constante do julgamento social, elas transformam a intuição e o cuidado em potência epistêmica. O “colo” e o afeto oferecidos aos seus estudantes na periferia urbana não são vistos aqui como fragilidade ou falta de objetividade científica, mas sim como a fundação necessária para que qualquer aprendizado significativo aconteça. Ensinar, na perspectiva das mulheres que dão vida a este Lume, é um ato de presença radical, onde a razão e a emoção dançam no mesmo ritmo insurgente.

LUME IV: Insurgências

A Ternura Epistêmica na Infância do CMEI Renata Holanda de Sousa Gonsalves

A infância ganha centralidade na doçura e na responsabilidade política do CMEI Renata Holanda de Sousa. Tratar da educação infantil sob a ótica da etnopoesia é compreender que os vaga-lumes começam a acender as suas luzes logo nos primeiros anos de vida. As professoras desta instituição mostram que o brincar, o cuidar e o educar das crianças pequenas na periferia de Manaus são atos epistemológicos de altíssima complexidade.

Neste Lume, o afeto não é um complemento do currículo; ele é o próprio currículo. A mediação vygotskyana adquire aqui a sua expressão máxima, demonstrando que



as interações na infância moldam os sujeitos críticos e autônomos de amanhã. A docência na educação infantil surge como a fundação onde as palavras e a humanização criam as suas raízes mais profundas.

LUME V: Cotidianos

Identidade e Justiça Cognitiva na E.M. Profa. Isabel Vitória Carmo Ribeiro

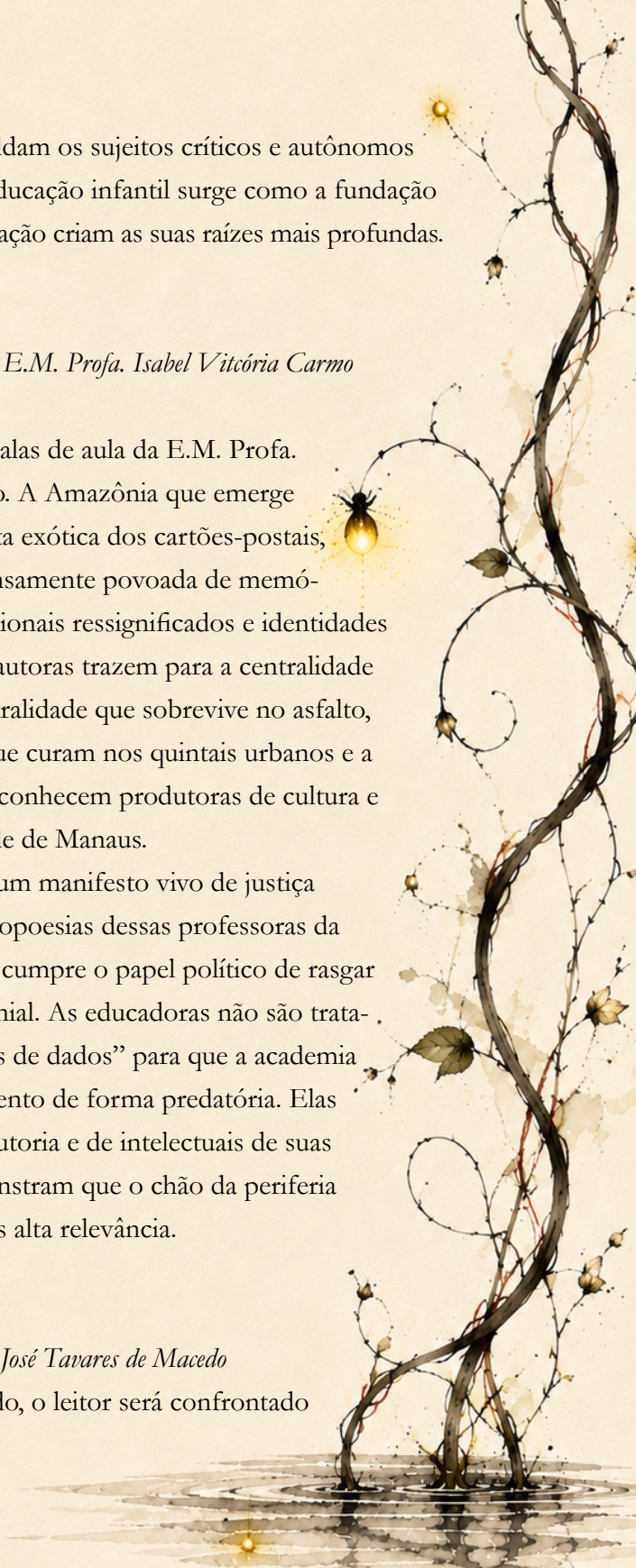
A jornada se estende até as salas de aula da E.M. Profa. Isabel Vitória Carmo Ribeiro. A Amazônia que emerge destas escritas não é a floresta exótica dos cartões-postais, mas a Amazônia urbana, densamente povoada de memórias migrantes, saberes tradicionais ressignificados e identidades periféricas que resistem. As autoras trazem para a centralidade do debate curricular a ancestralidade que sobrevive no asfalto, o conhecimento das ervas que curam nos quintais urbanos e a força das mulheres que se reconhecem produtoras de cultura e ciência nas margens da cidade de Manaus.

Essa afirmação identitária é um manifesto vivo de justiça cognitiva. Ao publicar as etnopoemas dessas professoras da educação básica, esta revista cumpre o papel político de rasgar o véu do silenciamento colonial. As educadoras não são tratadas aqui como meras “fontes de dados” para que a academia tradicional extraia conhecimento de forma predatória. Elas ocupam o lugar de fala, de autoria e de intelectuais de suas próprias práticas. Elas demonstram que o chão da periferia urbana produz teoria da mais alta relevância.

LUME VI: Poéticas

A Ciência da Inclusão na E.M. José Tavares de Macedo

Na E.M. José Tavares Macedo, o leitor será confrontado



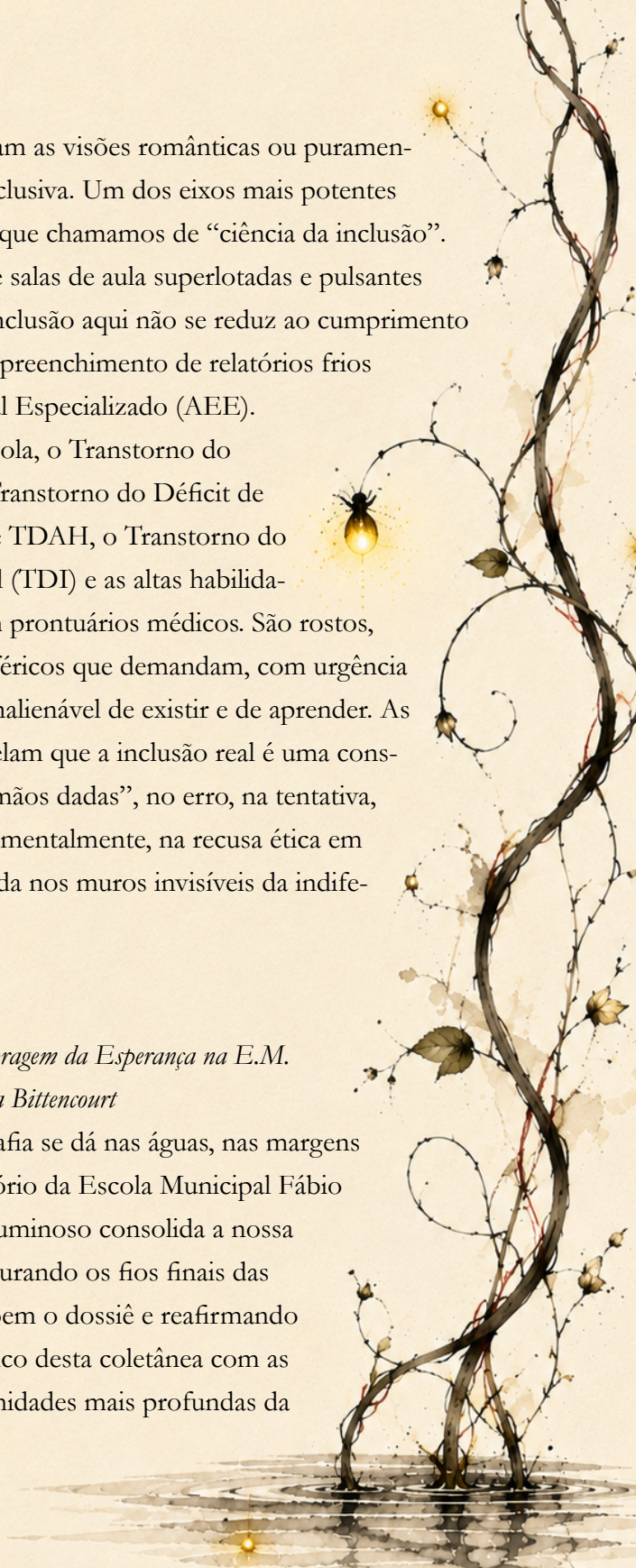
com relatos que desestabilizam as visões românticas ou puramente tecnicistas da educação inclusiva. Um dos eixos mais potentes desta comunidade reside no que chamamos de “ciência da inclusão”. Gestada no manejo diário de salas de aula superlotadas e pulsantes com infâncias singulares, a inclusão aqui não se reduz ao cumprimento de metas burocráticas ou ao preenchimento de relatórios frios de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Para as professoras desta escola, o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade TDAH, o Transtorno do Desenvolvimento Intelectual (TDI) e as altas habilidades não são siglas fixadas em prontuários médicos. São rostos, são nomes, são corpos periféricos que demandam, com urgência poética e política, o direito inalienável de existir e de aprender. As etnopoemas deste Lume revelam que a inclusão real é uma construção artesanal, tecida “de mãos dadas”, no erro, na tentativa, no reajuste do olhar e, fundamentalmente, na recusa ética em deixar qualquer criança isolada nos muros invisíveis da indiferença social.

LUME VII: Sobrevivências

A Tecitura dos Saberes e a Ancoragem da Esperança na E.M.

Senador Fábio Pereira de Lucena Bittencourt

O fechamento desta cartografia se dá nas águas, nas margens e nas linhas tecidas no território da Escola Municipal Fábio Lucena. Este último ponto luminoso consolida a nossa caminhada cartográfica, costurando os fios finais das escritas docentes que compõem o dossiê e reafirmando o compromisso ético e político desta coletânea com as vozes que pulsam nas extremidades mais profundas da



cidade de Manaus.

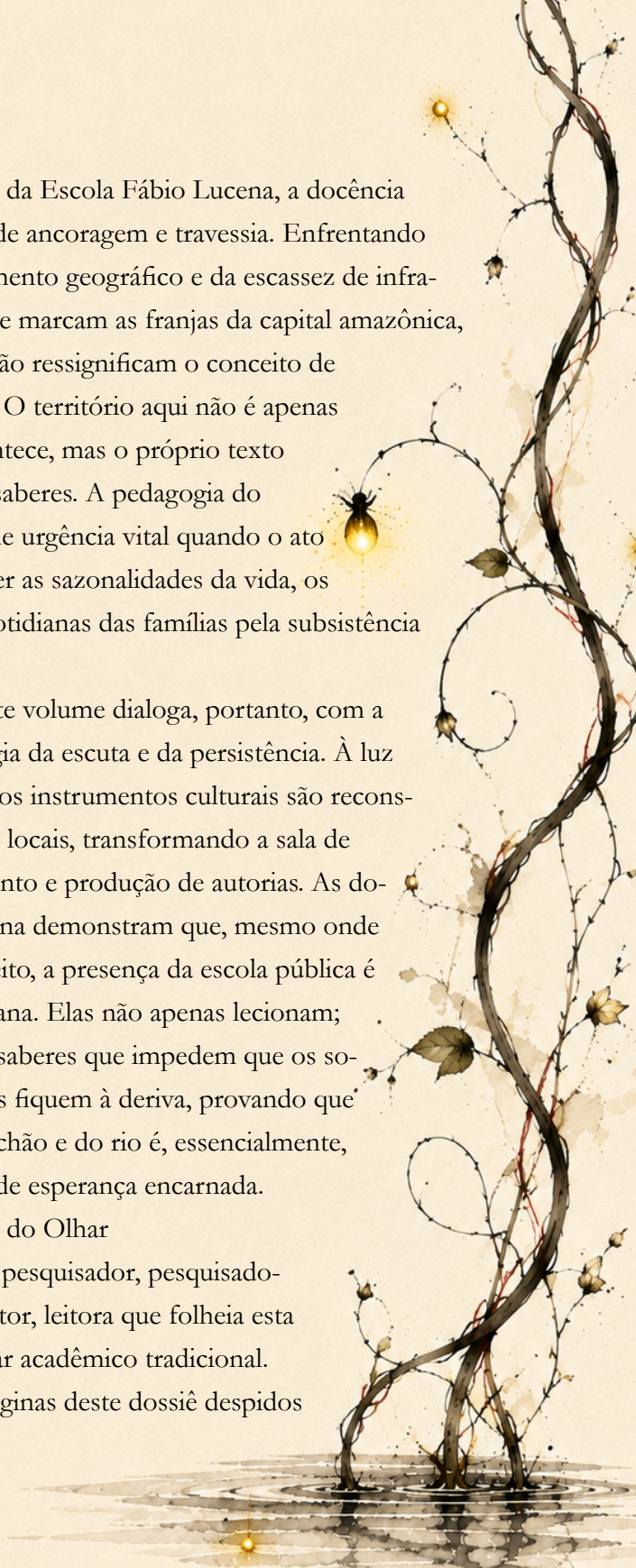
Nas narrativas que emergem da Escola Fábio Lucena, a docência se assume em sua condição de ancoragem e travessia. Enfrentando os desafios severos do isolamento geográfico e da escassez de infraestrutura que frequentemente marcam as franjas da capital amazônica, as professoras desta instituição ressignificam o conceito de “educação contextualizada”. O território aqui não é apenas o cenário em que a aula acontece, mas o próprio texto gerador de onde brotam os saberes. A pedagogia do oprimido ganha contornos de urgência vital quando o ato de ensinar exige compreender as sazonalidades da vida, os ritmos das águas e as lutas cotidianas das famílias pela subsistência digna.

A etnopoesia que encerra este volume dialoga, portanto, com a necessidade de uma pedagogia da escuta e da persistência. À luz de Vygotsky, as interações e os instrumentos culturais são reconstruídos a partir das vivências locais, transformando a sala de aula em um cais de acolhimento e produção de autorias. As docentes da Escola Fábio Lucena demonstram que, mesmo onde o poder público se faz rarefeito, a presença da escola pública é a garantia da dignidade humana. Elas não apenas lecionam; elas tecem redes de afetos e saberes que impedem que os sonhos das infâncias periféricas fiquem à deriva, provando que a ciência gerada na beira do chão e do rio é, essencialmente, uma ciência de resistência e de esperança encarnada.

O Convite à Insubordinação do Olhar

Convidamos, portanto, cada pesquisador, pesquisadora, educador, educadora e leitor, leitora que folheia esta revista a desarmar o seu olhar acadêmico tradicional.

Pedimos que adentrem as páginas deste dossiê despidos

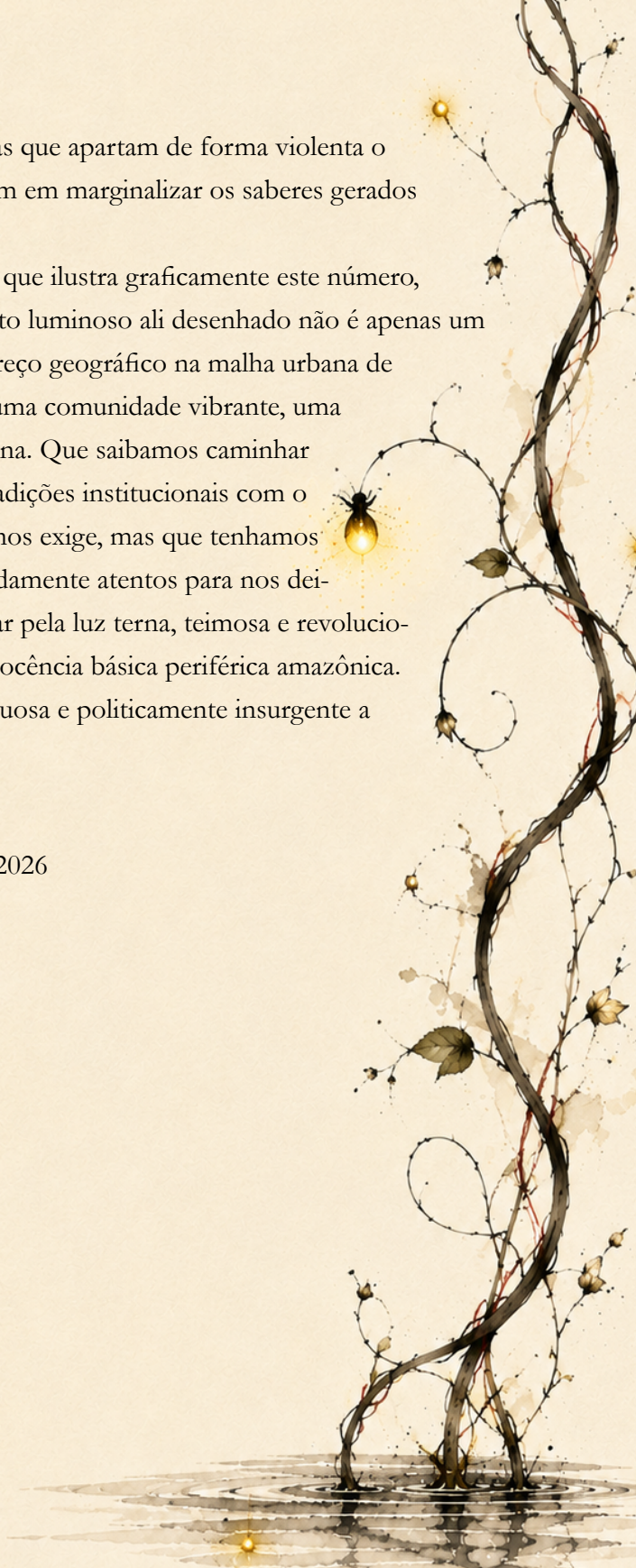


dos preconceitos cientificistas que apartam de forma violenta o pensar do sentir e que teimam em marginalizar os saberes gerados nas periferias.

Ao abrir o Mapa dos Lumes que ilustra graficamente este número, compreendam que cada ponto luminoso ali desenhado não é apenas um dado estatístico ou um endereço geográfico na malha urbana de Manaus: é uma escola viva, uma comunidade vibrante, uma trincheira de resistência urbana. Que saibamos caminhar por entre os cipós das contradições institucionais com o rigor crítico que a realidade nos exige, mas que tenhamos os olhos e o coração profundamente atentos para nos deixar guiar, afetar e transformar pela luz terna, teimosa e revolucionária desses vaga-lumes da docência básica periférica amazônica. Uma leitura inspiradora, afetuosa e politicamente insurgente a todas e todos.

Manaus, 16 de setembro de 2026

Nilda Alves
Eglê Wanzeler
Organizadoras



PRÓLOGO

Na tessitura do que hoje é o GT25 - Cotidianos – dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), após mais de trinta anos de criação do campo de pesquisas nos/dos/com os cotidianos, percebemos que, nas ações das gentes¹ da Educação, suas múltiplas dimensões precisavam ser anunciadas e compreendidas.

Por isso, ganha todo o sentido este dossiê que estamos lendo. Sabemos que as múltiplas dimensões das ações cotidianas incluem as poéticas. As próprias práticas são poéticas, têm sempre dimensões poéticas.

Mas este dossiê mostra mais: indica que a imensidão amazônica — na qual as múltiplas práticas pedagógicas das/dos/des docentes amazônicos acontecem — acrescenta, necessariamente, a expressão poética nessas relações tão potentes e complexas das gentes com as naturezas.

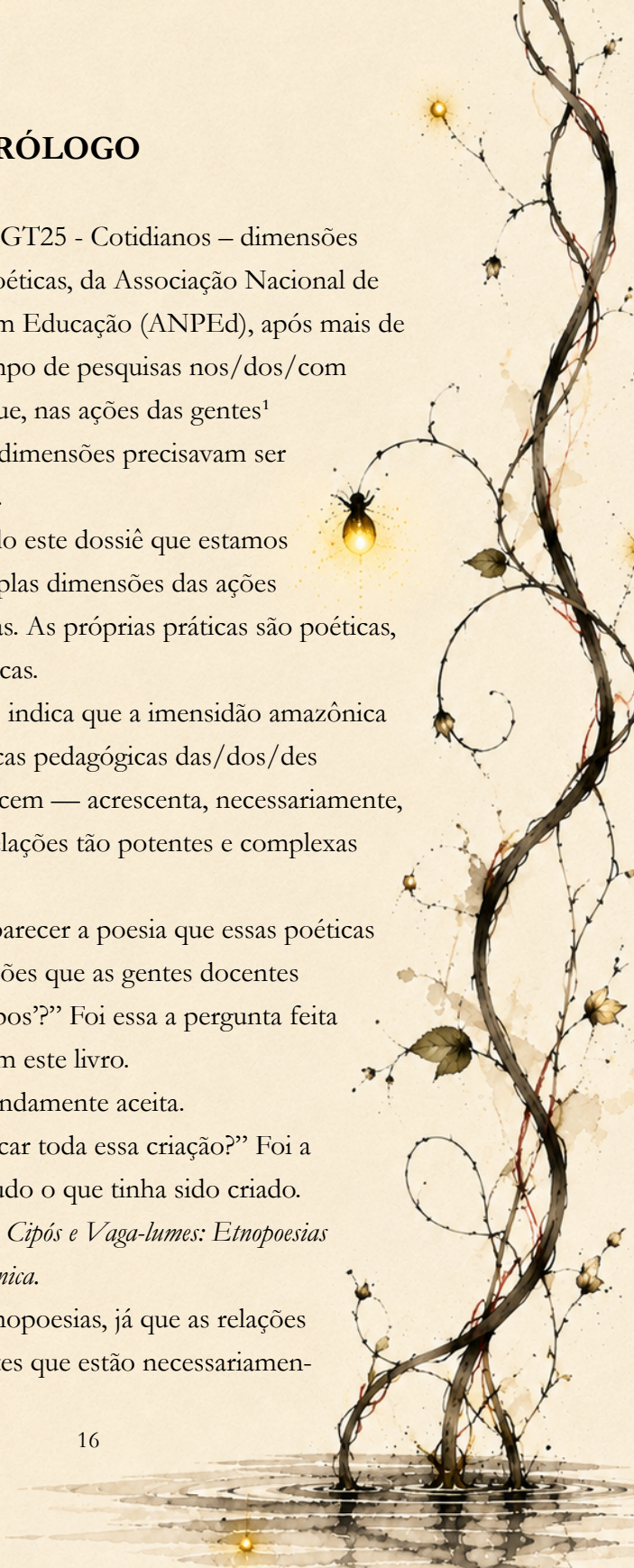
“Por que, então, não fazer aparecer a poesia que essas poéticas cotidianas fazem estar nas ações que as gentes docentes realizam nesses ‘espaçostempos’?” Foi essa a pergunta feita pelas colegas que organizaram este livro.

E a linda proposta feita foi lindamente aceita.

“E por que, então, não publicar toda essa criação?” Foi a questão seguinte, ao se ver tudo o que tinha sido criado.

E aqui está este dossiê, *Entre Cipós e Vaga-lumes: Etnopoesias dos cotidianos da docência amazônica*.

E não são só poesias. São etnopoesias, já que as relações gentes-naturezas são tão fortes que estão necessariamente no que é escrito.



Quem já visitou a Amazônia brasileira sabe que — depois de fecharmos a boca, aberta por tanta admiração que sua grandeza e complexidade nos dão no primeiro contato — as questões que ela nos coloca são muitas e muitas e muitas.

Mas algumas certezas chegam juntas: o modo de falar amazônico é o sotaque mais lindo do Brasil; o modo de pensar amplo nos prende imediatamente; a grande presença indígena nos faz “verouvirsentirpensarcriar” diferente.

E nesta revista existe tudo isso e muito mais. Sua leitura me fez muito melhor brasileira e melhor docente.

Tenho certeza de que fará muito bem a todas/todos/todes que a lerem.

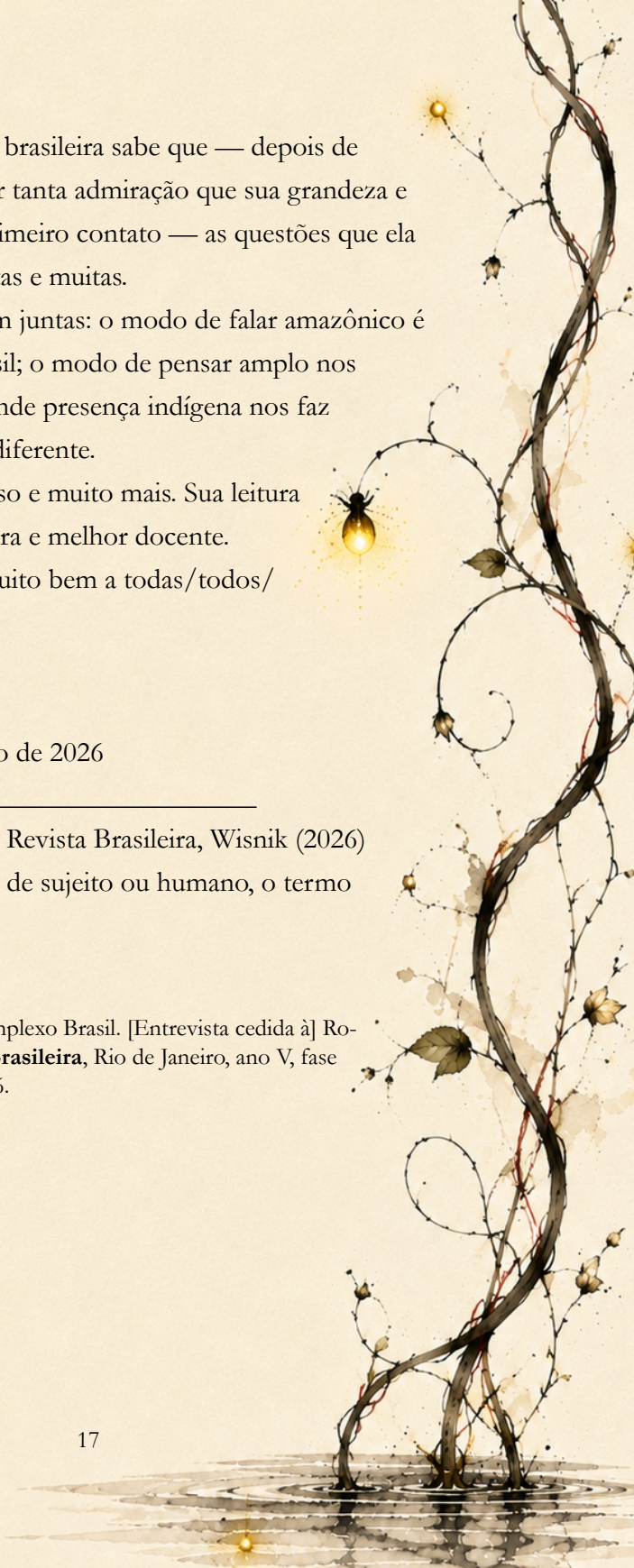
Nilda Alves

Rio de Janeiro, 9 de setembro de 2026

¹ Em entrevista publicada na Revista Brasileira, Wisnik (2026) sugere que usemos, em lugar de sujeito ou humano, o termo gentes.

Referência

WISNIK, José Miguel. Dossiê complexo Brasil. [Entrevista cedida à] Rosiska Darcy de Oliveira. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, ano V, fase X, n. 126, p. 50-67, jan./mar., 2026.



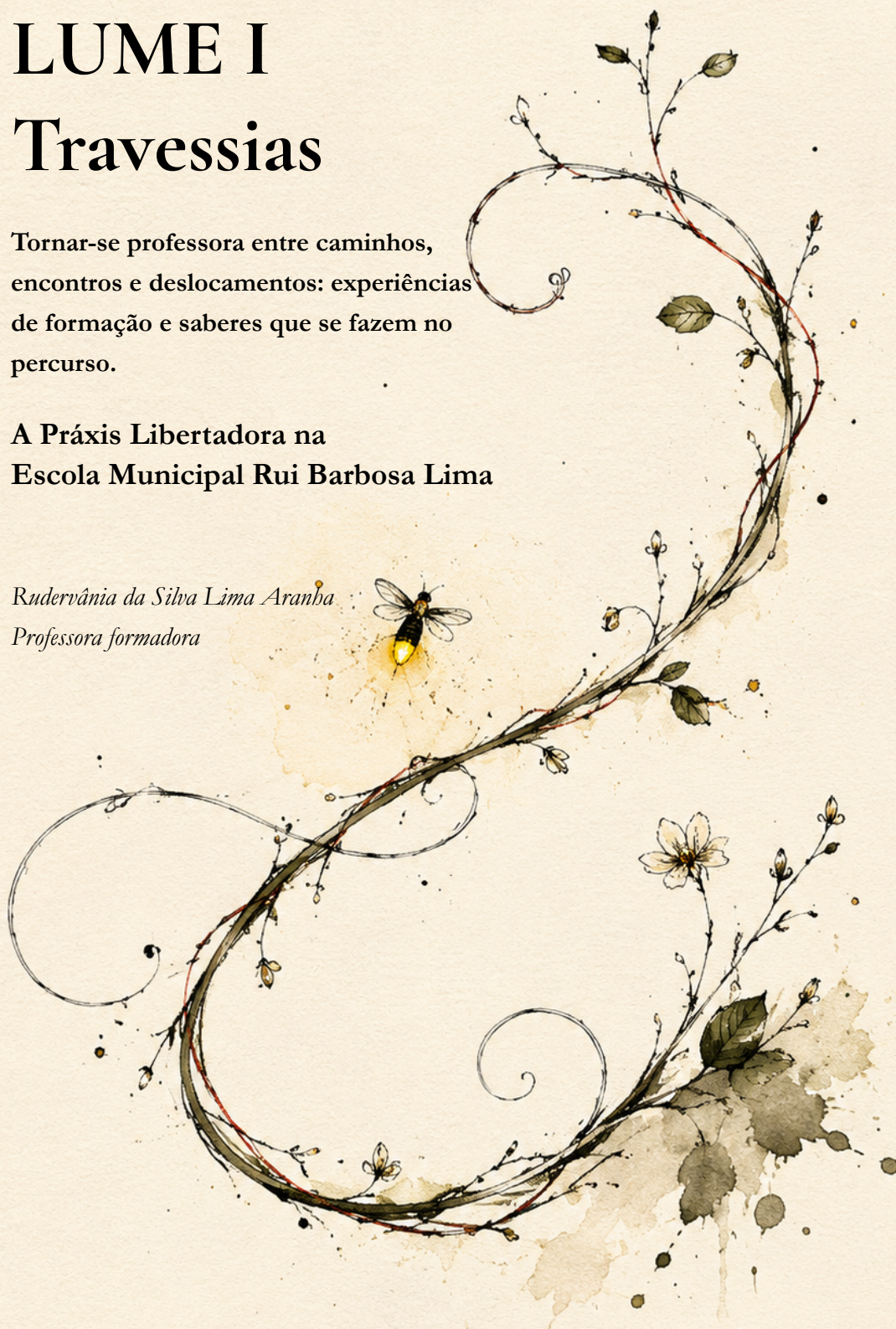
LUME I

Travessias

Tornar-se professora entre caminhos,
encontros e deslocamentos: experiências
de formação e saberes que se fazem no
percurso.

**A Práxis Libertadora na
Escola Municipal Rui Barbosa Lima**

Rudervânia da Silva Lima Aranha
Professora formadora



MEU EU NOS DOS COM O COTIDIANO

Andresa Travassos da Silva

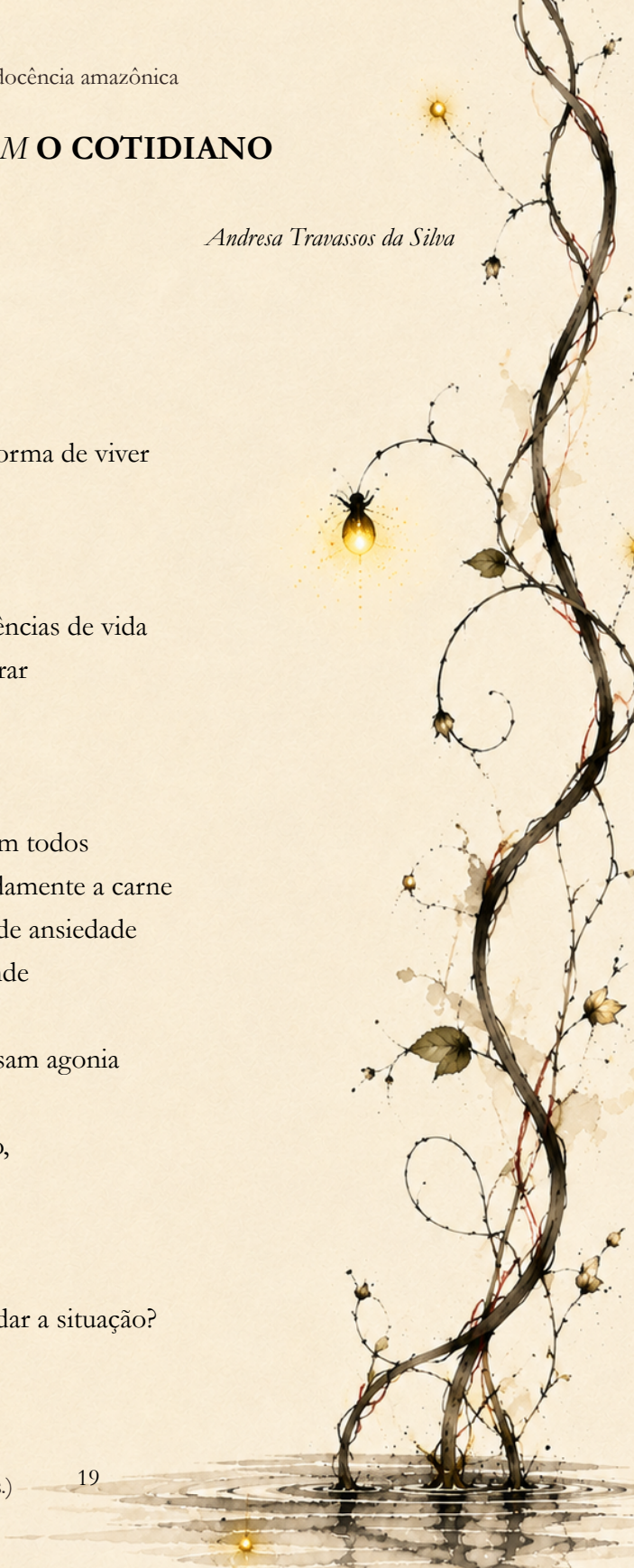
Ah, a ciência!
Como é belo o seu fazer
Meu eu, meu ser professora
Meu conhecimento, minha forma de viver
Meus desafios
Tudo isso é a minha ciência

Nutrida pelas minhas experiências de vida
Que nutrem o meu professorar
Ah, os desafios da educação!
Muitos, variados, grandes

Gritos histéricos que assustam todos
Mordidas que ferem profundamente a carne
Beliscões que causam crises de ansiedade
Uma língua que não se entende

Estruturas precárias que causam agonia
Cobranças que limitam
Medo, falta de conhecimento,
despreparo, vulnerabilidade

O que fazer?
Deixar de lado ou tentar mudar a situação?
Saúde mental ou loucura?



O que fazer?

Ah, os desafios da educação!

É a ciência sendo feita

É a ciência do ser professora sendo vivida

Autora: Andresa Travassos da Silva. Natural de Santarém/PA.

Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: atds.eec25@uea.edu.br



CIÊNCIA: DÚVIDA COMO NORTEADORA DA PESQUISA

Andrezza Vieira Borges

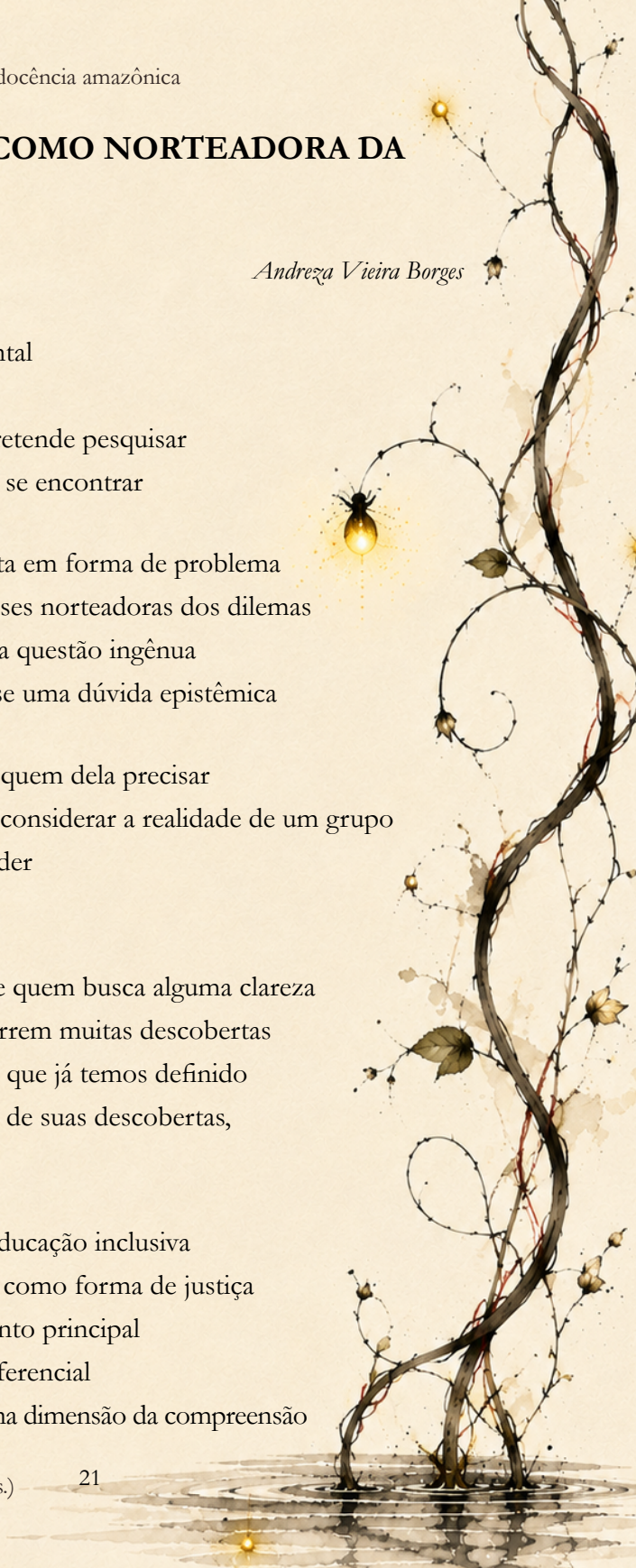
Ela é componente fundamental
De toda pesquisa em geral
Faz refletir sobre o que se pretende pesquisar
A ela uma resposta pretende se encontrar

Ela é objetiva quando descrita em forma de problema
E dela surgem muitas hipóteses norteadoras dos dilemas
Ela pode começar como uma questão ingênua
E, ao se aprofundar, tornar-se uma dúvida epistêmica

Na pesquisa, ela pode nutrir quem dela precisar
Mas, para isso, é importante considerar a realidade de um grupo
Ela é a origem do não entender
Por causa dela nasce o saber

É a luz que guia os passos de quem busca alguma clareza
Em meio aos caminhos, ocorrem muitas descobertas
Ela desafia, algumas vezes, o que já temos definido
Pois pode, a partir da análise de suas descobertas,
Sugerir novos princípios

Ao atuar na perspectiva da educação inclusiva
O que se busca é a equidade como forma de justiça
A garantia de direitos é o ponto principal
Para tornar a inclusão um referencial
Os desafios são encontrados na dimensão da compreensão

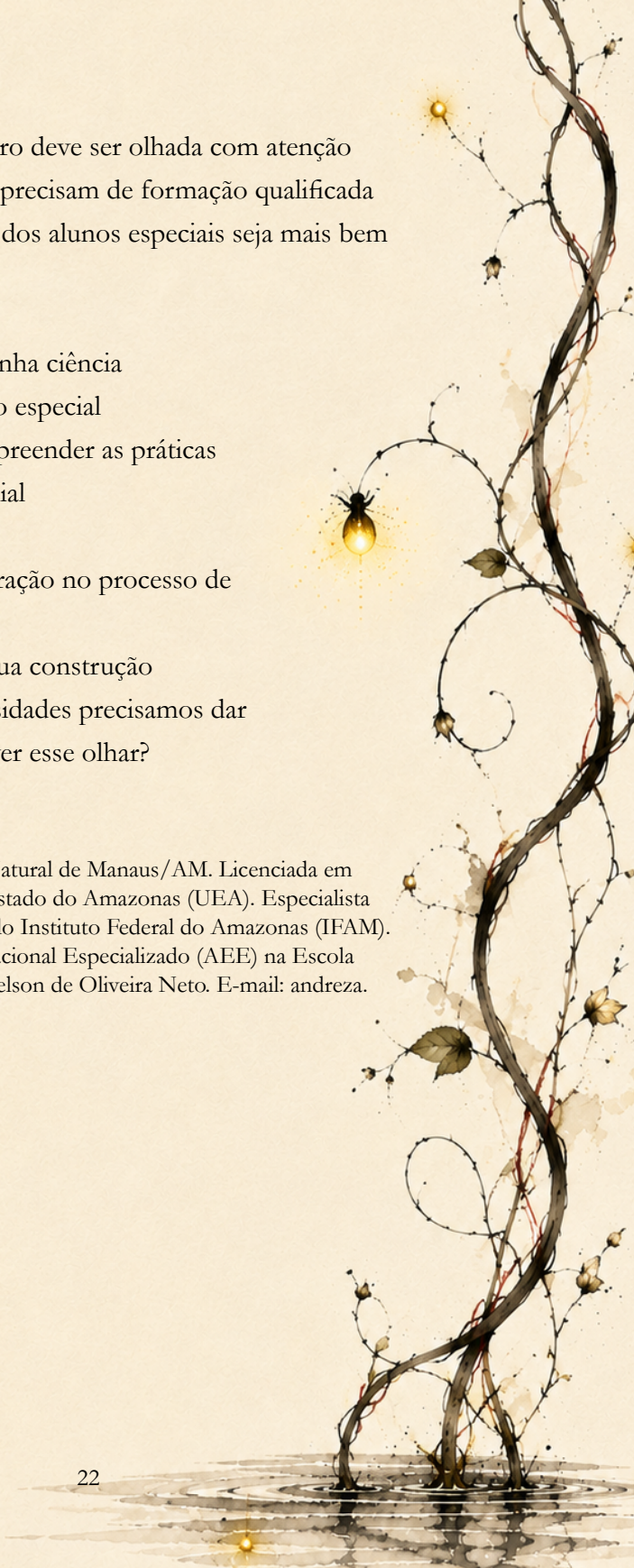


De que a necessidade do outro deve ser olhada com atenção
Os docentes em sala de aula precisam de formação qualificada
Para que cada especificidade dos alunos especiais seja mais bem
abordada

Nesse caso, o que nutre a minha ciência
sobre os sujeitos da educação especial
É a dúvida sobre como compreender as práticas
pedagógicas no contexto social

É importante destacar a interação no processo de
inclusão
Bem como o indivíduo em sua construção
Um olhar atencioso às diversidades precisamos dar
Mas de que forma desenvolver esse olhar?

Autora: Andreza Vieira Borges. Natural de Manaus/AM. Licenciada em
Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Especialista
em Investigações Educacionais pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM).
Professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Escola
Municipal Engenheiro Antônio Nelson de Oliveira Neto. E-mail: andreza.
santos@semed.manaus.am.gov.br



A CIÊNCIA QUE HABITA EM MIM

Terezinha de Jesus da Cruz Rodrigues

A minha ciência nasce
no aconchego do convívio familiar
no brincar da minha infância
nos sonhos da minha carreira profissional
na minha caminhada como ser humano

Assim, ela se torna viva no chão da escola
no olhar atento de cada estudante
no sentir profundo de cada necessidade
no silêncio que fala
nas palavras que acolhem
no observar paciente
no sorriso que encoraja
no brincar que ensina
no gesto de cuidado
e no respeito que constrói pontes

A minha ciência tem fome, e de que ela se alimenta?
Do cotidiano pulsante
Do coração que bate
a cada aprendizagem construída

das histórias que cada criança carrega nos olhos
dos sorrisos que rompem barreiras
da teimosa e bela certeza de que aprender é para todos
em qualquer tempo, em qualquer lugar



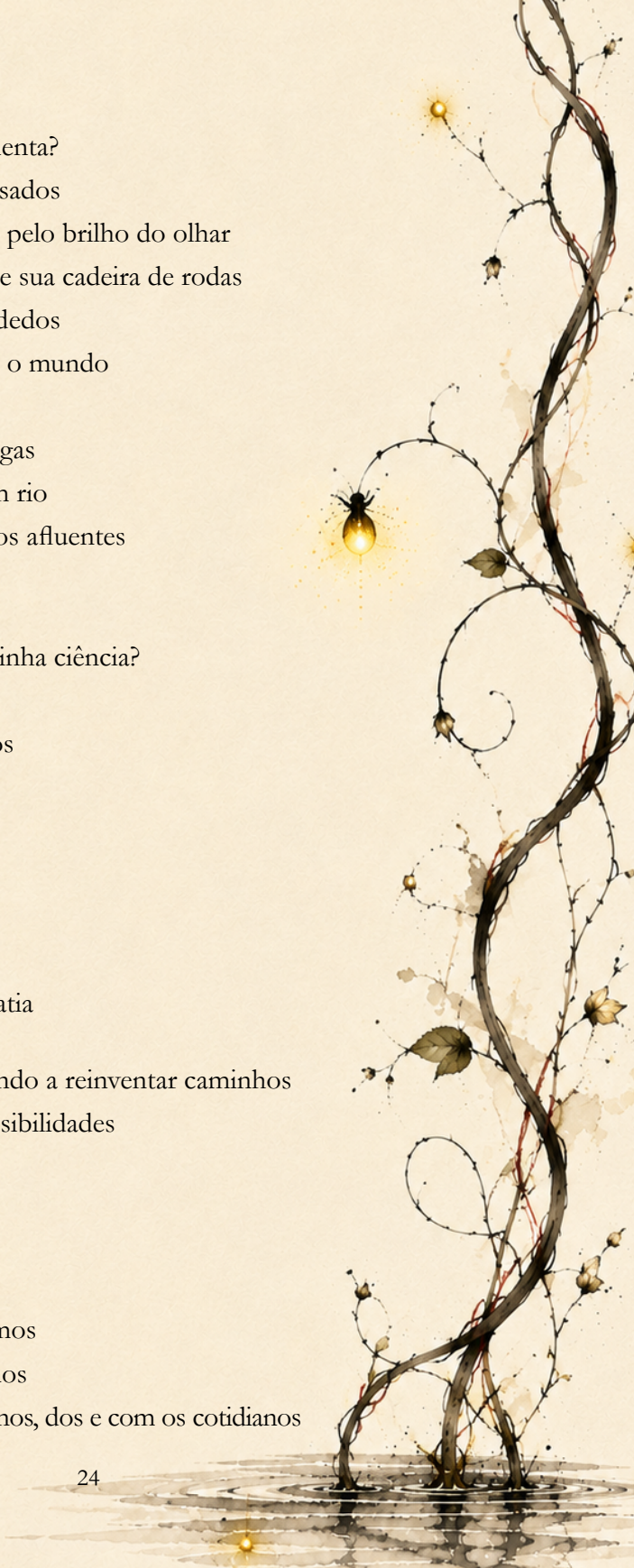
E quem a minha ciência alimenta?
Os invisíveis aos olhos apressados
o estudante que se comunica pelo brilho do olhar
aquele que dança na leveza de sua cadeira de rodas
que descobre, no toque dos dedos
o seu jeito único de enxergar o mundo

Ela também nutre meus colegas
porque a inclusão é como um rio
que precisa da força de muitos afluentes
para seguir

E quais são os desafios da minha ciência?
São os muros erguidos
pelos olhares preconceituosos
as correntes de um currículo
que não escuta a diversidade
as armadilhas de uma escola
que ainda teme o diferente
os desafios que exigem
olhar para o outro com empatia

Mas é através deles que aprendo a reinventar caminhos
a transformar limites em possibilidades
e, ao transmitir saberes
percebo que posso deixar

uma marca de humanidade
descobrimo assim quem somos
quando saímos de nós mesmos
A ciência que pratico é tecida nos, dos e com os cotidianos



é complexa, porque abraça a incerteza
é transdisciplinar, porque mistura e conecta saberes
é intercultural, porque celebra encontros
é empática
porque se coloca no lugar do outro

Assim, quando o dia termina
sei que a minha ciência
é feita de sementes
lançadas ao tempo
na esperança de que germinem

em uma escola
onde todos possam aprender
não apesar de quem são
mas justamente por serem quem são

Portanto, a minha ciência é
antes de tudo
olhar para fora de mim.

Autora: Terezinha de Jesus da Cruz Rodrigues, natural de Barreirinha/
AM. Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário do Norte/
UNINORTE. Especialista em Educação Infantil pela Universidade Fede-
ral do Amazonas/UFAM. Pós-graduada em Psicologia do Desenvolvimen-
to Infantil pela Universidade de Ribeirão Preto/SP. Professora e Assessora
de Gestão/GIDE/SEMED. E-mail: terezinha.cruz@semed.manaus.
am.gov.br



CIÊNCIA DA INCLUSÃO

Keyla Siqueira dos Santos

Não sou católica
E nem adventista
Sou o que sou
Sendo batista

Não tenho filho incluso,
Mas a inclusão
Sempre me chamou a atenção
Como professora de muitas gerações

Pois nasci em 75 e já presenciei
Várias mudanças mundiais
Tanto na igreja
Como na Educação Pública

Sinto-me até privilegiada
Por conseguir estar na caminhada
Para a melhoria das inclusões

Coloco aqui também
O bem-estar espiritual
E o corporal

Leio muitos pensadores
Mas alguns não condizem
Com a minha realidade



Salas regulares cheias
Com muitos alunos “diferentes”
Mais de inteligências em altas habilidades
Incluo alunos psicologicamente
Afetados no pós-pandemia

Ao qual também vindos
Num futuro vindouro
Geneticamente modificados
E, pelo que tudo indica,
Se acharão no time
Geração Sol Girassol
Por não terem tempo de ler e escutar
Viciados no celular
Para obter respostas rápidas
Sem ter que estudar

Creio que Deus é a própria ciência
Pois nos ensina a termos:
Esforço e, quando necessário,
Ser rigoroso consigo
E com os outros

Sistemático, pois gosta de tudo organizado
E o conhecimento ser embasado
De forma explicativa e decidida

Ser aprovado nas competências
Como diz Philippe Perrenoud
E Edgar Morin



As efetividades de Henri Wallon
Em uma de suas teorias afetivas
Decodificar a interação humana
Na intencionalidade
Para o entendimento da aprendizagem

Um enfoque exemplificar que tenho
Em meu próprio espiral genético
É que sou filha de caboclo
Com minha mãe tendo uma avó
Filha de escreva, ao qual
Lutou muitas batalhas

Ambos, meu pai e minha mãe,
Ascendência judaica

O questionamento implicante
Na confluência das epistemologia e ontologias dominantes

Nos desenvolvemos incluindo perspectivas
E conhecimentos de nossas comunidades
Marginalizadas

Um exemplo (como no Holocausto
Dos alemães aos judeus, de 1933 a 1945)

Nisso, a comunidade dessa época inclusa
Sendo levada à câmara de gás executante
Tudo para ter uma raça exuberante



Que coisa extremamente ignorante

A ferramenta decolonial

Para promover justiça social

É desafiar as estruturas de poderio

Exemplificar três grandes pensadores

A união: Piaget, Vygotsky e Wallon

Considerados o tripé teórico

Da Educação de Valor

Se abriram o leque à afetividade

E do movimento

Como motores do desenvolvimento

Para justiça social decente

Sem preceitos e preconceitos

No peito dessa gente valente

Que luta o dia inteiro

Para ser aceita

Autora: Keyla Siqueira dos Santos. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Pedagogia Plena pela Faculdade Tâhirih. Especialista em Gestão Escolar/UEA. Professora/SEMED. E-mail: ksds.eec25@uea.edu.br



EM UMA ESCOLA PERIFÉRICA

Lisleids Rodrigues da Costa

Na periferia, onde a esperança às vezes se esvai
Uma escola se ergue, com sonhos a semear
Eu, gestora, com paixão e compromisso
Trabalho pela inclusão, com a educação como guia

A ciência da educação, meu norte
Me ajuda a entender, a inovar, a incluir
Cada aluno, um mundo a descobrir
Cada desafio, uma oportunidade a aproveitar

Com a equipe, eu busco fortalecer
A prática pedagógica, com inclusão e equidade
Desenvolvemos projetos, com criatividade e amor
Para que cada aluno se sinta valorizado e amado

A inclusão, meu objetivo maior
Eu trabalho para que cada aluno se sinta parte
Da comunidade escolar, com direitos e deveres
E possa sonhar com um futuro mais justo e igual

No dia a dia, eu enfrento desafios
Mas a paixão pela educação me motiva
A ver cada aluno crescer e se desenvolver
E a se tornar um cidadão consciente e responsável

A educação, uma ciência que me inspira



A fazer a diferença na vida de cada um
Eu sou uma gestora, uma líder
Que trabalha para que a escola seja um espaço de inclusão e amor

Autora: Lisleids Rodrigues da Costa. Natural de Tefé/Am. Licenciada em Pedagogia -habilitada em Supervisão, orientação e Ensino Fundamental, pela Escola de Ensino Superior (ESBAM). Especialista em Gestão Escolar pela UFAM. Professora e Gestora/SEMED. E-mail: lisleids.costa@semed.manaus.am.gov.br



REFLEXÕES SOBRE A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO

Daniela Pereira Lira

O meu fazer pedagógico se faz com muito afeto e acolhimento
Buscando sempre oportunizar aos alunos
Bons momentos de conhecimento

Através da ludicidade
E atendendo às suas especificidades
Proporcionando a eles experiências didáticas fabulosas
Tornando as aulas mais prazerosas

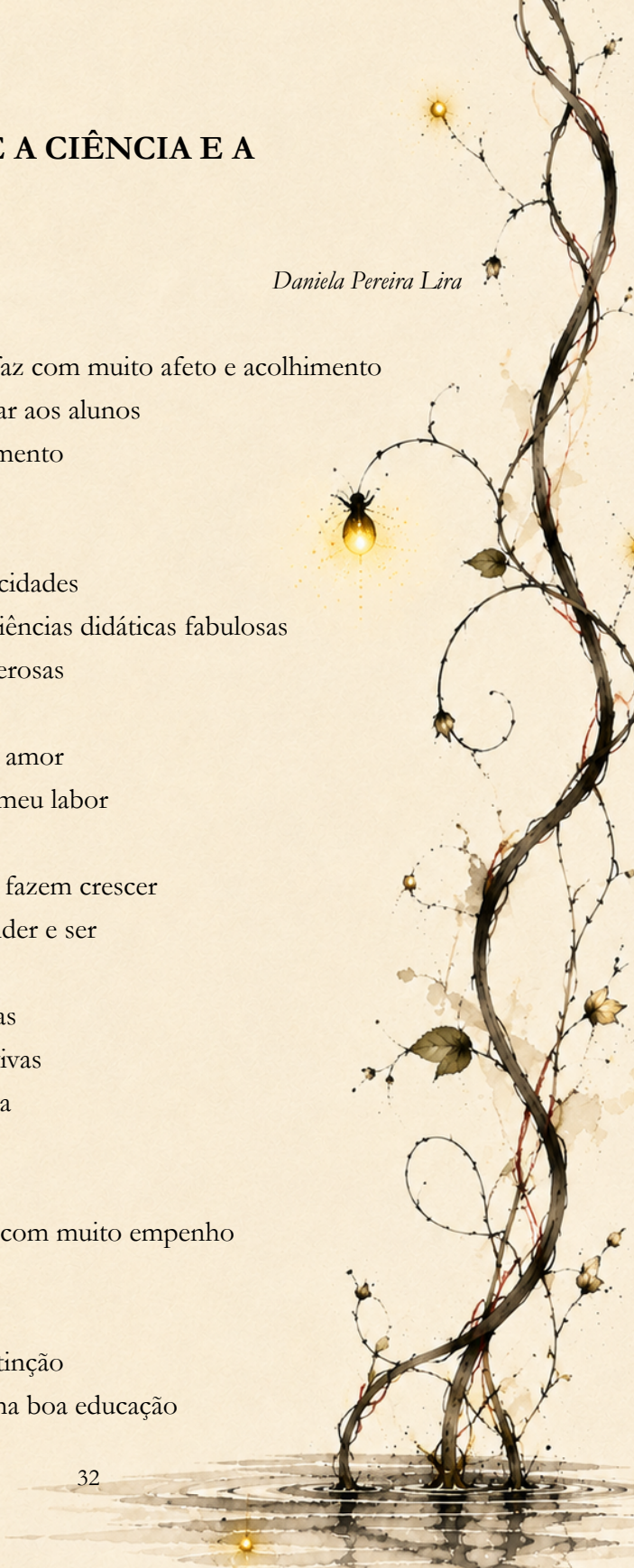
A minha ciência é nutrida de amor
De estudos que brilham em meu labor

Fundamentos me guiam, me fazem crescer
Na busca constante de aprender e ser

Ensinar é atender expectativas
Acolher histórias, torná-las vivas
Potencializar cada experiência
Dar à didática nova essência

Os desafios são enfrentados com muito empenho
Em busca de conhecimento

Envolvendo a todos sem distinção
Para que tenham acesso a uma boa educação



Assim, no caminho da aprendizagem
Transformo em ponte a viagem
Onde o saber se torna significativo
E todos se envolvem no coletivo

Autora: Daniela Pereira Lira. Natural de Manaus/AM. Licenciada em
Normal Superior pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA).
Professora/SEMED. E-mail:
daniela.lira@semed.manaus.gov.br.



ALQUIMIA DOS SABERES

Carla Maria Nunes da Costa

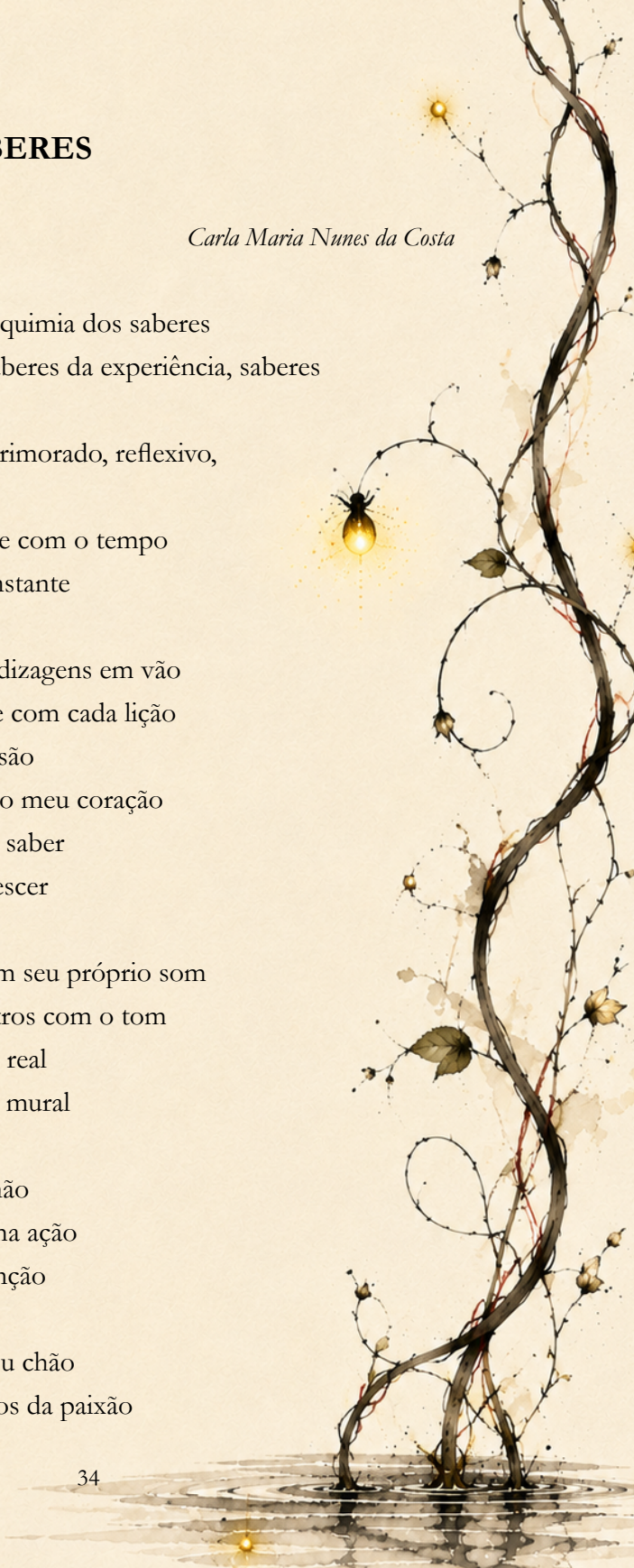
A ciência do meu fazer é a alquimia dos saberes
Saberes do conhecimento, saberes da experiência, saberes
pedagógicos
É conhecimento didático, aprimorado, reflexivo,
perseverante
Não é estagnado, aprimora-se com o tempo
E se sustenta na reflexão constante

Minha ciência não são aprendizagens em vão
Mas transforma-se e aprende com cada lição
Incluo não por dever ou missão
E sim porque a justiça está no meu coração
Na sala, há espaço para todo saber
Comunicar, sentir, errar e crescer

Cada aluno é um mundo, com seu próprio som
Uns falam com os olhos, outros com o tom
Todos ensinam, se a escuta é real
A diferença é ponte, nunca é mural

É prática viva, é teoria em chão
Faço da ciência um gesto, uma ação
Misturo afeto, pesquisa, intenção

Na inclusão, sou semente, sou chão
Cultivo equidade com as mãos da paixão



Só se aprende verdadeiramente a ser
Quando se está disposto a crescer
Não basta apenas a técnica
Ou o domínio da habilidade de saber fazer

A empatia, a abertura ao outro e à mudança
São igualmente importantes para a transformação social
acontecer

Valorização do diálogo, da escuta ativa e do aprendizado
constante

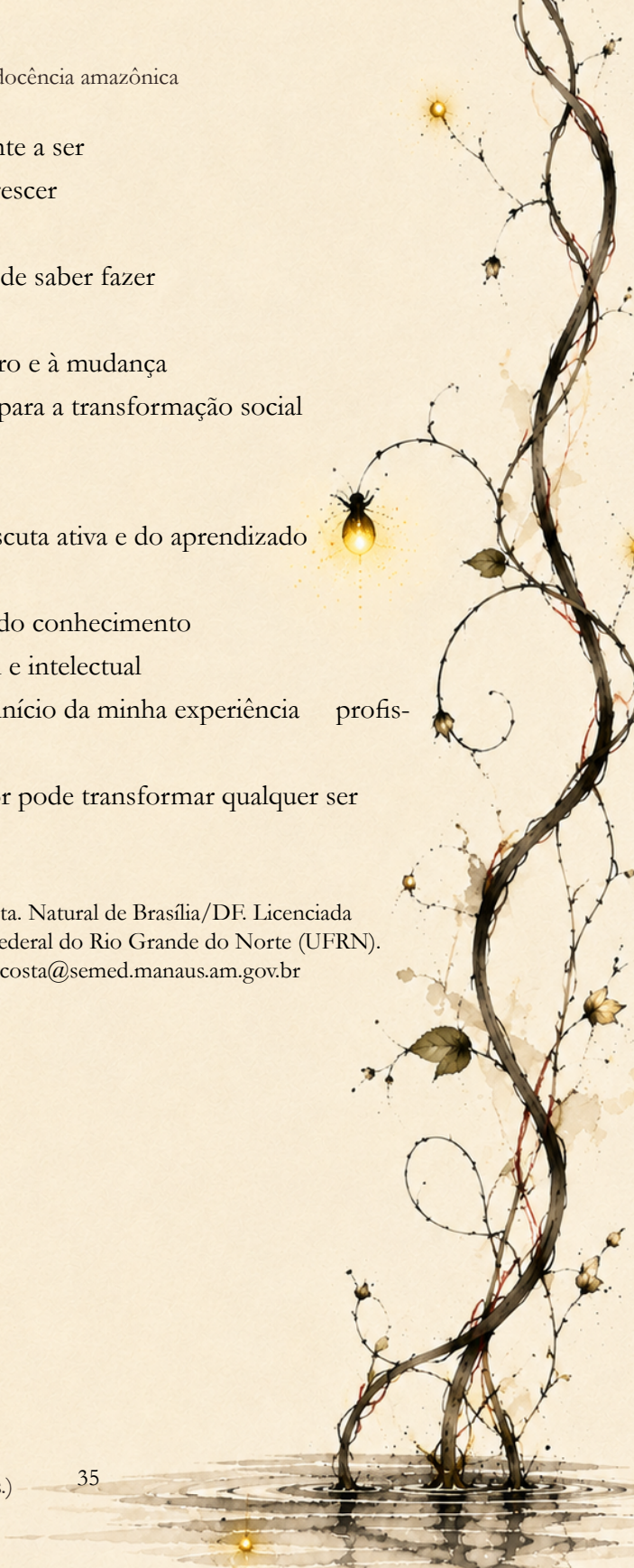
Alquimia da transformação, do conhecimento

Do desenvolvimento pessoal e intelectual

Assim compreendi, desde o início da minha experiência profis-
sional

Que só a educação com amor pode transformar qualquer ser

Autora: Carla Maria Nunes da Costa. Natural de Brasília/DF. Licenciada
em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
Pedagoga/ SEMED. E-mail: carla.costa@semed.manaus.am.gov.br



ALQUIMIA DAS PALAVRAS

Cleciene da Silva e Souza

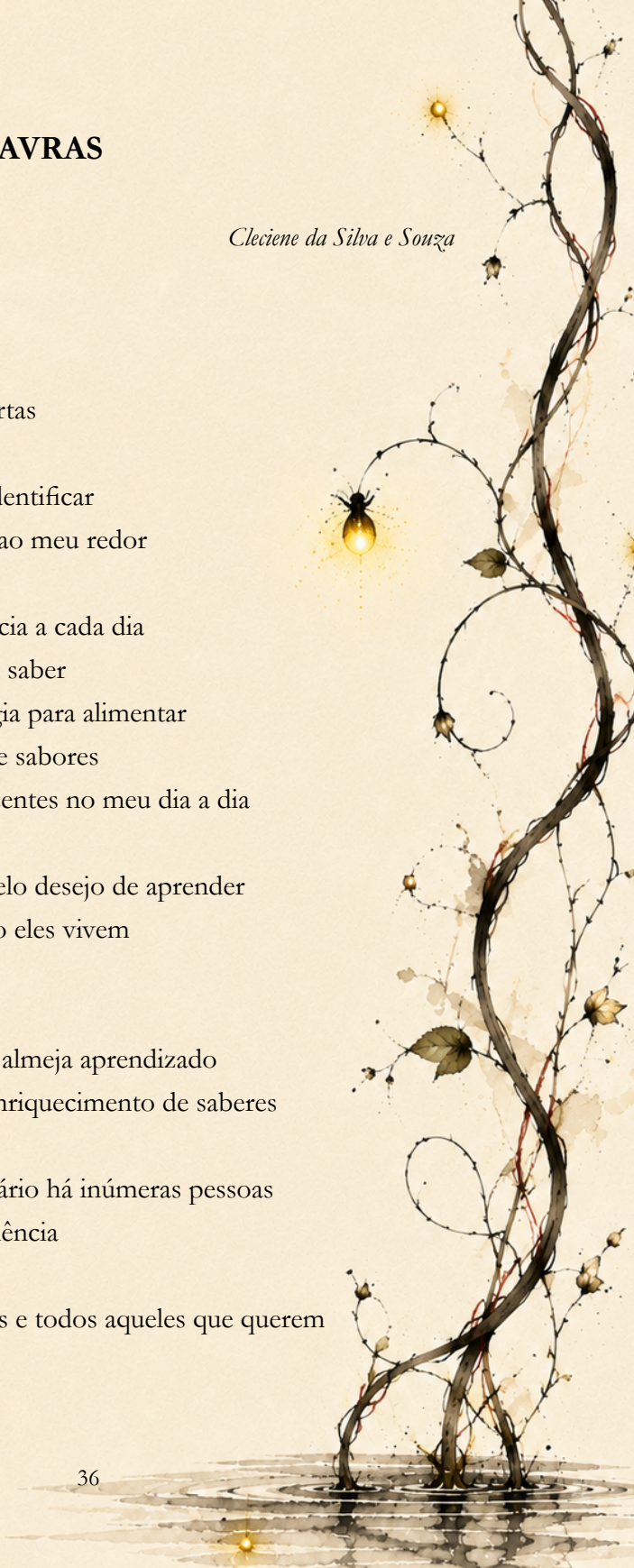
A ciência do meu fazer é
Aquele que envolve descobertas
Aprendizados
Essa ciência me faz querer identificar
Investigar e solucionar tudo ao meu redor

É ela que nutre a minha ciência a cada dia
As pessoas precisam do meu saber
Da minha disposição e energia para alimentar
De saberes e, por que não, de sabores
A vida das crianças e adolescentes no meu dia a dia

Nutrida pela curiosidade e pelo desejo de aprender
E compreender onde e como eles vivem
Ou gostariam de viver

A minha ciência nutre quem almeja aprendizado
Mudança, conhecimento e enriquecimento de saberes

No meu fazer pedagógico diário há inúmeras pessoas
Sendo nutridas pela minha ciência
Alunos, pais
Responsáveis, família, amigos e todos aqueles que querem
aprender



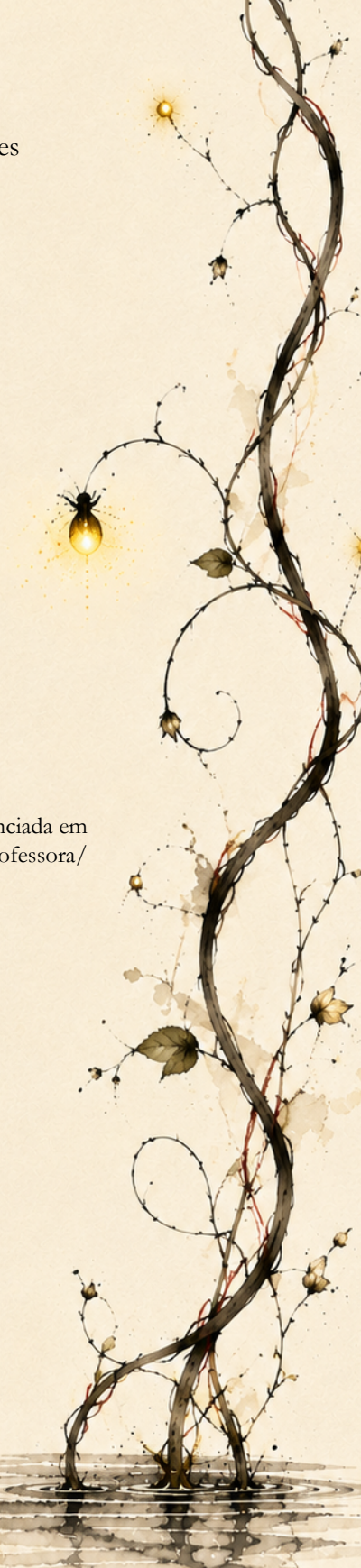
Porém, nesse percurso, encontro inúmeras dificuldades
E desafios

Falta de apoio da família
Estrutura física e material nas escolas
Escassez de profissionais de apoio
Que nos auxiliem com os alunos atípicos

O desejo de transformar
Também é o que nutre a minha ciência

De mudança de vida
De conhecer lugares diferentes
Outras realidades

Autora: Cleciene da Silva e Souza. Natural de Lábrea/AM. Licenciada em
Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora/
SEMED. E-mail: cleciene.souza@semed.manaus.am.gov.br



O MEU FAZER...

Érica Alves de Souza

Entende-se por ciência do meu fazer
Os fundamentos teóricos e as práticas
Em métodos e procedimentos eficientes

Para executar e melhorar habilidades
E obter bons resultados nas tarefas

A busca por novos conhecimentos
Através de pesquisas em livros
Artigos científicos
Cursos de formação e embasamento
A interação com especialistas

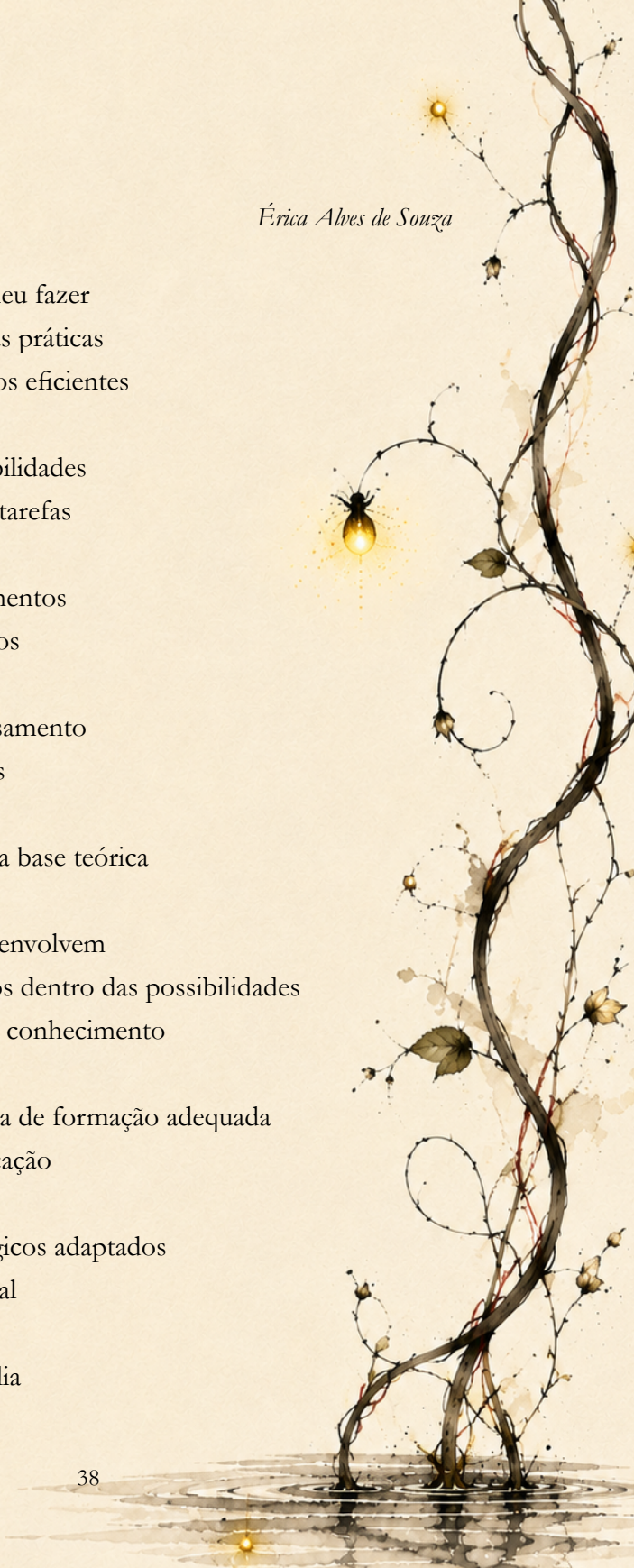
É fundamental para ampliar a base teórica

São estudos e pesquisas que envolvem
Os conhecimentos adquiridos dentro das possibilidades
E habilidades dos objetos de conhecimento

Os desafios aparecem na falta de formação adequada
Para os profissionais da educação

Na falta de recursos pedagógicos adaptados
Para cada necessidade especial

Na falta de interesse da família
E no preconceito social



Autora: Érica Alves de Souza. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Letras/
Habilitação em Licenciaturas pela Faculdade ESBAM. Especialista em Psicopedagogia. Cursos: Libras básico, intermediário, avançado e interpretação. Professora/
SEMED da Classe Especial e Sala de Recurso. E-mail: erica.souza@semed.manaus.am.gov.br



DA CURIOSIDADE À PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Greice Nascimento de Almeida

A inteligência concedida ao ser humano
Possibilita que este se torne um pesquisador permanente

Desde os primórdios da civilização
A humanidade busca compreender
Os acontecimentos do mundo

Seja para desenvolver a cura de enfermidades
Seja para explicar fenômenos que ocorrem na Terra

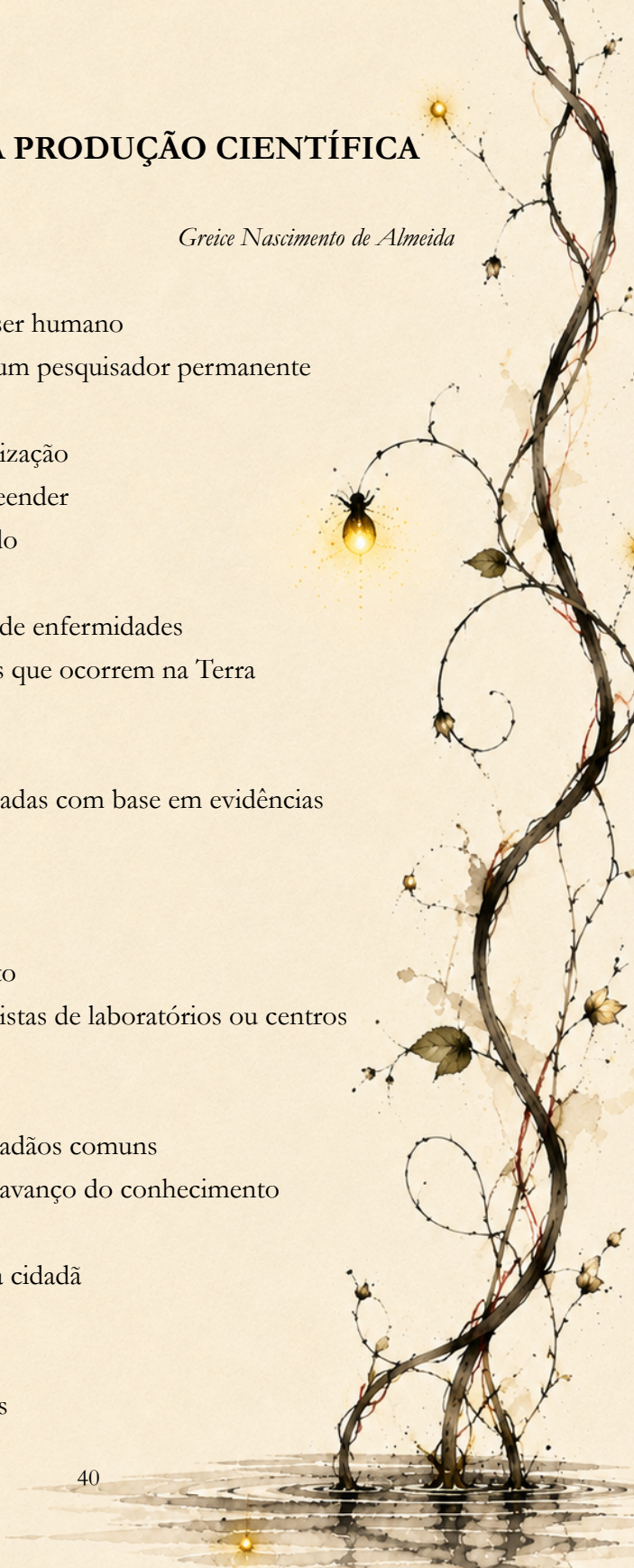
Por meio da ciência
Novas descobertas são realizadas com base em evidências
concretas
E não em meras suposições

A prática científica, entretanto
Não se restringe aos especialistas de laboratórios ou centros
acadêmicos

Em diferentes contextos, cidadãos comuns
Também contribuem para o avanço do conhecimento

Por meio da chamada ciência cidadã

Que se manifesta em ações
Como a observação de astros



O registro de espécies animais
E a coleta de dados ambientais

Essa busca pelo saber é fortalecida pela dimensão histórico-cultural
Que constitui o desenvolvimento humano

O conhecimento não é produto isolado

Mas emerge da interação social e da mediação cultural

Em um processo no qual cada indivíduo
Se constrói e se reconstrói continuamente

Assim, a curiosidade e a inconformidade diante de determinadas
realidades

Constituem forças motrizes que impulsionam
O ser humano à investigação

Esse movimento conduz ao processo de descoberta
E à produção de novos saberes

Reafirmando que a ciência é um patrimônio coletivo
Em constante construção

Autora: Greice Nascimento de Almeida. Natural de Lábrea/AM.
Licenciada em Pedagogia pela Faculdade UNINORTE. Especialista em
Educação Especial pela UNIASSELVI. Professora/SEMED. E-mail:
greice.almeida@semed.manaus.am.gov.br



A CIÊNCIA DO MEU SABER

Humbertisa Pimentel Gondim Barbosa

A ciência do meu saber é a educação física
Que está fundamentada no estudo do movimento humano
E em suas manifestações

Integrando conhecimentos das ciências biológicas e
humanas

Ela nutre o saber profissional

Através da aplicação de princípios teóricos e práticos

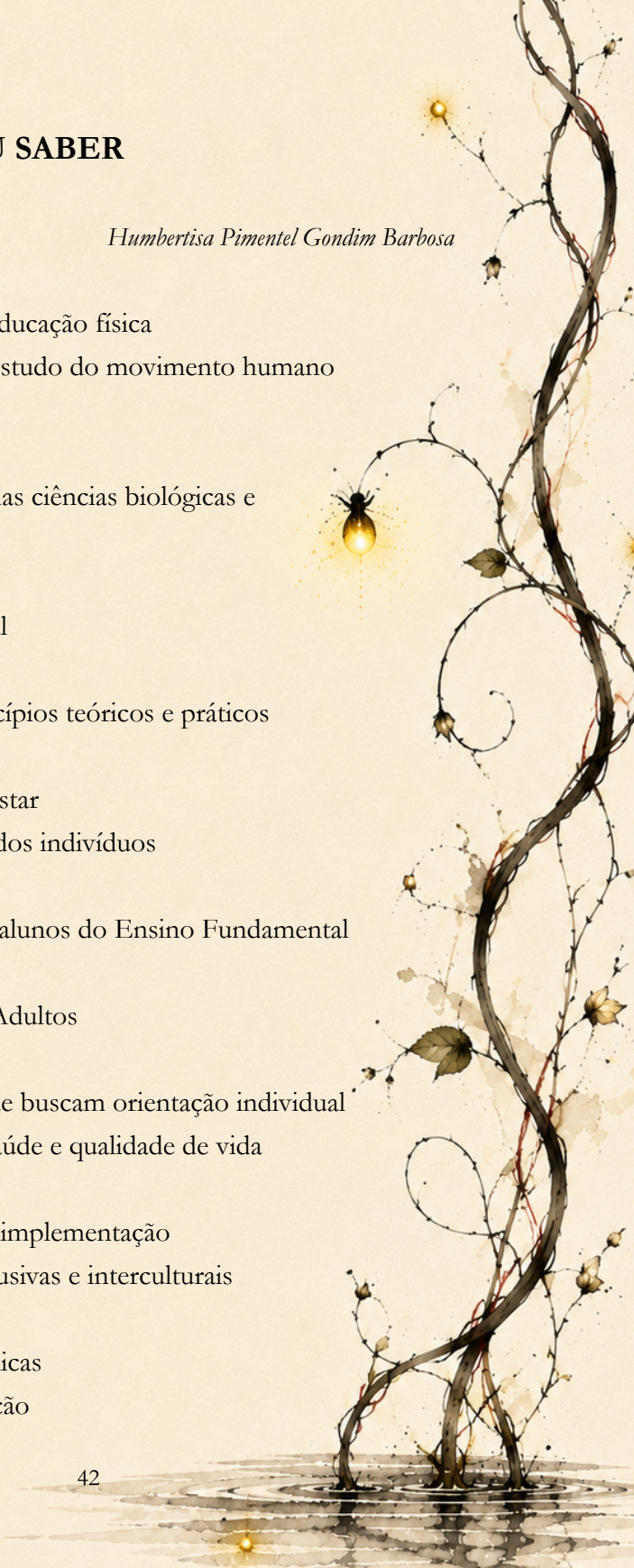
Para promover saúde, bem-estar
E desenvolvimento integral dos indivíduos

A minha ciência nutre meus alunos do Ensino Fundamental
dos Anos Iniciais
E da Educação de Jovens e Adultos

Assim como meus alunos que buscam orientação individual
Como personal trainer em saúde e qualidade de vida

Os desafios que enfrento na implementação
De práticas pedagógicas inclusivas e interculturais

Com alunos das escolas públicas
Nas quais exerço minha função



São a infraestrutura inadequada

A falta de parceria entre escola e família

A falta de formação de professores

A falta de recursos

E a necessidade de adaptação de materiais

Mesmo com todas essas dificuldades mencionadas

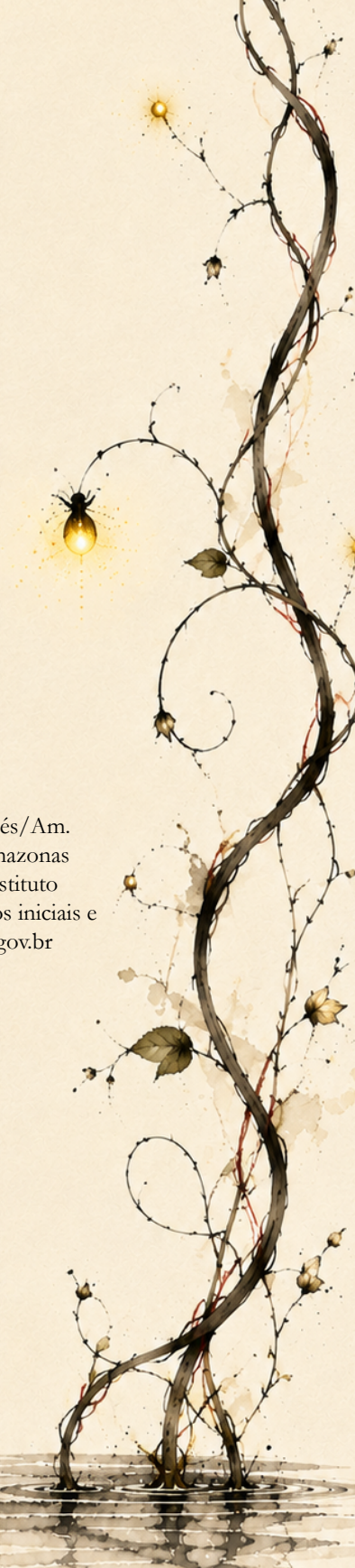
Considero muito exitoso acompanhar a evolução de meus alunos

Aos poucos eles desenvolvem autonomia

Melhoram o convívio entre si com respeito

E aprimoram suas habilidades motoras e físicas

Autora: Humbertisa Pimentel Gondim Barbosa. Natural de Maués/Am. Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Atividade Física e Saúde/Faculdade Instituto Brasil de Ensino (IBRA). Professora de Educação Física dos anos iniciais e EJA/SEMED. E-mail: humbertisa.barbosa@semed.maués.am.gov.br



NA CONVIVÊNCIA EM SALA DE AULA

Izabel Cristina Corrêa Pinheiro

A ciência do meu fazer

É a somatória de conhecimentos teóricos

Saberes práticos adquiridos no contexto

E na convivência em sala de aula

Minha ciência se nutre dos meus fundamentos

Que dialogam entre si

Que em parte se reforçam nos conhecimentos teóricos

Sobre cognição e seus processos de aprendizagem

Mas também considerando fortemente meus valores filosóficos

E sociológicos

Essa soma se reflete em contínua construção de
fundamentos psicológicos

Na busca de compreender o que pensam

Sentem e apreendem os alunos em cada fase do ensino

Minha ciência nutre minha prática

Norteia meu processo de novas metodologias a serem
aplicadas



Em minha abordagem de ensino

E torna a aprendizagem fluida e eficaz
Possibilita-me uma construção contínua
Do ensino-aprendizagem

Os desafios que surgem e ressurgem na educação especial
inclusiva

Trazem sempre novos aspectos

Fomentando mudanças de estratégias
E abordagens no processo de ensino

São, portanto, molas propulsoras

Que impulsionam meu fazer

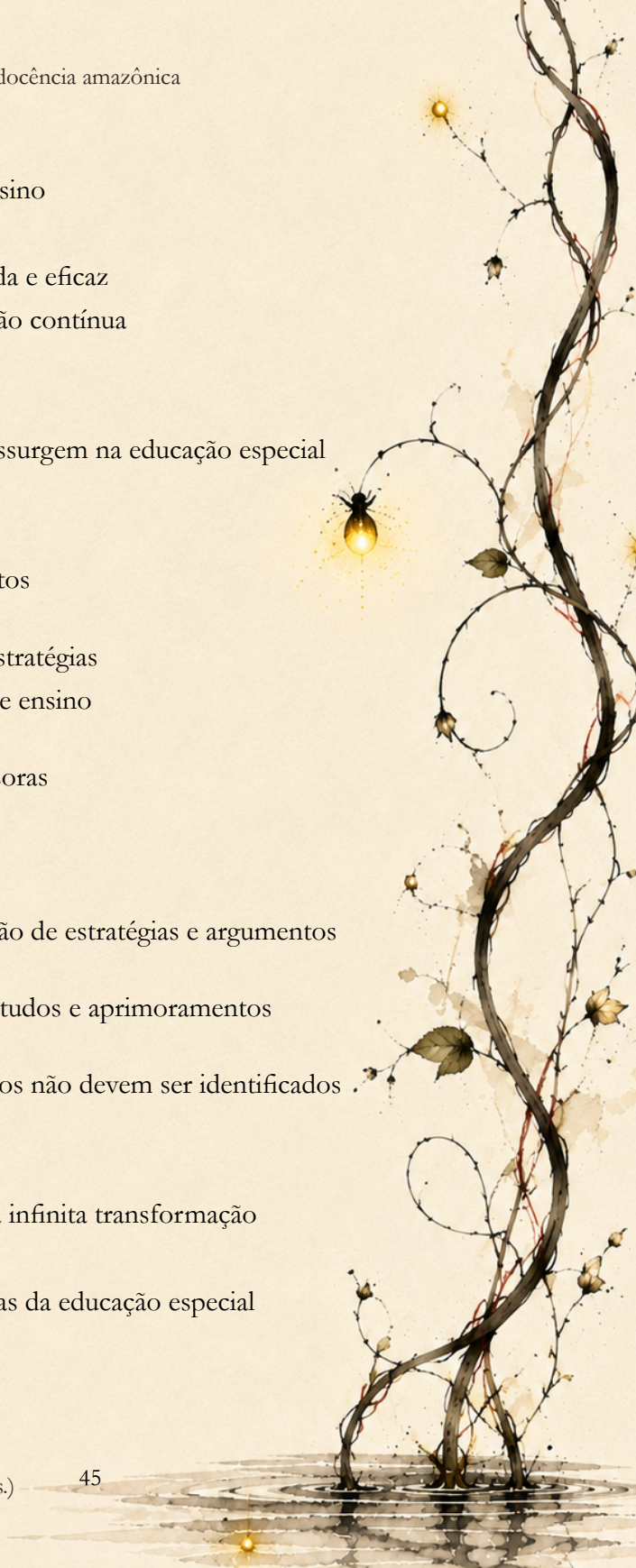
Sempre direcionando à criação de estratégias e argumentos

Embasados em contínuos estudos e aprimoramentos

Assim concluo que os desafios não devem ser identificados
como problema

Mas como ferramenta para a infinita transformação

Dos conceitos e metodologias da educação especial
inclusiva



Autora: Izabel Cristina Corrêa Pinheiro. Natural de Manaus/Am. Licenciada em Educação Artística pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: izabel.pinheiro@semed.manaus.am.gov.br



EDUCAÇÃO, UMA CIÊNCIA DE VIDA

Maria Elina Lavareda da Silva

A ciência do meu fazer
É construída diariamente na prática docente

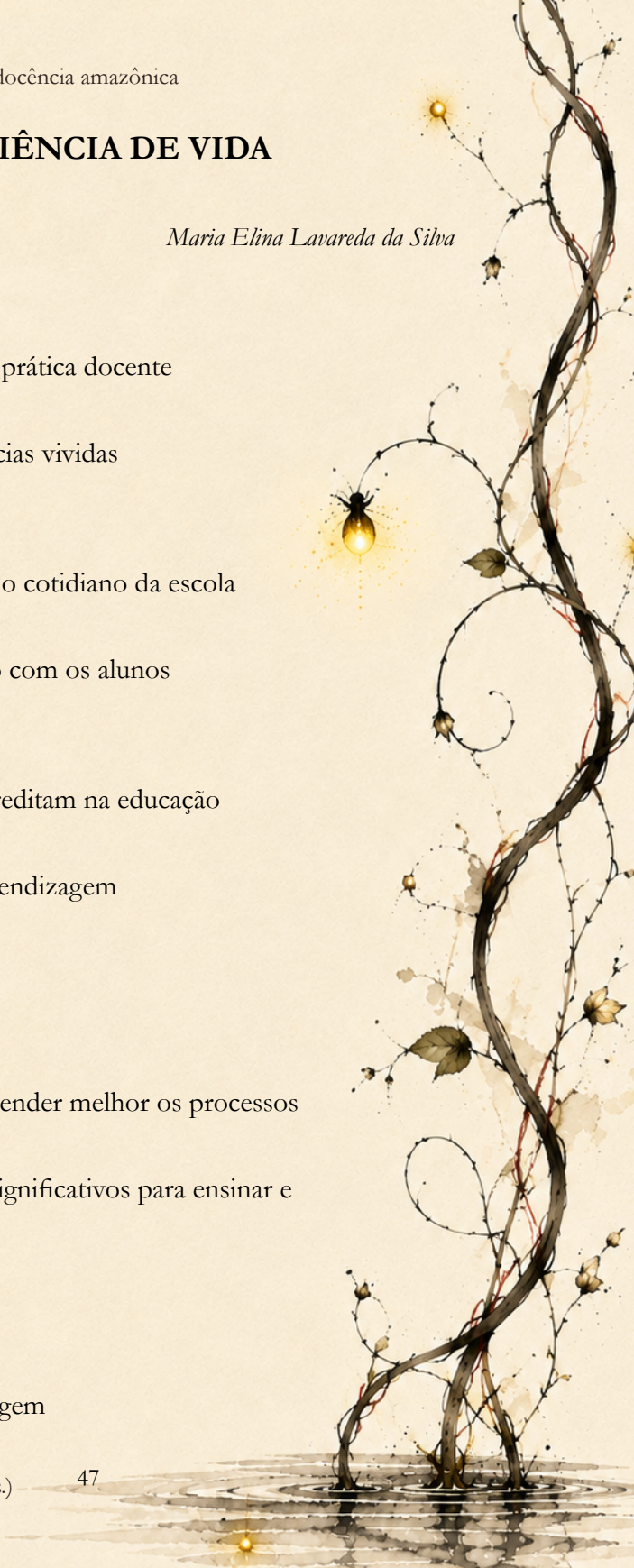
Ela se alimenta das experiências vividas
Das formações realizadas
Das leituras compartilhadas
E das reflexões produzidas no cotidiano da escola

Nutre-se também do diálogo com os alunos
Com as famílias
Com os colegas de profissão
E com todos aqueles que acreditam na educação

Minha ciência alimenta a aprendizagem
O desenvolvimento humano
A inclusão
E o respeito às diferenças

Por meio dela busco compreender melhor os processos
educativos
E construir caminhos mais significativos para ensinar e
aprender

Os desafios são muitos
A falta de recursos
As dificuldades de aprendizagem



As desigualdades sociais
A ausência de apoio familiar
E as barreiras que ainda limitam a inclusão

Mesmo diante dessas dificuldades
Continuo acreditando na educação como possibilidade de
transformação

Porque ensinar é também aprender
E aprender é uma forma permanente de reinventar a vida

Autora: Maria Elina Lavareda da Silva. Natural de Maués/Am. Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Gestão Escolar pela UFAM. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela UNINORTE. Professora/SEMED/SEDUC. E-mail: maria.elina@semed.manaus.am.gov.br



A CIÊNCIA É O FAZER ENTENDER

Maria Elisângela Lavareda da Silva

A ciência do meu fazer
Está presente em cada planejamento
Em cada observação
E em cada tentativa de compreender os processos de
aprendizagem

Ela nasce da curiosidade
Da investigação
Da escuta atenta
E da busca constante por respostas

Nutre-se da teoria
Mas também das experiências construídas no cotidiano escolar

Minha ciência alimenta a prática pedagógica

Ajuda-me a compreender os desafios
A reconhecer potencialidades
E a criar estratégias para que todos possam aprender

Os desafios encontrados são diversos

A falta de recursos
As dificuldades de acesso
As diferenças de aprendizagem
E a necessidade permanente de formação profissional



Entretanto

São esses desafios que impulsionam novas buscas

Que fortalecem o compromisso com a educação

E que tornam a ciência um instrumento para fazer compreender

E para transformar realidades

Autora: Maria Elisângela Lavareda da Silva. Natural de Maués/Am.
Licenciada em Letra pela ESBAM. Especialista em Gestão Escolar
UFAM. Professora SEMED. Gestora/SEMED. E-mail:
maria.lavareda@semed.manaus.am.gov.br



FAZER CIÊNCIA COM UMA TURMA INCLUSIVA

Luis Antônio Lima Guedes

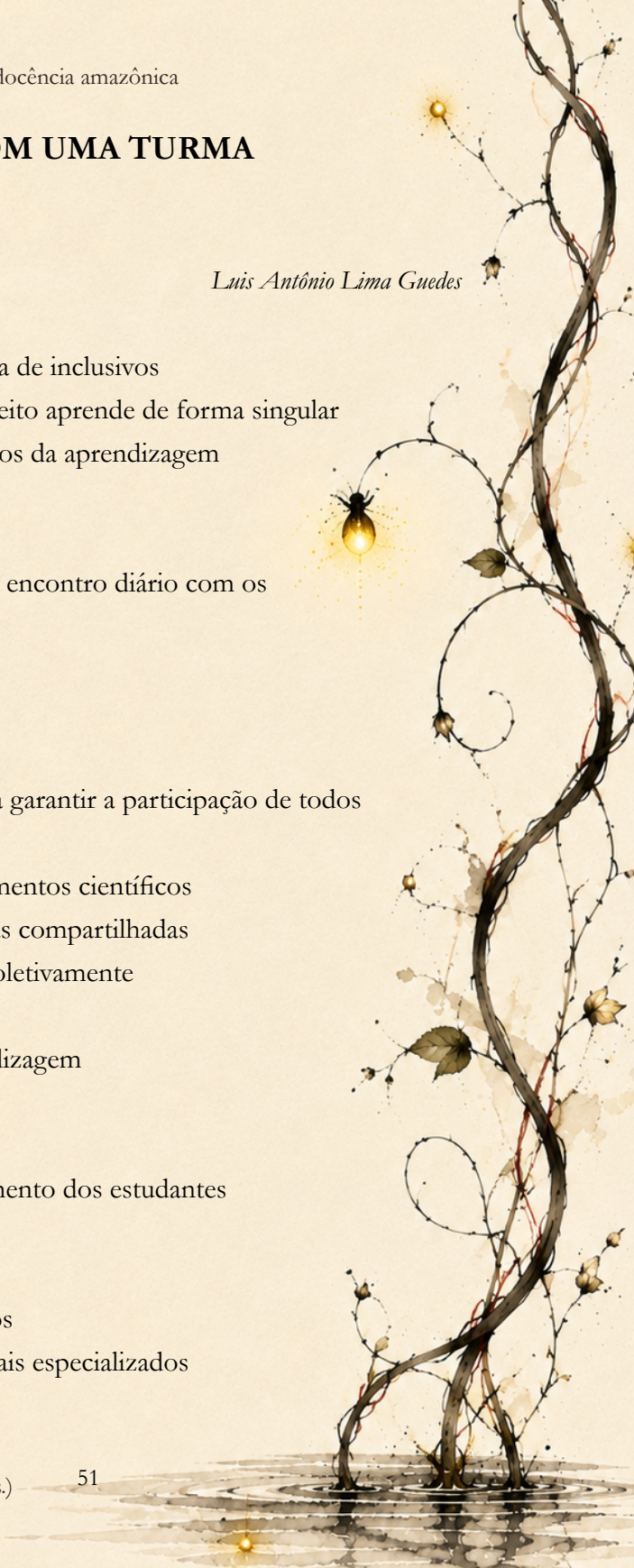
Fazer ciência com uma turma de inclusivos
É compreender que cada sujeito aprende de forma singular
É reconhecer que os caminhos da aprendizagem
Nem sempre são os mesmos

Minha ciência se constrói no encontro diário com os
estudantes
Nas observações
Nas escutas
Nas adaptações
E nas estratégias criadas para garantir a participação de todos

Ela se alimenta dos conhecimentos científicos
Mas também das experiências compartilhadas
E dos saberes construídos coletivamente

Minha ciência nutre a aprendizagem
A autonomia
O desenvolvimento
E o sentimento de pertencimento dos estudantes

Os desafios são inúmeros
A falta de recursos adequados
A insuficiência de profissionais especializados
As barreiras arquitetônicas



As barreiras atitudinais

E a necessidade constante de formação continuada

Mesmo assim

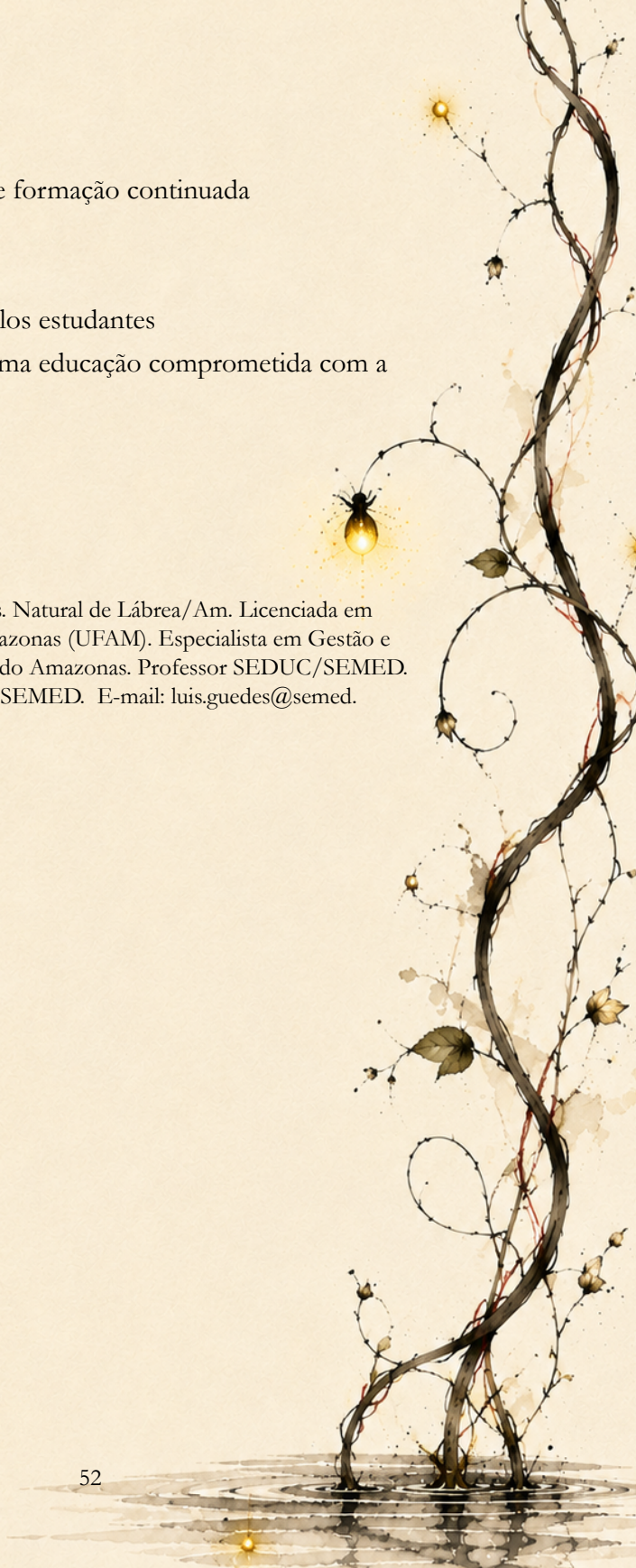
Cada conquista alcançada pelos estudantes

Reafirma a importância de uma educação comprometida com a equidade

Com a inclusão

E com o direito de aprender

Autor: Luis Antônio Lima Guedes. Natural de Lábrea/Am. Licenciada em História pela Universidade do Amazonas (UFAM). Especialista em Gestão e Supervisão Escolar/Universidade do Amazonas. Professor SEDUC/SEMED. Gestor da EM Rui Barbosa Lima/SEMED. E-mail: luis.guedes@semed.manaus.am.gov.br



A EDUCAÇÃO COMO CIÊNCIA INCLUSIVA

Marinês Andrade Ayres Martins

A educação, uma ciência viva
No cotidiano da sala de aula, eu a vivo
Inclusão, meu objetivo maior
Cada aluno, um mundo a descobrir

Com métodos e práticas, eu busco inovar
Fazer da aprendizagem uma experiência única
Cada criança, um potencial a desenvolver
Cada desafio, uma oportunidade a aproveitar

A diversidade, uma riqueza a explorar
Eu busco entender, eu busco incluir
As diferenças, uma força a valorizar
A igualdade, meu compromisso a manter

No dia a dia, eu enfrento desafios
Mas a paixão pela educação me motiva
A ver cada aluno crescer e se desenvolver
E a se tornar um cidadão consciente e responsável

A educação, uma ciência que me inspira
A fazer a diferença na vida de cada um
Eu sou uma professora, uma facilitadora
Do conhecimento e do crescimento de cada aluno



Autora: Marinês Andrade Ayres Martins. Natural de Codajás/AM. Licenciada em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Professora/SEMED. E-mail: marines.martins@semed.manaus.am.gov.br



NO SABER DA ESCOLA, UM MUNDO SE CRIA

Rosemarina da Silva Menezes

Diversas vozes, sonhos que mudam de cor
Onde a alma de cada um acerta
A ciência do saber se desenvolve com amor

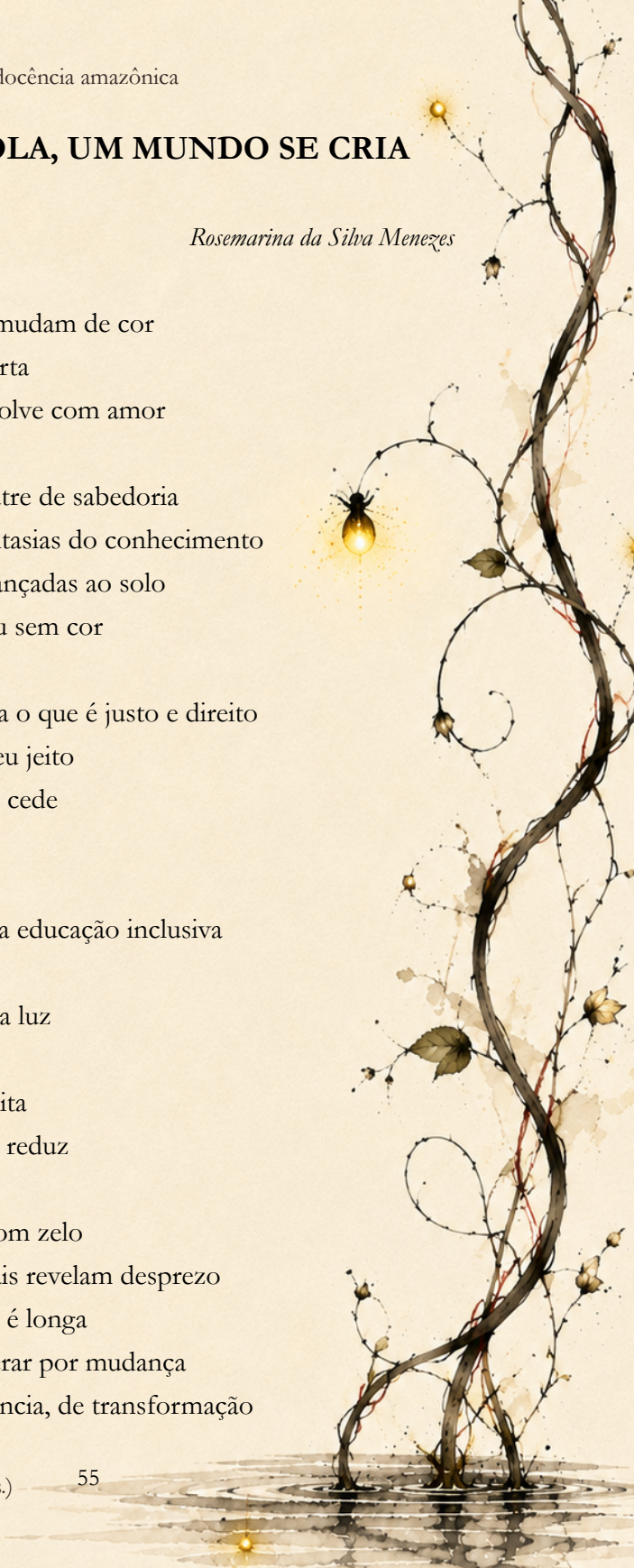
A ciência do meu fazer se nutre de sabedoria
De leitura, de alegrias, de fantasias do conhecimento
É no cultivar das sementes lançadas ao solo
Mesmo quando ele é duro ou sem cor

A ciência do saber nos ensina o que é justo e direito
E que cada ser aprenda do seu jeito
Na inclusão, a esperança não cede
Todo saber tem seu começo

Nas relações interpessoais, na educação inclusiva
Cada mente é um universo
Com seu tempo, seu jeito, sua luz

Na escola que acolhe e respeita
Ninguém fica para trás ou se reduz

Explico com calma, repito com zelo
Mas as dificuldades estruturais revelam desprezo
O tempo é curto, a cobrança é longa
Não se sabe até quando esperar por mudança
Mudança de vida, de consciência, de transformação



Respeito é o que se almeja, e o que se quer é valorização
No contexto da educação

Autora: Rosemarina da Silva Menezes. Natural de Manaus/AM. Licenciada em
Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Professora/SEMED.
E-mail: rosemarina.menezes@semed.manaus.am.gov.br



A CIÊNCIA É UMA AVENTURA

Silmara Fabia Soares Barbosa

Cheia de investigação
É como abrir um mistério
Com olhos de exploração!

É fazer uma pergunta
E querer logo saber
“Por que chove?”, “Por que brilha?”
“Como as coisas vão crescer?”

Com lápis, lupa e caderno
Ou só com a imaginação
A gente aprende com os outros
Na roda da interação

Vygotsky já ensinava:
“Juntos podemos crescer mais”
Pois, no encontro com o colega
Novos saberes vão nascer!

Paulo Freire nos recorda
Com ternura e rebeldia:
“O ser humano se faz no mundo
Num processo, todo dia!”

Se algo não deu tão certo
A gente tenta de novo



Pois quem faz ciência de verdade
Não desiste diante do esforço!

Ciência é descobrir
Como tudo pode ser
É ver que até no erro
Há muito para aprender!

Autora: Silmara Fabia Soares Barbosa. Natural de Manaus/Am.
Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Luterano
(ULBRA). Professora da SEMED. E-mail: silmarafabia@live.com



A CIÊNCIA QUE TRAGO EM MEU SER

Simôni Almeida da Costa

Não é teoria sem coração
É amor que insiste em florescer
É entrega, cuidado e dedicação

Não vive em protocolos frios
Mas em respeito e responsabilidade
É chama que aquece os vazios
É ponte de fé e de humanidade

Nutre-se da fonte do aprender
Que nunca seca, nunca se encerra
É esperança que insiste em renascer
Mesmo em meio à terra árida

Diante das dores e adversidades
Do peso das funções que se entrelaçam
Conservo firmes minhas verdades
Pois minhas sementes sempre germinam e abraçam

Minha ciência é luz e oração
No sopro divino encontro guarida
Mas também na razão e na investigação
Que ampliam sentidos e dão nova vida

Vygotski ensina: é mediação
No encontro do eu com o outro, há sentido



Piaget convida à reflexão
Sobre a origem do saber construído

Papert revela que aprender é ação
Com máquinas, linguagens e tecnologia
Transforma saber em invenção
Num construcionismo cheio de poesia

Mas nem sempre o caminho é flor
Há pedras, ausências, barreiras reais
A falta de recursos causa dor
E pesa em práticas tão essenciais

Mesmo assim, sigo em resistência
Entre o Espírito e a razão em união
Entre os sonhos e a experiência
Construo esperança na educação

Na voz de Cury ecoa a visão:
Educar é formar mentes e emoções
Fazer da vida arte e criação
Onde cada sujeito escreve sua canção

Assim é a ciência que faço florescer
Entre fé, amor e coragem constante
Uma ciência que ensina a viver
E transforma o hoje em futuro vibrante

Autora: Simôni Almeida da Costa. Natural de Urucará/AM. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Gestão de Currículo e Práticas Pedagógicas pela UEA. Coordenadora do Centro de Mídias — CTEs/SEMED. E-mail: simoni.costa@semed.manaus.am.gov.br



MINHA CIÊNCIA É UMA FERRAMENTA PODEROSA

Dilene da Cruz Bernardo

A ciência do meu fazer é a educação
Que se fundamenta na pesquisa
Na reflexão e na prática pedagógica

O que nutre a minha ciência são as teorias educacionais
As experiências dos alunos e as inovações tecnológicas

Minha ciência nutre a formação de indivíduos críticos
Criativos e conscientes de seu papel na sociedade

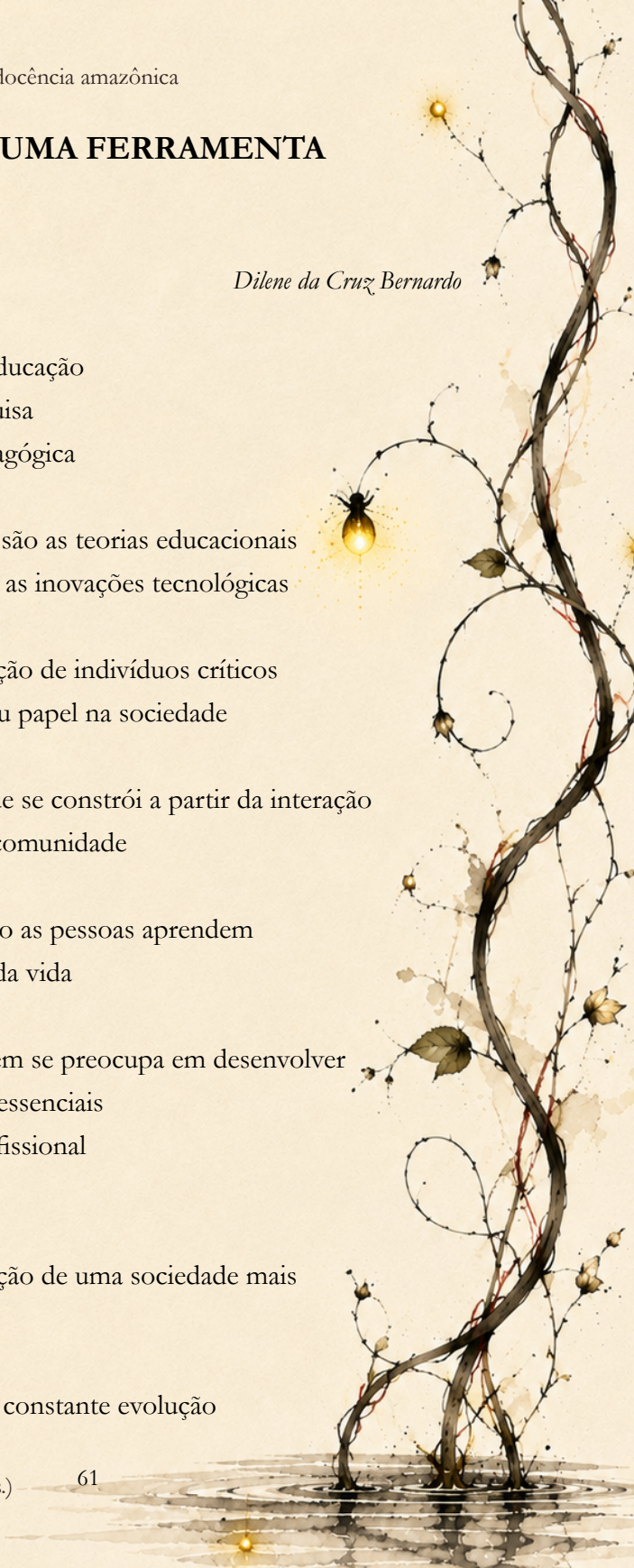
A educação é uma ciência que se constrói a partir da interação
Entre professores, alunos e comunidade

Ela busca compreender como as pessoas aprendem
E se desenvolvem ao longo da vida

A ciência da educação também se preocupa em desenvolver
Habilidades e competências essenciais
Para o sucesso pessoal e profissional

Ao nutrir a minha ciência
Eu contribuo para a construção de uma sociedade mais
justa e igualitária

A educação é um campo em constante evolução



Que exige atualização e reflexão contínuas

Minha ciência é uma ferramenta poderosa

Para transformar vidas e promover o desenvolvimento humano

Ao praticar a educação

Estou comprometida com a formação

De cidadãos conscientes e responsáveis

Como educadora, enfrento desafios significativos

No exercício das minhas práticas pedagógicas

Voltadas para a educação especial inclusiva e intercultural

Um deles é desenvolver estratégias de ensino que sejam inclusivas

E respeitem as diferenças culturais e individuais dos estudantes

É essencial estabelecer uma parceria eficaz

Com os pais e responsáveis

E uma colaboração estreita no processo de
ensino-aprendizagem

Estou comprometida em continuar trabalhando

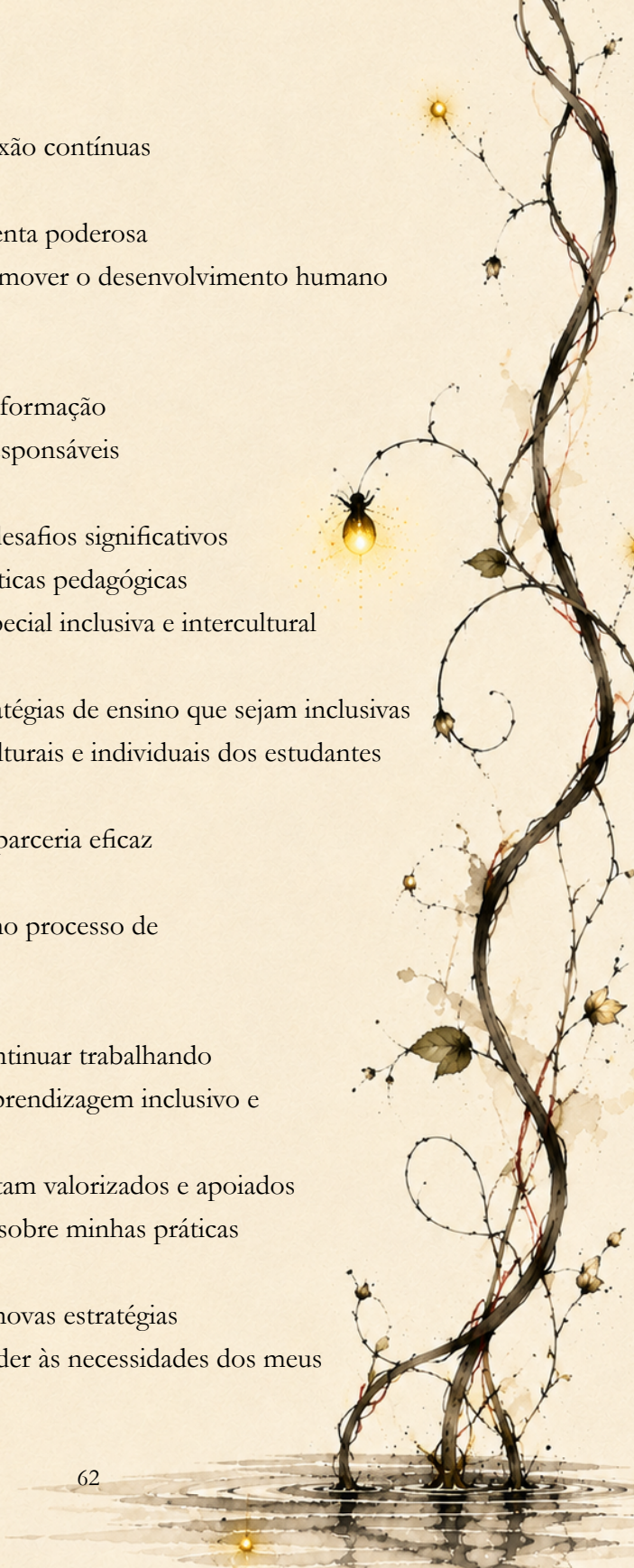
Para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e
respeitoso

Onde todos os alunos se sintam valorizados e apoiados

Isso exige reflexão contínua sobre minhas práticas
pedagógicas

E uma busca constante por novas estratégias

E recursos para melhor atender às necessidades dos meus
alunos



Autora: Dilene da Cruz Bernardo. Natural de Maués/AM. Licenciada em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Especialista em Gestão Pública pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora/SEMED. E-mail: dilene.bernardo@semed.manaus.am.gov.br



A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO DOCENTE

Andréia de Carvalho Vieira

A prática pedagógica do docente perpassa pesquisas e metodologias
Voltadas às diferentes disciplinas

A ciência é imprescindível para a elaboração
E a execução do meu fazer pedagógico

Cabe a mim a práxis, a escolha da linha de pesquisa
Priorizando a intencionalidade
E a aplicabilidade viável no processo de ensino e aprendizagem

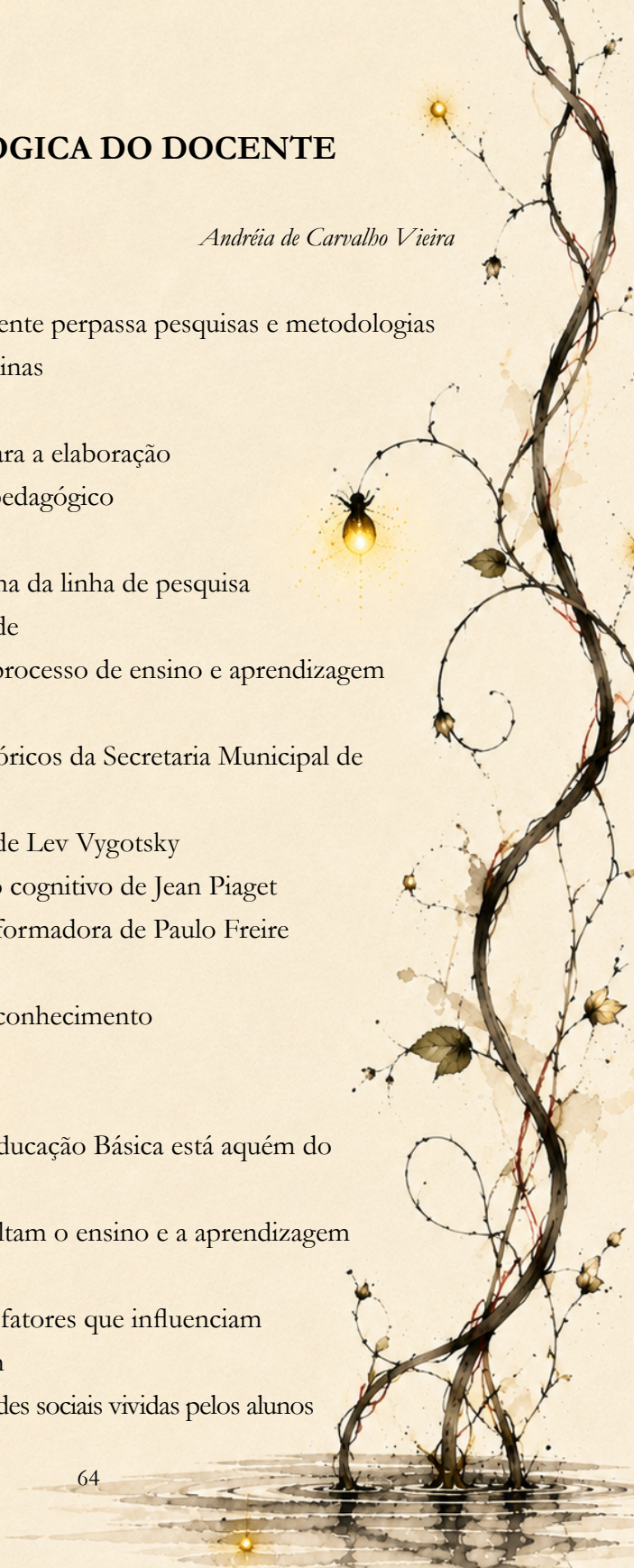
Mesclando os referenciais teóricos da Secretaria Municipal de
Educação de Manaus

A teoria socioconstrutivista de Lev Vygotsky
A teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget
Bem como a educação transformadora de Paulo Freire

Com o objetivo de oferecer conhecimento
Além dos muros da escola

Sabe-se que a realidade da Educação Básica está aquém do
esperado
E que diversos fatores dificultam o ensino e a aprendizagem

Há consciência dos diversos fatores que influenciam
O processo de aprendizagem
Fruto da diversidade de realidades sociais vividas pelos alunos



Entre eles, estão as neurodivergências
Os diversos problemas econômicos e sociais dos alunos
Bem como as diferenças étnicas
Em virtude da chegada de discentes de outros países
Como os imigrantes venezuelanos

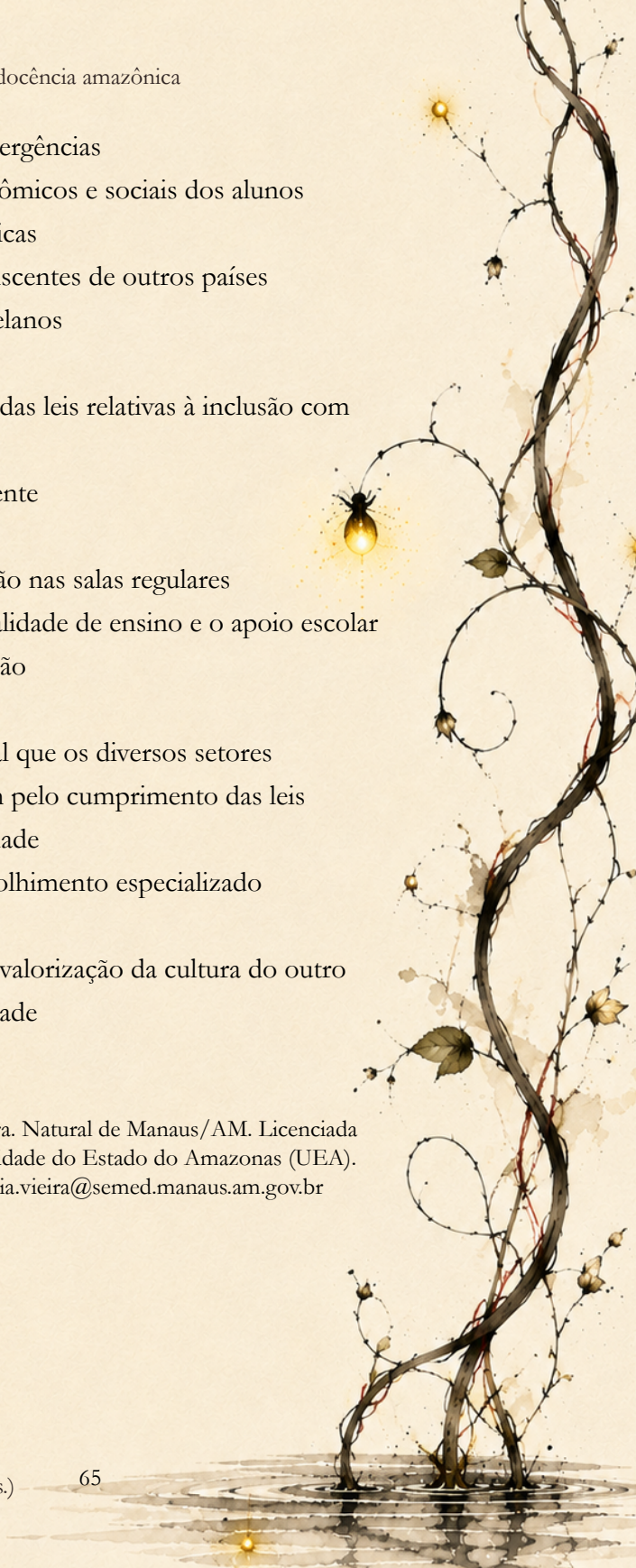
Com efeito, o cumprimento das leis relativas à inclusão com
equidade
Acontece somente parcialmente

Pois os alunos realmente estão nas salas regulares
A maioria, porém, sem a qualidade de ensino e o apoio escolar
Tão necessários à sua evolução

Nesse cenário, é fundamental que os diversos setores
E agentes da educação lutem pelo cumprimento das leis
Que oportunizam acessibilidade
Atendimento adequado e acolhimento especializado

Além de promover a devida valorização da cultura do outro
Respeitando sua individualidade

Autora: Andréia de Carvalho Vieira. Natural de Manaus/AM. Licenciada
em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
Secretária/SEMED. E-mail: andrea.vieira@semed.manaus.am.gov.br



A CIÊNCIA DO EDUCADOR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA

Albertiza Maria Salomão de Souza

Nasce no encontro entre o saber e o sentir
Não se confina apenas a um livro

Manifesta-se na arte da transformação
Em que conhecimentos aprofundados
Trazem mudanças à educação

Os desafios são muitos
Pois temos que enfrentar o desconhecido

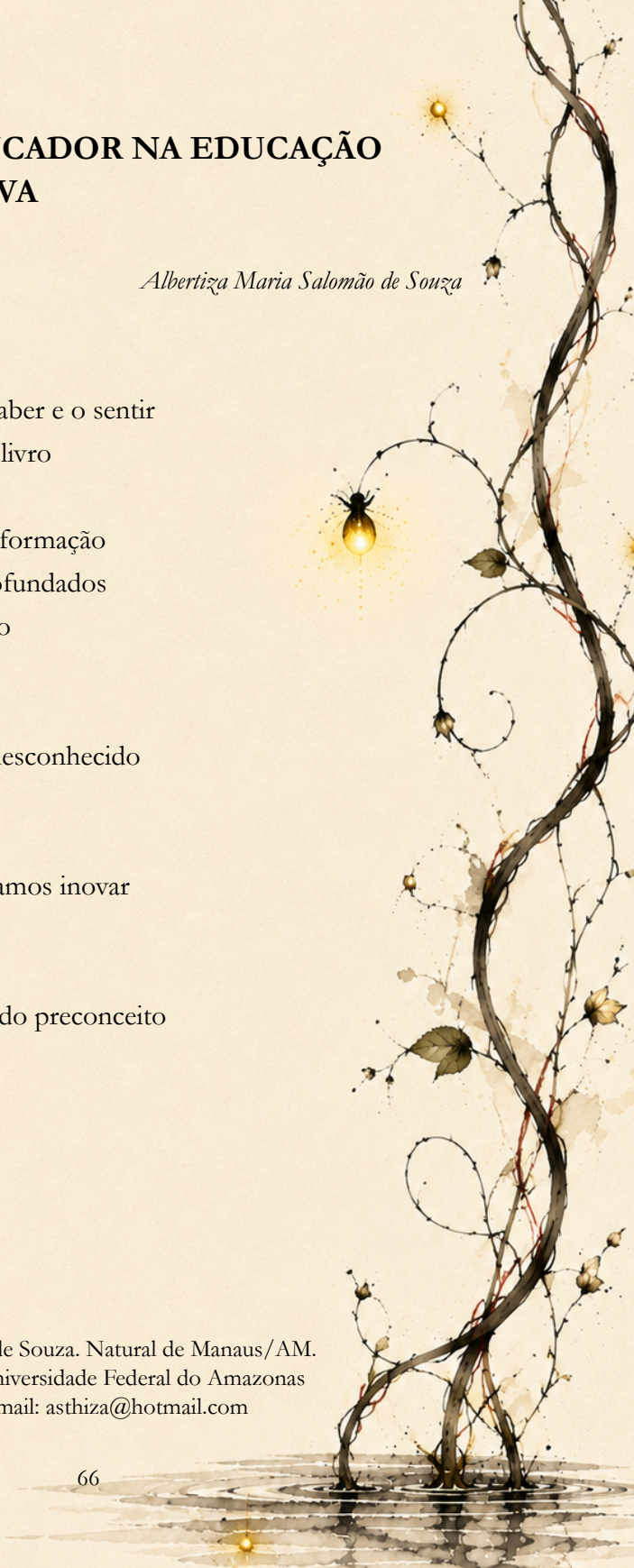
Mas a dedicação
Faz-nos entender que precisamos inovar

Enfrentar desafios
Faz-nos superar as barreiras do preconceito

E cada obstáculo
Torna-se uma aprendizagem

É um compromisso
Com a igualdade humana

Autora: Albertiza Maria Salomão de Souza. Natural de Manaus/AM.
Licenciada em Matemática pela Universidade Federal do Amazonas
(UFAM). Professora/SEMED. E-mail: asthiza@hotmail.com



A MINHA CIÊNCIA NUTRE...

Cristiane das Neves Barros Medeiros

O dia amanhece trazendo consigo a claridade
Os raios solares cortam a escuridão
Avisando que mais um dia começou

O relógio bate tic-tac
O trabalho vai começar

Sou professora

Ensino conteúdos educacionais
Mas também escuto, acolho e encorajo

A lousa é um portal para outros mundos
A porta da sala, uma ponte entre o saber e o existir

A ciência do meu fazer é a ciência do ensinar
Em que cada aluno é terreno fértil
Nutrido de esperança

São os olhos que brilham
Ao descobrir coisas novas

A minha ciência nutre...
Nutre aqueles que têm fome de aprender

E, diante dos desafios da Educação Especial



Enfrento as paredes do preconceito
Da falta de formação
Do material que não chega
Da estrutura que não acolhe

Autora: Cristiane das Neves Barros Medeiros. Natural de Manaus/AM.
Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Boas Novas. Professora/
SEMED. E-mail: cristiane.medeiros@semed.manaus.am.gov.br



A CIÊNCIA QUE NASCE DO CHÃO DA ESCOLA

Ângela Cristina Barbosa Silva

A ciência que nasce do chão da escola,
dos olhos de quem tenta compreender o mundo,
mesmo quando o mundo reluta
em não ser compreendido por todos

Minha ciência não se limita apenas a livros,
ela pulsa do encontro,
do erro que ensina,
do silêncio que comunica,
do gesto que traduz o que o verbo não alcança
É a afeição que é vista em um simples olhar,
é a escuta atenta das diferenças,
o respeito e o reconhecimento pelos tempos que cada um
carrega,
é o desejo persistente
de que, quando se caminha com amor,
até os muros mais altos aprendem a se abrir

Nutro-me de esperança,
não daquela que espera sentada,
mas da que caminha mesmo cansada da luta diária,
das batalhas invisíveis que poucos veem,
mas que eu sei que travo todos os dias

Nutro corpos diversos,



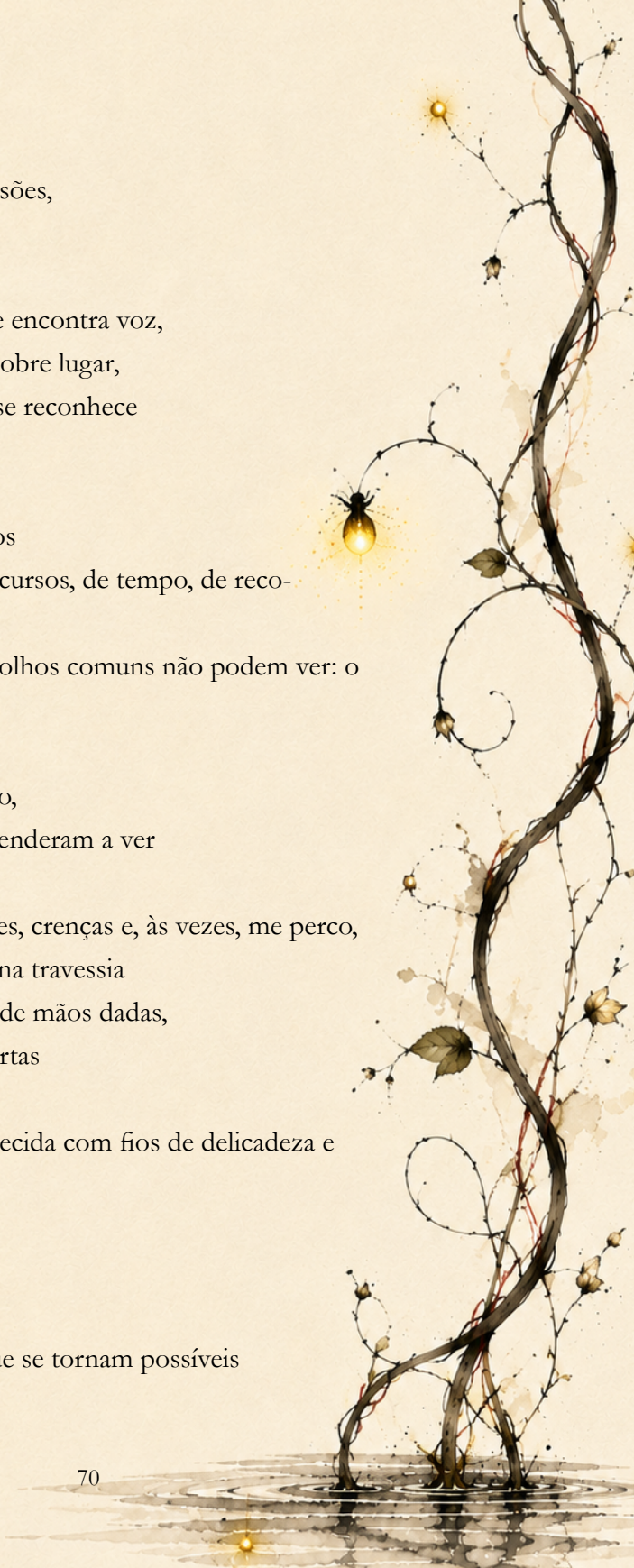
mentes plurais,
infâncias marcadas por exclusões,
mas também por resistências

Nutre quem chega sem fala e encontra voz,
quem vive às margens e descobre lugar,
quem já foi anônimo e hoje se reconhece

Mas os desafios?
Ah, os desafios são rios largos
Luto contra a escassez: de recursos, de tempo, de reconhecimento
Enfrento os desafios que os olhos comuns não podem ver: o preconceito,
as práticas engessadas,
as ideologias presas no tempo,
os olhares que ainda não aprenderam a ver

Navego entre culturas, saberes, crenças e, às vezes, me perco,
mas sigo, porque há sentido na travessia
A inclusão real só é possível de mãos dadas,
olhares atentos e mentes abertas

Minha prática pedagógica é tecida com fios de delicadeza e resistência
Ela não é exata, mas viva
É feita de tentativas,
de acolhimentos,
de encontros improváveis que se tornam possíveis
porque acredito



Porque sei que educar, nesse contexto,
é mais do que ensinar: é transformar-se
e transformar outras vidas

Autora: Ângela Cristina Barbosa Silva. Natural de Manaus/AM.
Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas
(UFAM). Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Salesiana
Dom Bosco. Especialista em Supervisão e Inspeção Escolar pela
Universidade Federal do Amazonas. Professora e Secretária Escolar/
SEMED. E-mail: angela.barbosa@semed.manaus.am.gov.br



CIÊNCIA DE TRANSFORMAR REALIDADES ATRAVÉS DO SABER

Aliane Pereira Pinheiro

A minha profissão, a de professora,
tem a ciência de transformar realidades através do saber,
se nutre da esperança e da resiliência
que vieram da minha jornada

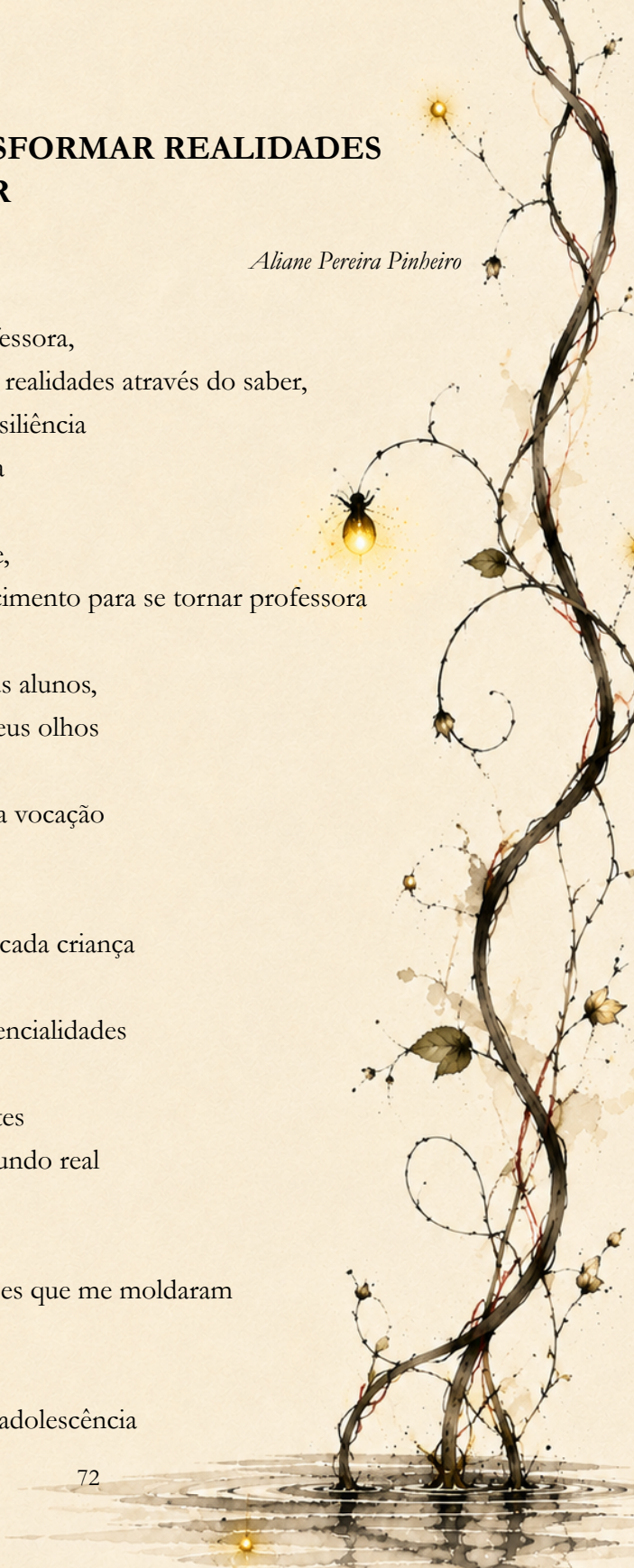
Na infância, mãe adolescente,
e que sempre buscou conhecimento para se tornar professora

Esta ciência alimenta os meus alunos,
que, com a curiosidade em seus olhos
e a sede de aprender,
são o motivo maior da minha vocação

A ciência do meu fazer
é a capacidade de olhar para cada criança
e entender seu universo,
suas necessidades e suas potencialidades

É a ciência de construir pontes
entre o conhecimento e o mundo real
O que nutre a minha ciência
é minha própria história,
pelas dificuldades e superações que me moldaram

Ter vindo do interior,
enfrentado uma gravidez na adolescência



e a luta para concluir os estudos
me deram uma visão profunda
da importância da educação como ferramenta de libertação e
ascensão social

A força da minha mãe, também professora,
e o exemplo de que estudar é sempre possível
são um combustível constante
A minha ciência nutre, principalmente, os meus alunos

Ver a vontade de aprender em seus rostos,
testemunhar a transformação que a educação
promove em suas vidas,
é o que me move

Quando a educação é bem aplicada,
tem o poder de romper ciclos,
de abrir portas e de construir
um futuro mais promissor para todos
Eu tento todo dia
ser uma professora melhor para essa turma
Mas eu quero que eles queiram
aprender cada dia mais

Autora: Aliane Pereira Pinheiro. Natural de Manaus/AM. Licenciada em
Pedagogia pela Faculdade Tahirih (ADCAM). Especialista em Gestão
Educacional com habilitação em Administração, Supervisão, Orienta-
ção e Inspeção Escolar pela Faculdade FABRA. Professora/SEMED.
E-mail: aliane.pinheiro@semed.manaus.am.gov.br



O CORPO QUE APRENDE

Charleson Felipe Moraes de Azevedo

O corpo que aprende
a vida que se move na educação física,
cada passo é uma descoberta
Não é apenas correr, pular ou jogar

É muito mais
É aprender a conviver,
a respeitar, a esperar a vez
Cooperação, empatia, disciplina e coragem

O ensino dos Anos Iniciais é um jardim em flor
É o movimento, é a água que alimenta essas raízes
Quando a criança corre, ela não foge, ela busca
Busca conhecer o próprio corpo,
busca encontrar limites e, aos poucos,
compreender que cada desafio é uma ponte

Para um eu mais forte,
mais seguro, mais feliz
A educação física é poesia escrita no chão de compassos

É matemática no compasso da corda
É a ciência na respiração ofegante depois da corrida
É a arte no gesto livre de quem dança com a vida

Por isso, quando olhamos para uma criança brincando,



vemos muito mais que um jogo
Vemos o aprendizado da cidadania,
o exercício do respeito, da amizade,
a construção de um ser humano inteiro

Porque educar não é apenas ensinar a ler e escrever
É ensinar a sentir, a cuidar, a mover-se no mundo,
com corpo, mente e coração
Educação física
é a magia do movimento
transformando cada brincadeira
em uma lição para a vida inteira

Autor: Charleson Felipe Moraes de Azevedo. Natural de Manaus/AM.
Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Amazonas
(UFAM). Professor/SEMED. E-mail: felipecharleson@gmail.com



A CIÊNCIA DO VIVIDO SENTIDO NOS DÓS COM OS COTIDIANOS

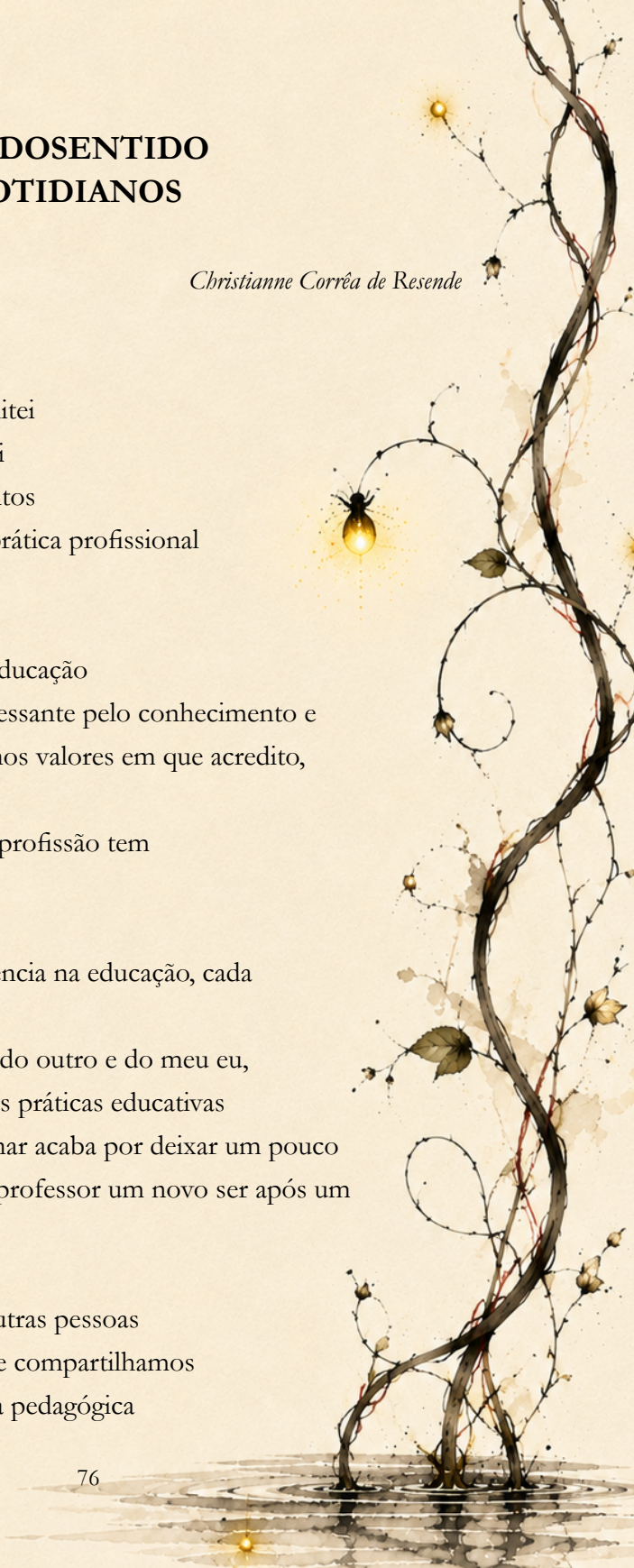
Christianne Corrêa de Resende

A ciência do meu fazer
está naquilo em que eu acreditei
desde a tenra idade e busquei
apropriar-me de conhecimentos
para o desenvolvimento da prática profissional
na área da educação

Acreditar que o sucesso da educação
depende da minha busca incessante pelo conhecimento e
das minhas ações, firmadas nos valores em que acredito,
nos novos aprendizados e
na importância que a minha profissão tem
na sociedade

Acreditar que cada nova vivência na educação, cada
aprendizado,
alimenta o desenvolvimento do outro e do meu eu,
pois muito se aprende com as práticas educativas
Cada ser que buscamos ensinar acaba por deixar um pouco
de aprendizado, tornando o professor um novo ser após um
período letivo

Minha ciência nutre várias outras pessoas
através do conhecimento que compartilhamos
Nutre também minha prática pedagógica



e a capacidade de novos conhecimentos compartilhados,
expandindo o conhecimento de mundo

Dentre os desafios que enfrento
no exercício das minhas práticas pedagógicas voltadas
para a educação especial inclusiva e intercultural,
destaco a falta de formações docentes para o entendimento
e
conhecimento de práticas específicas

Porém, esses desafios me impulsionam a buscar
estratégias
para um atendimento direcionado a cada necessidade inclusiva
Entender que cada pessoa é diferente e
tem suas especificidades deve ser considerado
na prática pedagógica,

independentemente de as diferenças serem
interculturais ou de necessidades especiais

Autora: Christianne Corrêa de Resende. Natural de Manaus/AM.
Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas
(UFAM). Especialista em Docência da Educação/ADCAM. Especialista
em Tecnologias de Informações Educacionais pela UFAM. Professora/
gestora escolar/SEMED.
E-mail: christianne.resende@semed.manaus.am.gov.br

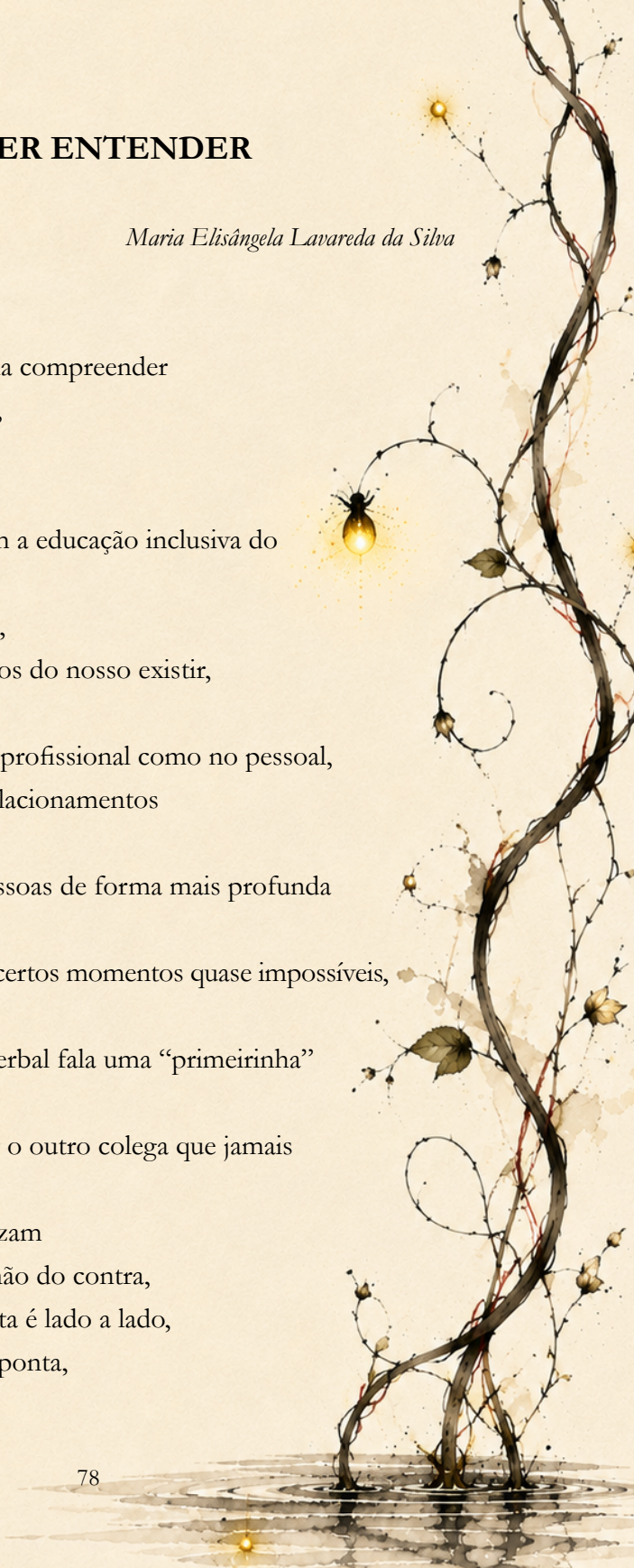


A CIÊNCIA É O FAZER ENTENDER

Maria Elisângela Lavareda da Silva

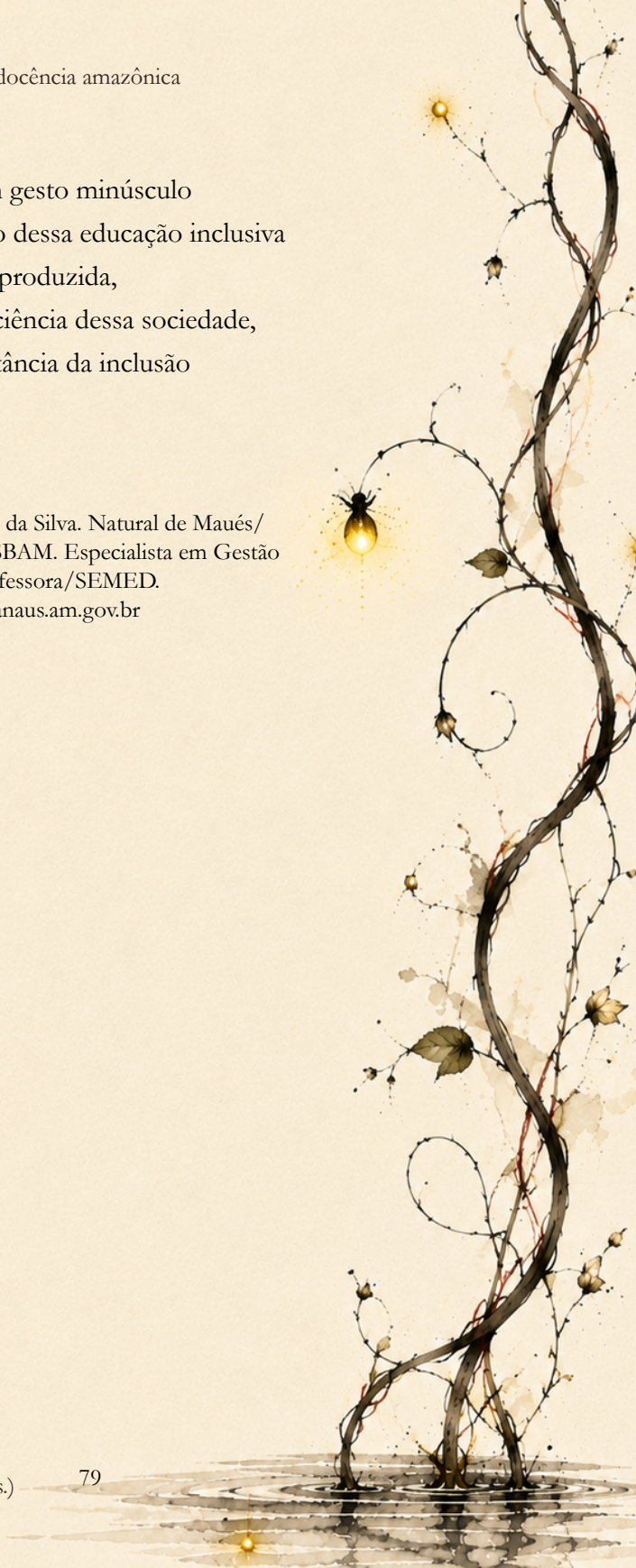
A ciência é o fazer entender,
o que sem ela não conseguiria compreender
A vontade do conhecimento,
do saber para fazer,
do ler para entender,
de existir para contribuir com a educação inclusiva do
país, enfim,
essas vontades são contínuas,
elas nutrem os demais motivos do nosso existir,
a forma de criar,
a forma de crescer, tanto no profissional como no pessoal,
através dela se definem os relacionamentos
que há entre o entender e
o conhecer o mundo e as pessoas de forma mais profunda

Os desafios são grandes, em certos momentos quase impossíveis,
mas aí vem a esperança,
quando aquela criança não verbal fala uma “primeirinha”
vogal,
quando ela começa a abraçar o outro colega que jamais
permitiu se aproximar,
quando os pais se conscientizam
de que a escola é parceira e não do contra,
quando eles aceitam que a luta é lado a lado,
de grão em grão, de ponta a ponta,
da forma como puder,



contanto que, no final,
se consiga, nem que seja, um gesto minúsculo
de contribuição e valorização dessa educação inclusiva
ainda tão falada, mas pouco produzida,
pouco concretizada na consciência dessa sociedade,
hoje tão descrente da importância da inclusão
de um modo mais simples

Autora: Maria Elisângela Lavareda da Silva. Natural de Maués/
AM. Licenciada em Letras pela ESBAM. Especialista em Gestão
Escolar pela UFAM. Gestora/Professora/SEMED.
E-mail: maria.lavareda@semed.manaus.am.gov.br



LUME II

Vozes

Quando a experiência toma a palavra: memórias,
narrativas e saberes docentes inscritos nas vozes
que habitam os cotidianos escolares.

**Resistência e Cotidiano na
Escola Municipal Pintor Leonardo Da Vinci**

Jobmara Assis dos Santos e Marlene Gomes
Professoras Formadoras



PERCEPÇÃO

Jussinildo de Oliveira Ferreira

Hoje percebemos que não se faz ciência sem consciência

Consciência de si, do outro e para o outro, em sua essência

Cada ser que se sente presente no mundo

Sabe conscientemente que não se pode viver sozinho

O contato consciente com a presença do outro

Que nos impõe a diferença

Impulsiona-nos à empatia

Critério ético da dialética da existência

Na escola, espaço físico e humano

Aprendemos que somos uma equipe convergente

Gente comprometida com o saber e o sabor

Expressão da ação cotidiana em seu labor

Sorrindo, cantando e encantando

No palco da educação como espaço de inclusão

Se não for com ardor

Será sempre com amor

Autor: Jussinildo de Oliveira Ferreira. Natural de Japurá/AM.
Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília
(UCB). Especialista em Ensino Religioso pela Faculdade de Venda
Nova do Imigrante/ES. Professor/SEMED.

E-mail: jussinildo.ferreira@semed.manaus.am.gov.br

CAMINHOS PARA A INCLUSÃO

Raimunda Nonata Galvão da Silva



Caminho pelas salas como quem atravessa um jardim

As flores não são iguais

E é na diferença que brilham

Meu impulso é ver cada criança crescer

Mesmo quando o mundo insiste em não acreditar

Encontro inspiração no olhar puro de uma criança especial

Que sorri para o vento como se conversasse com ele

Ali percebo que há mundos inteiros no silêncio

E que ensinar também é aprender a escutar

Minhas práticas são sementes lançadas em solo diverso

Histórias, músicas e gestos que convidam a partilhar

Quando a comunidade vê talentos emergirem

Descobre que inclusão é também expansão da alma

Mas os obstáculos se erguem como muros
invisíveis

A falta de recursos

O preconceito que fere

A pressa de um sistema que não sabe esperar



E a solidão de lutar contra estruturas rígidas

Ainda assim sigo

Tecendo possibilidades

Como quem borda com fios de esperança

Cada desafio me lembra que educar

É insistir na beleza onde muitos não enxergam

E assim, no diálogo entre culturas e diferenças

Aprendo que ser pedagoga é ser ponte

Ponte que sustenta passos inseguros

E revela que toda criança pode atravessar

Autora: Raimunda Nonata Galvão da Silva. Natural de Lábrea/AM. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Martha Falcão. Pós-graduada em Docência da Educação Infantil pela Faculdade Tâhirih.

E-mail: raimunda.semed@manaus.am.gov.br



VEJO

Merijanny Farias Gama



Com olhos fechados vejo crianças por todos os cantos da sala

Anna Sophia, Cristiano, Davi e outros rostos

Os contentes e os entristecidos

Vejo insegurança

Olhares confusos

Perdidos

Sem entusiasmo

Basta olhar o caderno

A roupa

A mochila

Não vejo ninguém zelando por aquela menina

Vejo um mundo de sonhos

Coragem e esperança

Apenas com o lápis na mão daquela criança

Autora: Merijanny Farias Gama. Natural de Maués/AM. Graduada em Pedagogia pela Universidade Nilton Lins. Especialista em Libras na Docência do Ensino Superior. Instrutora de Libras CETAM/AM. E-mail: merijanny.gama@semed.manaus.am.gov.br



A CIÊNCIA DO MEU FAZER

Ruth Vieira Brasil

A ciência do meu fazer

Não está apenas em livros ou entre paredes
Ela está nas memórias, nas palavras dos meus mestres
Nas vivências do cotidiano

No olhar fixo em minhas palavras, demonstrando curiosidade
Olhos que dizem: ensina-me

O que me nutre

É saber que abro caminhos
Que derrubo muralhas

Alimento-me do brilho dos olhos
Da boca que agradece
Dos bracinhos que entrelaçam o corpo buscando abrigo
Das travessuras, dos assuntos domésticos
Das histórias dos finais de semana

A minha ciência nutre pequenos escritores de um futuro próximo
Seres que já tanto sabem e que, enquanto aprendem, sem intenção, ensinam
Que renovam a inocência que os anos nos tiram
Os desafios da minha prática



Estão no cansaço
Algumas vezes, na invisibilidade
Na ausência de recursos

Em ouvidos que tendem a não respeitar as diferenças
Em olhos que se fecham para as múltiplas realidades

Seres que se apegam às leis
E não ao sujeito aprendiz

Minha ciência é luta
É cansaço
É choro, mas também é riso fácil

São olhos que enxergam
Ouvidos que escutam

É encontro de corações

É o caminho que se desdobra entre viver e ensinar

Autora: Ruth Vieira Brasil. Natural de Manaus/AM. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). E-mail: ruth.vieira-brasil@semed.manaus.am.gov.br



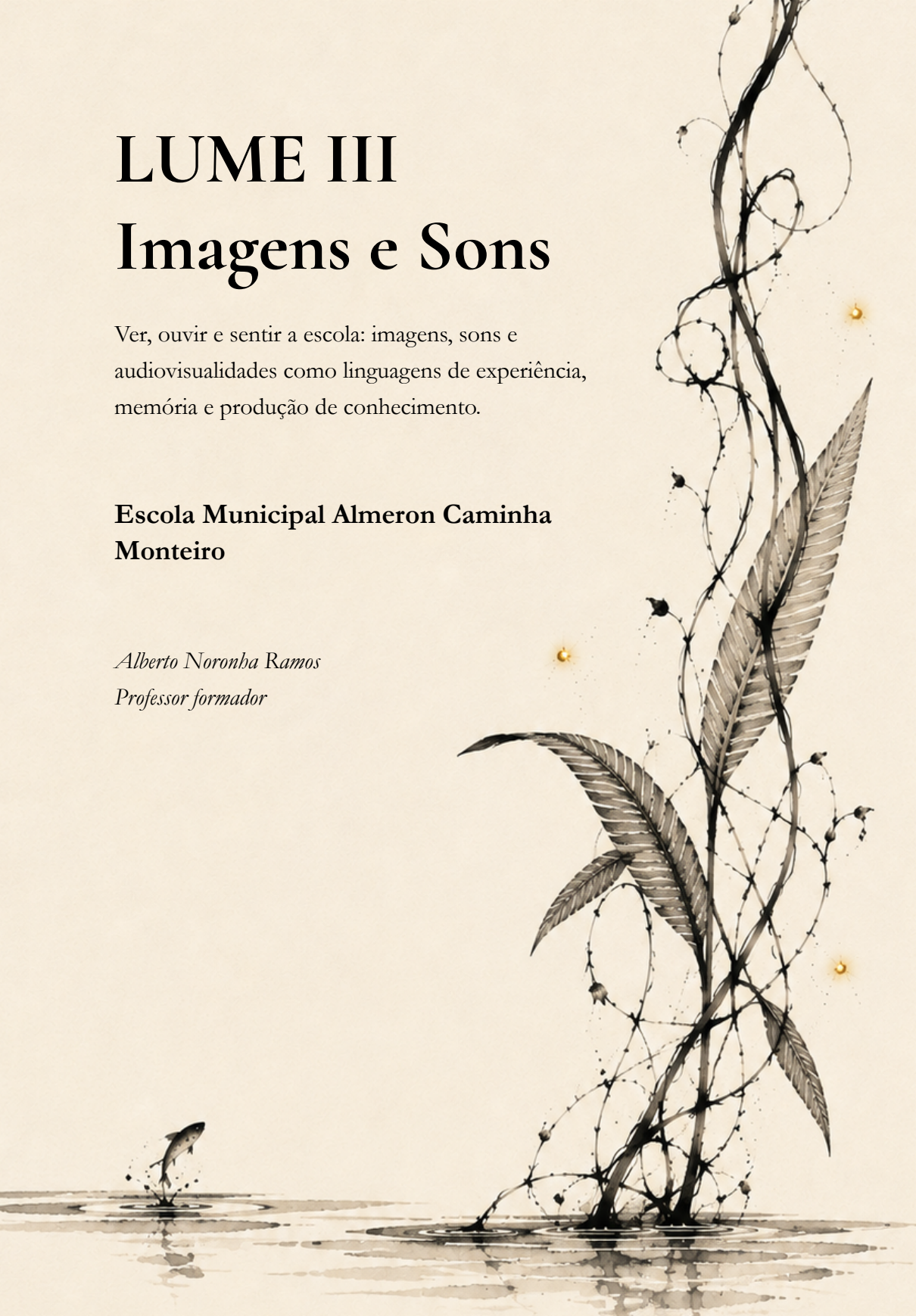
LUME III

Imagens e Sons

Ver, ouvir e sentir a escola: imagens, sons e audiovisuais como linguagens de experiência, memória e produção de conhecimento.

**Escola Municipal Almeron Caminha
Monteiro**

Alberto Noronha Ramos
Professor formador



A ARTE DE AMAR

Michele Cavalcante Pimentel

Ah, quanto orgulho sinto da minha profissão

Faço a melhor ciência

A ciência do amor

A arte de amar

Quanta inspiração há em mim

Crio formas de viver, ser e estar no mundo

Sei que, através do meu esforço e dedicação,
alcançarei alunos apaixonados por estudar

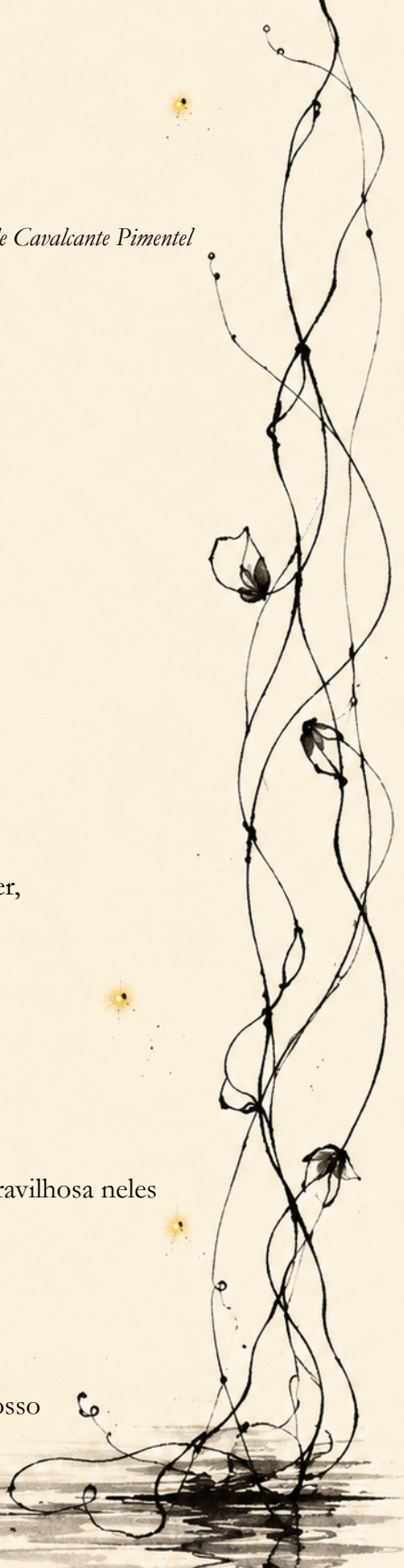
Cada vez que obtenho mais conhecimento e saber,
sinto a necessidade de transmitir esses saberes

Para que consiga formar alunos brilhantes
inteligentes, críticos, empáticos
e prontos para vencer os obstáculos da vida

Pois, acima de tudo, formar uma consciência maravilhosa neles

Capazes de não olhar somente para si
mas aptos a buscar o coletivo

De forma que a empatia faça sempre parte do nosso



A força epistêmica e o brilho poético da docência amazônica

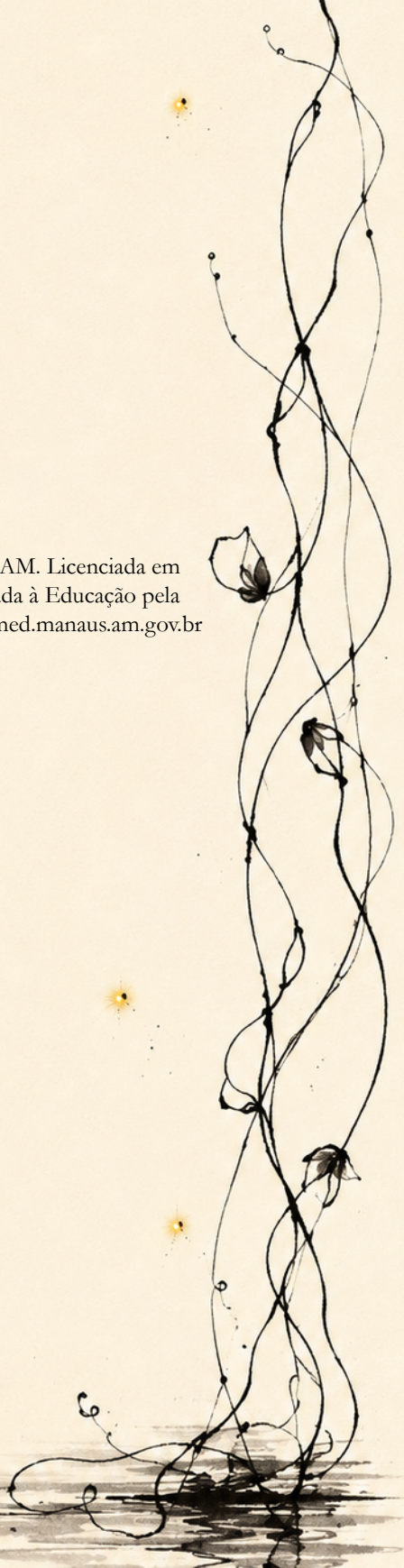
convívio social

Principalmente no que se refere à inclusão social

Pensar sempre: e se fosse eu?

Assim construiremos um espaço de trabalho
sadio, respeitoso e harmônico

Autora: Michele Cavalcante Pimentel. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Pedagogia pela UFAM. Especialista em Informática Aplicada à Educação pela UEA. Professora/SEMED. E-mail: michele.pimentel@semed.manaus.am.gov.br



ENTRE SONHOS E LUTAS: A JORNADA DE IZABEL SERUDO

Izabel Cristina de Lima Serudo

Nascida e crescida em Manaus,
assim iniciei minha jornada,
caminhando firme na vida,
subindo, com coragem, meus degraus
Na infância, entre brincadeiras solitárias, me encontrava,

mas já sabia que professora me tornaria
Um caminho de dificuldades encontrei,
mas, com determinação, alcancei:
na tão sonhada faculdade entrei,
e um novo futuro abracei
Há 14 anos sigo na educação,
e agora luto por mais valorização
Sou professora, esposa, filha e mãe,
uma grande lutadora, e disso não abro mão
Minha história é feita de sonhos e superação,
de quedas e vitórias que moldaram meu coração
E, mesmo diante da vida, com sua imensidão,
caminho firme, guiada pela fé e pela paixão

Autora: Izabel Cristina de Lima Serudo. Natural de Manaus/AM.
Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas
(UEA). Pós-graduada em Psicopedagogia pela FASE/AM. Professora/
SEMED. E-mail: izabel.serudo@gmail.com



O POBRE MENINO SONHADOR

Lourival Pereira da Conceição

Menino pobre que na roça nasceu
De vida dura, no trabalho cresceu
Até para estudar, em sua infância, não deu

Ainda criança saiu do Maranhão para chegar ao Amazonas
Na esperança de encontrar uma solução
Fez de tudo um pouco e reiniciou pela educação

Trabalhou, batalhou, lutou e venceu

Logo no Ensino Médio
A sua vocação apareceu

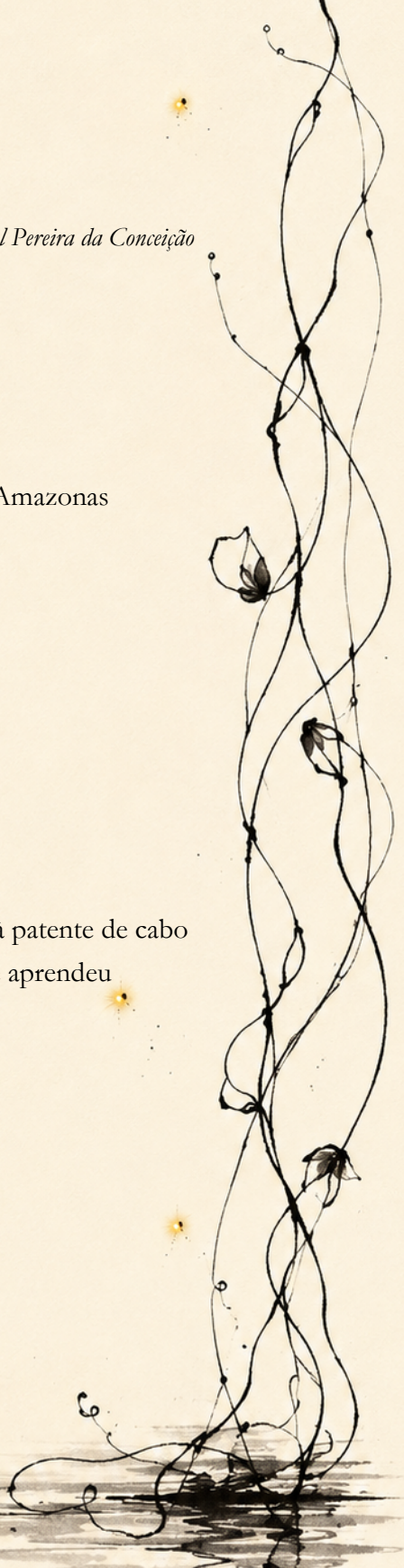
De único filho a servir o Exército
Por lá permaneceu durante sete anos, chegando à patente de cabo
Superar as barreiras e os desafios no Exército ele aprendeu

No taekwondo e no gosto pelos esportes
À Educação Física ele se rendeu

Logo a chama de ser professor nele acendeu

O então pobre menino sonhador
Na educação renasceu

E, para se tornar professor, ele não esmoreceu



E logo após o Ensino Médio o vestibular apareceu

Tentou a UFAM, mas não deu

E foi no ENEM e pelo PROUNI
Que na UNINORTE aconteceu

De apenas uma vaga
O aprovado fui eu

E de apenas um sonho

O milagre aconteceu

Foi na área da saúde que o serviço público aconteceu

Até a presidência de sindicato exerceu

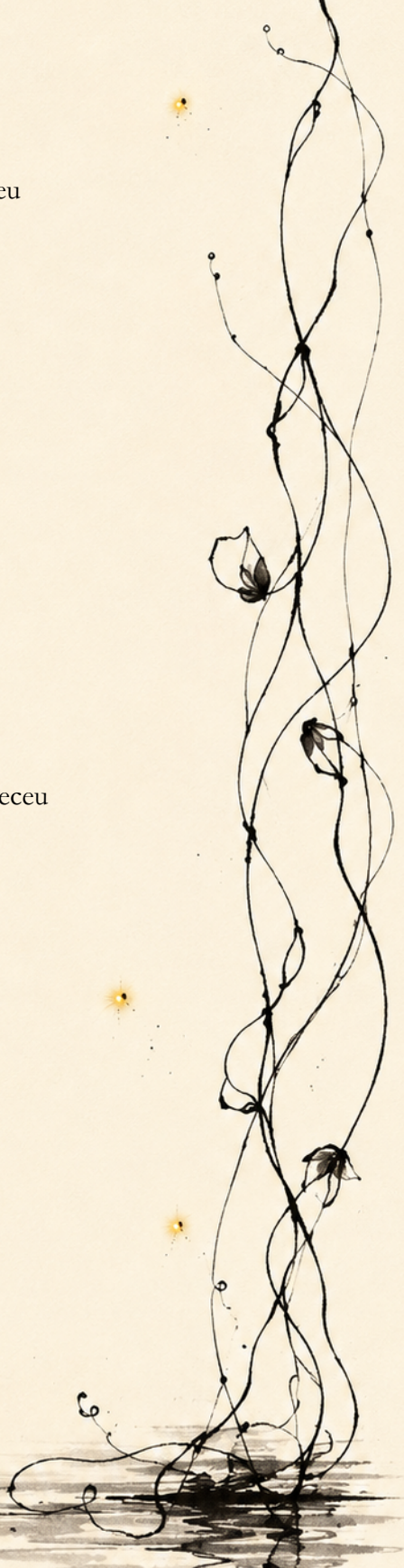
E só após o concurso de 2017
Assumir na SEMED resolveu

Enfim, professor

Logo aquele que tanto me inspirou

Hoje ensina por amor

E tem a consciência de que tudo o que superou



Foi pelo fato de querer ser professor

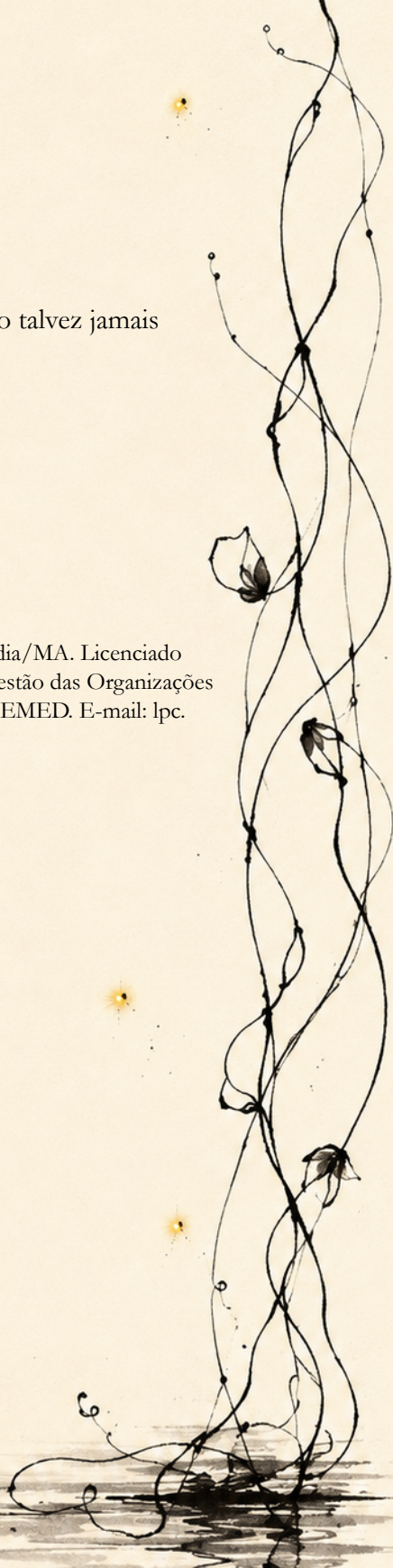
Sei que rico não ficarei

Pois, na educação, o prestígio e o reconhecimento talvez jamais
terei

Mas o meu sonho

Esse eu realizei

Autor: Lourisval Pereira da Conceição. Natural de Açailândia/MA. Licenciado em Educação Física pela UNINORTE. Especialista em Gestão das Organizações Públicas de Saúde pela FIOCRUZ Amazônia. Professor/SEMED. E-mail: lpc.tkd@gmail.com



PRIORIDADE

Sérgio dos Santos Cunha

Como educador
Preciso trabalhar com ardor
Com dedicação e respeito
Aos alunos e seus direitos

Preciso de formação
Que me garanta a habilitação
Necessária e urgente
Para ser humano com esta humana gente

Gente que clama ****por**** acolhimento
Em meio a tantos sentimentos
De desejos, capacidades e estima
Em favor de sua maior autoestima

Reconheço: é um grande desafio
Caminhar por este varal de fios
Equilibrando saber e hora
Que a sociedade tece no agora

Hora de construir esta ponte
Que leva a um novo horizonte
Delineada por reflexão e ação
Sem esquecer de manter o pé no chão



Autor: Sérgio dos Santos Cunha. Natural de Manaus/AM. Licenciado em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Especialista em Educação Infantil pela Faculdade TAHIRIH. Professor/SEMED. E-mail: sergio.cunha@semed.manaus.am.gov.br



CIÊNCIA DO MEU FAZER: ETNOPOESIA DA CAMINHANTE DOS DIAS

Andréia Henrique da Silva

Acordo, às vezes, antes do sol
Às vezes, com o corpo ainda cansado

Há dias em que o despertar é lento
Em outros, bem atento à demanda do dia

Nesse contexto, busco agradecer a dádiva daquele novo amanhecer

Partilho com os meus um delicioso café da manhã

O dialogar da manhã instiga a partida da jornada que se inicia

Mas que jornada? A de professora

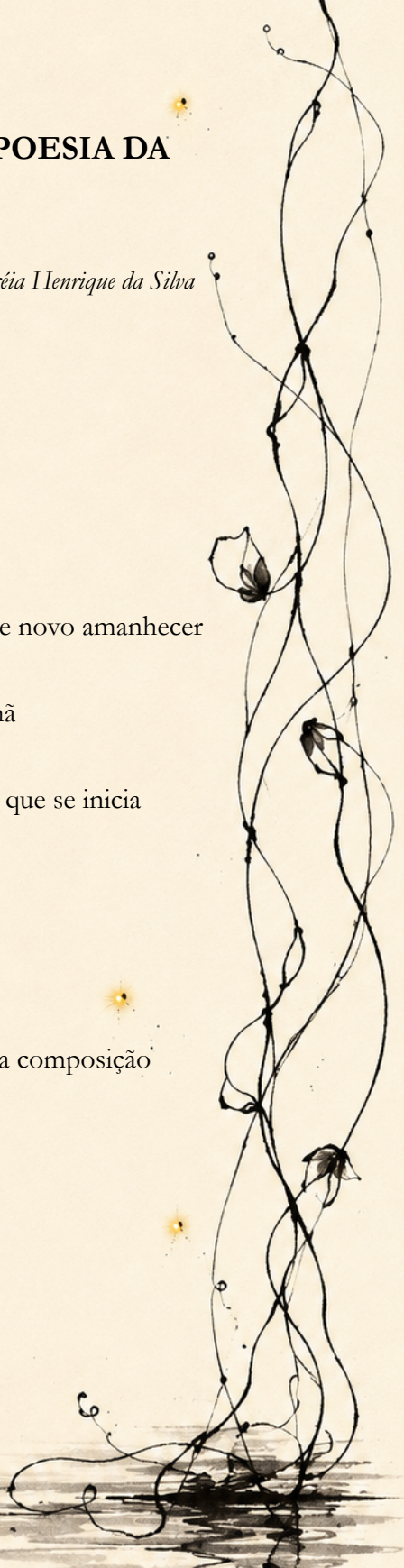
Onde sou aprendiz nessa caminhada

Ando entre saberes, alguns herdados, outros, uma composição
entrelaçada

Carrego no peito a ciência do vivido

Não somente aquela dos livros

Mas o que se molda no encontro com o outro



E qual a ciência do meu fazer?

É a ciência da presença, do encontro e do desencontro

Do gesto que acolhe, do olhar que respeita a diferença

Minha prática é guiada por um saber que nem sempre tem nome

mas tem raiz: nasce na sala de aula

nos risos tímidos, nos cadernos manchados

nos silêncios dos olhares

nos corpos inquietos que me ensinam novas formas de ser

Aprendi que a educação inclusiva não é um protocolo

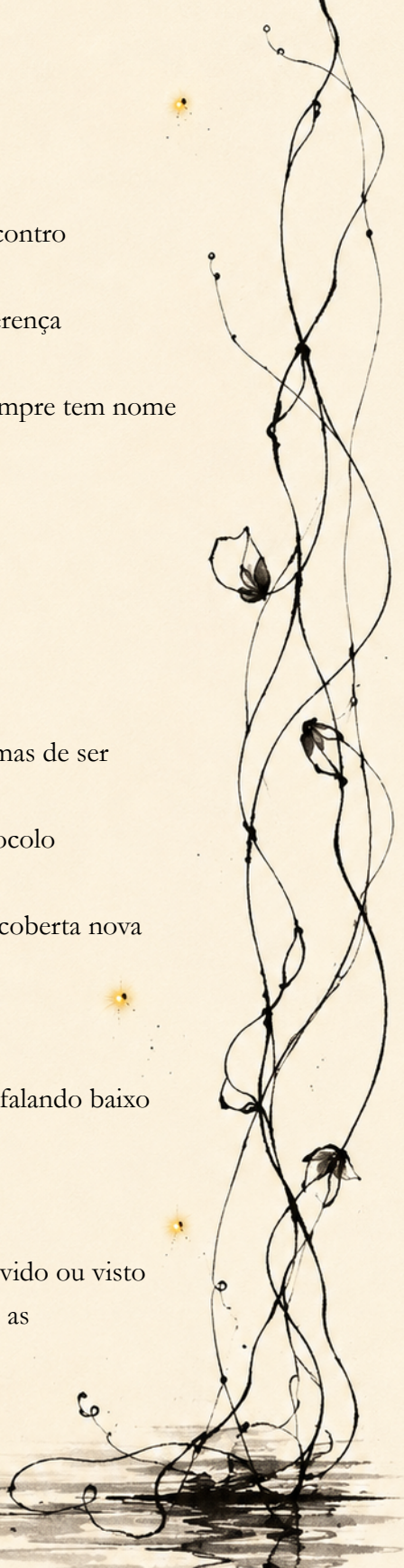
É um rito de passagem, onde cada ser é uma descoberta nova

É dançar conforme a música de cada criança

e aprender a ouvir o ritmo do coração que pulsa falando baixo

A nutrição da minha ciência vem

do brilho nos olhos de quem, um dia, não era ouvido ou visto
da teimosia de quem sonha e busca, mesmo com as
adversidades



das rezas da mãe

das brincadeiras e cantos de roda da infância
do banho de rio, cachoeira ou igarapé

das florestas e seus seres que formam a nossa casa, a Amazônia

da força da ancestralidade que me embala nos dias difíceis

Vou me nutrindo da comunidade

dos cafés compartilhados, das conversas no portão

dos silêncios que só as mães sabem oferecer

Da fé que não se explica

mas que sustenta

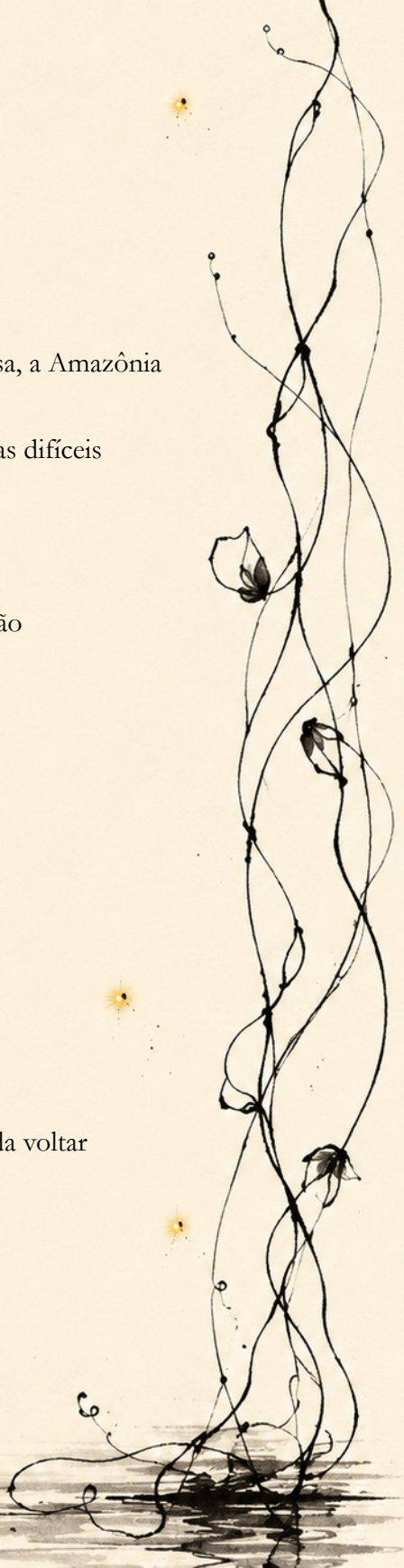
Às vezes, há um processo de indigestão

daqueles que desestabilizam o corpo

fazendo pausar e descansar para, depois, a jornada voltar

A minha ciência se nutre

daquele menino que se comunica com o corpo
e dança sua forma de existir



Nutre-se daquela menina que, todo dia, é uma descoberta nova

e ensina que há beleza no que se consegue fazer, ser...

Nutre-se dos meus colegas que, muitas vezes, pensam em desistir

Nutre a mim mesma nos dias em que as lutas pesam

e só o afeto pode me levantar

Dos desafios do caminho

da invisibilidade das diferenças

Do currículo que não escuta

da estrutura que não abraça

Dos muros altos da intolerância

das pedras jogadas por quem não compreende

que incluir é também se transformar

Mas vou seguindo

Com a poesia nos pés

a escuta no peito

e o compromisso de transformar cada gesto em território de
afeto



Porque minha ciência não é neutra

É viva, é política, é ancestral

É feita de corpo, memória e amor

É feita de pegadas...

em chãos de escolas

onde continuo a semear

Mesmo quando duvidam

mesmo quando cansa

Porque ensinar, para mim

é também um ato de resistência

de resistências poéticas

que, entre versos e estrofes

vou rimando na educação

Autora: Andréia Henrique da Silva. Natural de Manacapuru/AM. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Gestão de Projetos e Formação Docente pela UEA. Professora/SEMED/SEDUC. E-mail: andreiahenrique.silva@semed.manaus.am.gov.br

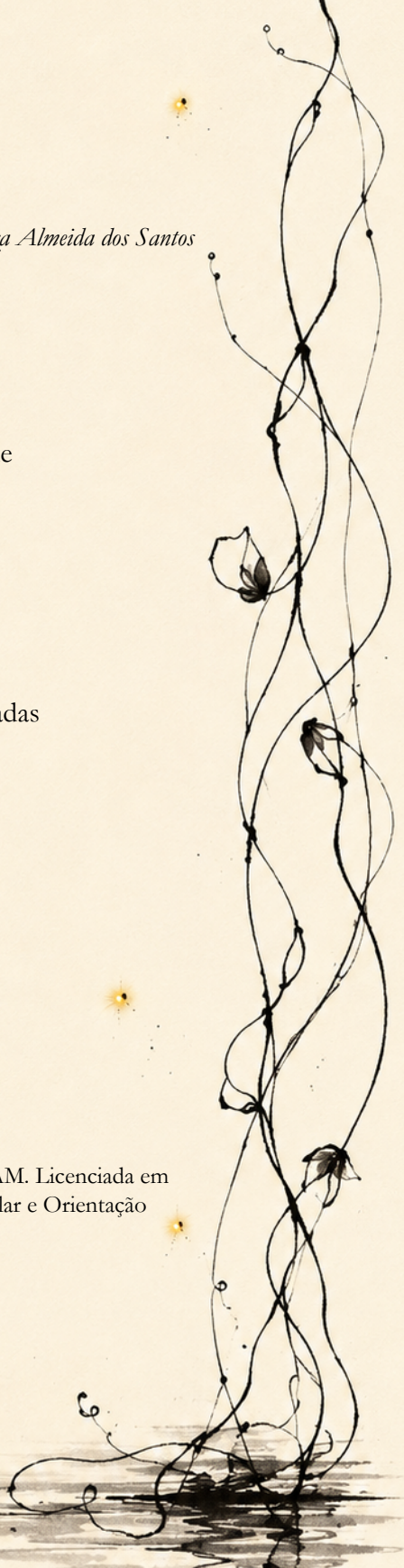


A CIÊNCIA DO SABER

Andreza Almeida dos Santos

Sou professora, sou ponte
Minha ciência não tem fórmula,
mas pulsa
O riso solto de quem aprendeu que também pode
me move!
Me nutro da vida real, do cotidiano
Sou tantas quantas forem necessárias
E quando nada funciona,
respiro fundo e invento um novo jeito
Nutro corpos que resistem, vozes que foram caladas
Nutro a mim mesma quando descubro
que ensinar é também me curar
Os desafios são muitos
Lido com o cansaço de ser uma só
Mas sigo,
porque há olhos que me esperam
Faço da minha prática um poema em construção
Um poema vivo, inclusivo e humano

Autora: Andreza Almeida dos Santos. Natural de Maués/AM. Licenciada em Pedagogia pela UEA. Especialista em Administração Escolar e Orientação Educacional pela UCAM. Pedagoga/SEMED.
E-mail: almeidaandreza12@gmail.com



RAÍZES DO MEU CAMINHO

Roziane Pacheco da Silva Rocha

No interior do Amazonas, minha história começou,
entre rios e canoas, a infância me moldou
No quintal da vida simples, a luta era certeza,
a renda vinha do açaí e da mandioca da natureza

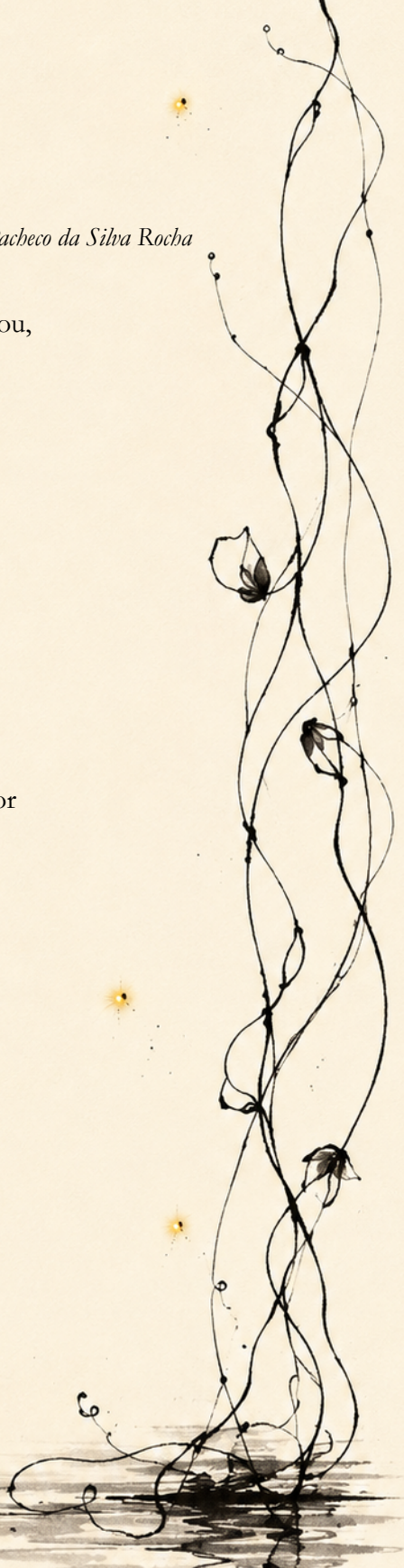
Vi mãos calejadas baterem açaí com esperança,
outras ralarem mandioca, sustento de criança
Entre o cheiro de farinha e o canto do igarapé,
aprendi que quem luta nunca perde a fé

Minha escola era pequena, de madeira e calor,
mas nela encontrei sementes de um futuro melhor
Com lápis gasto e caderno quase vazio,
fui rabiscando sonhos na beira do rio

A menina da roça cresceu com coragem,
levando nos ombros estudo e bagagem
Foram dias difíceis, mas nunca desisti,
a cada degrau vencido, mais longe eu consegui

Hoje sou professora, orgulho da minha nação,
carrego no peito o Amazonas e sua canção
Sou filha da mandioca, do açaí e da esperança,
pequena no corpo, mas gigante na confiança

Minha ciência é o fazer que floresce na raiz,



sou prova viva de que a luta também faz feliz
Do interior às salas, minha história ecoa:
sou professora pequena, mas minha voz é boa

Autora: Roziane Pacheco da Silva Rocha. Natural de Codajás/AM. Licenciada em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Táhirih/ISEAMA. Professora/SEMED. E-mail: roziane82_rocha@hotmail.com



ENTRE MATERNAR E ENSINAR

Yanna Sofia Trindade dos Santos

Carrego teorias na mente
e afetos no colo
Aprendo com livros,
mas também com choros e sorrisos
Ensinar, para mim,
é mais do que método:
é intuição, é cuidado, é presença
É buscar, mesmo cansada,
formas de transformar saber em vida

A esperança que pulsa em mim
quando imagino uma sala cheia de vozes
O riso do meu filho,
que me ensina a ter paciência
As histórias de quem acreditou na educação,
mesmo diante do impossível
É meu alimento
e a força da certeza de que educar
é plantar futuro

Hoje, nutre a mim mesma,
que encontro na prática materna
meu primeiro estágio de docência
Nutre meu filho,
que cresce entre canções e gestos de cuidado
E, amanhã, nutrirá meus alunos,
a comunidade,



com a força de uma professora
que aprendeu que ensinar
é também incluir, acolher, respeitar culturas

Mas, com isso, vêm os medos
Medo de não dar conta
Medo do julgamento,
do rótulo de “não pronta”
Desafio de conciliar
maternidade e profissão,
teoria e prática
Desafio maior:
fazer da escola um espaço
onde todas as vozes cabem,
onde a inclusão não seja promessa,
mas realidade viva

Ainda assim, sigo
Porque minha ciência é feita de amor,
coragem e recomeços
Porque ser mãe e ser professora
não são caminhos opostos:
são rios que se encontram
para irrigar a mesma terra:
a terra fértil da educação

Autora: Yanna Sofia Trindade dos Santos. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Especialista em Educação Museal pela Universidade Aberta do Brasil/Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Professora Residente – PPR/LEPETE/UEA. E-mail: ystds.eec25@uea.edu.br



MOVIDA PELO DESEJO DE FAZER BEM

Vanderlene da Silva Ibernnon

Sou movida pelo desejo de fazer bem,
e assim, fazer o bem:
ouvir bem, olhar bem, sentir bem

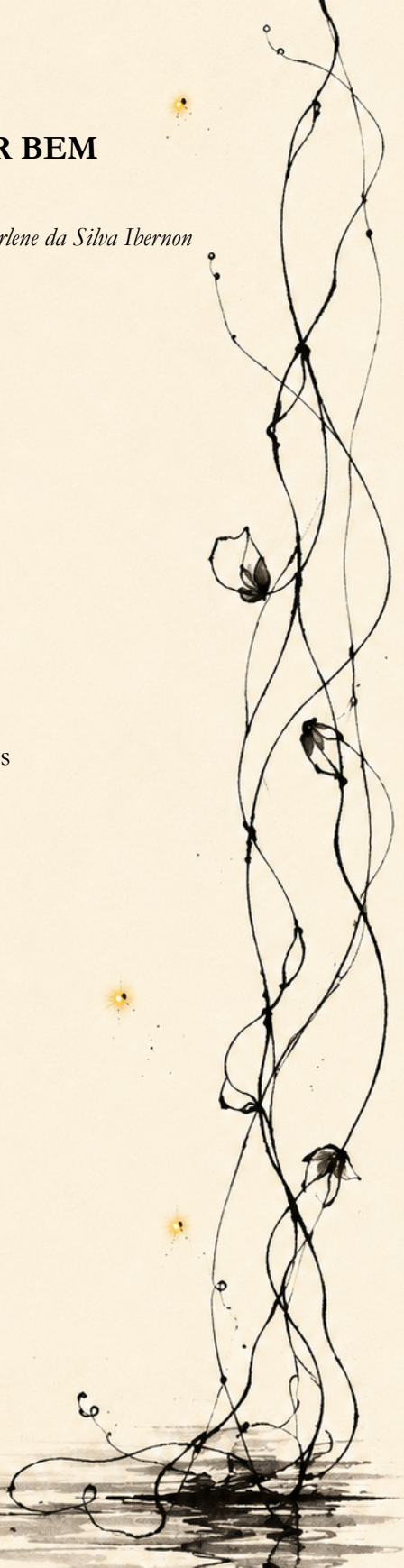
Ser ponte que liga, que une, que amplia,
que sente, que busca, que acerta;
e a parte mais difícil: se perdoar quando erra

Freiriana no desejo de justiça social,
walloniana ao valorizar o afeto
e vygotskyana quanto à construção do que somos

Me realizo nos avanços,
no aprender que alegra a criança
e alenta a esperança da família

Que abraça, com receio, o desafio de
incluir os excluídos;
que não se sente pronta,
mas que está caminhando

Passos pequenos, costurados pelo medo,
mas também movida pelo desejo de fazer bem
e, assim, fazer o bem



Autora: Vanderlene da Silva Ibernnon. Natural de Cruzeiro do Sul/AC.
Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
Especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal do Amazonas
(UFAM). Professora/SEMED.
E-mail: vanderlene.ibernnon@semed.manaus.am.gov.br



QUEM SOU EU

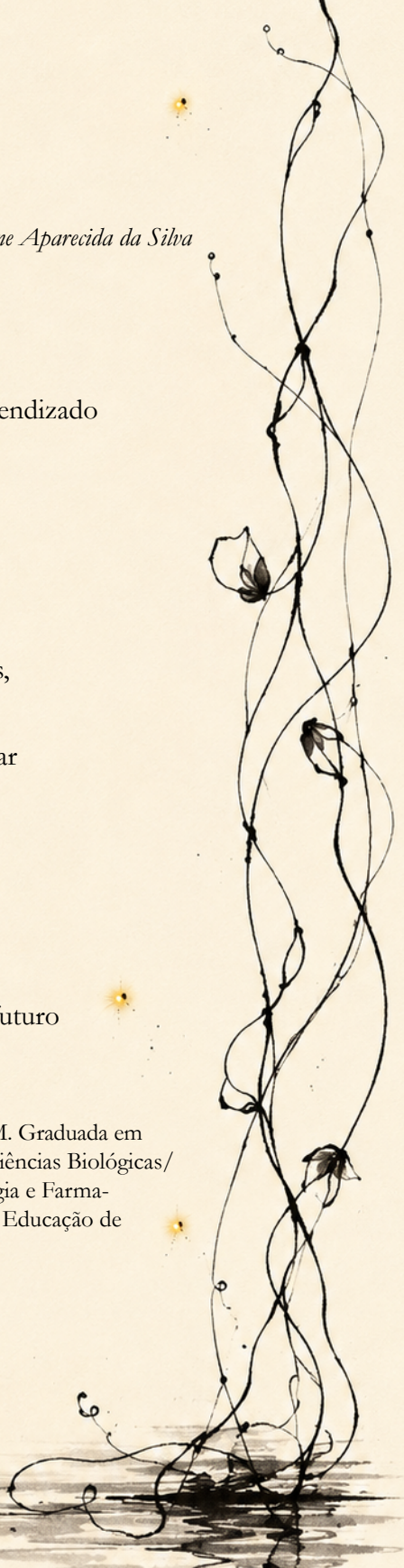
Rejane Aparecida da Silva

Sou filha, guardiã das histórias que herdei
Raízes firmes no amor que me formou
Sou mãe de uma criança especial, meu maior aprendizado
Minha força diária, meu coração em movimento

Sou avó, porto seguro de sorrisos
Mãos que embalam e olhos que ensinam
Sou professora, semeando letras e sonhos,
acolhendo meus alunos com diversas deficiências,
aprendendo com cada olhar,
descobrimo que ensinar é também se transformar

Sou feita de lutas e ternuras,
de noites acordadas e dias cheios de esperança
Quem sou eu?
Sou vida que se inventa,
sou história que caminha de mãos dadas com o futuro

Autora: Rejane Aparecida da Silva. Natural de Eirunepé/AM. Graduada em Normal Superior e Ciência Política/UEA. Graduada em Ciências Biológicas/UFAM. Especialista em Transtornos Mentais, Neurobiologia e Farmacologia/FACUMINAS. Professora efetiva da Secretaria de Educação de Eirunepé. E-mail: rejanasilvaap@hotmail.com



A BUSCA DO SABER

Janison Printes Carneiro

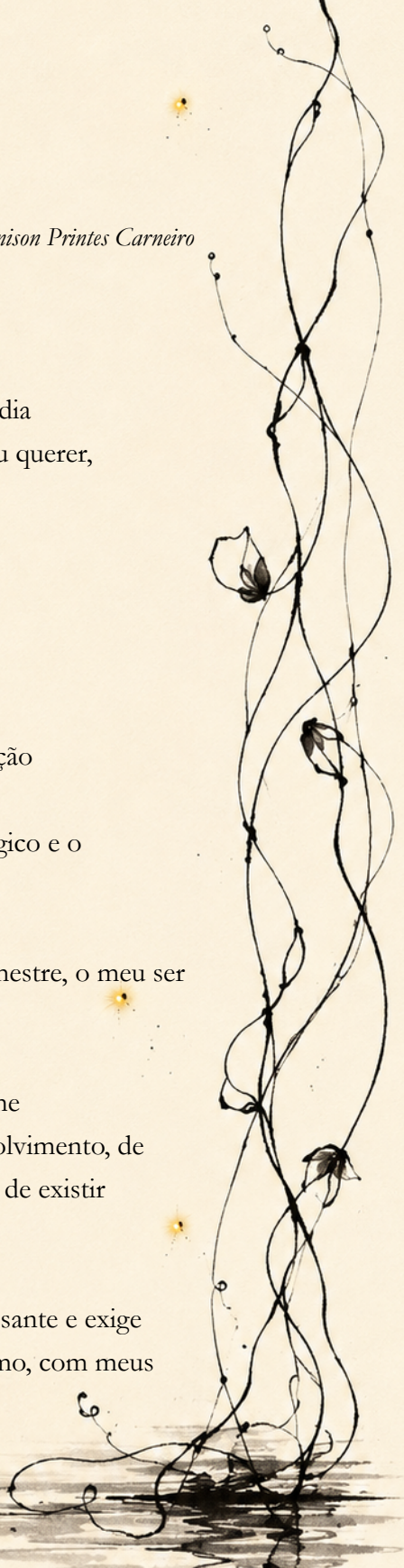
Na busca do saber, tudo é válido
O conhecimento do senso comum
O conhecimento científico e as práticas do dia a dia
Essa gama de saberes impulsiona meu saber, meu querer,
meu caminhar e meu entendimento de mundo

Não sei dizer de onde vem esse desejo!
Não sei dizer se é minha vocação!
Talvez seja o conjunto de tudo isso,
talvez seja um compromisso ou uma vontade
de transformar a vida das pessoas e da minha nação

Eu uso o saber didático, o pedagógico, o psicológico e o
neurológico
Esses saberes são muito valiosos para mim
Eles alimentam o meu ser professor, o meu ser mestre, o meu ser
educador

Acredito que tudo isso, junto e misturado, vem me
deixando um lindo legado, um legado de desenvolvimento, de
bem-estar, de inclusão, de fazer parte do mundo, de existir
como pessoa

Mas não é fácil, não! É muito desafiador, é estressante e exige
muito compromisso, compromisso comigo mesmo, com meus
alunos, com a sociedade e com meu país



Isso é a minha busca pelo saber: saber ensinar, saber caminhar,
saber incluir, saber participar, saber pesquisar e saber educar
Vivemos sempre em busca do saber!

Autor: Janison Printes Carneiro. Natural de Barreirinha/AM. Graduado em
Pedagogia pela UFAM. Pós-graduado em Neuropsicopedagogia pela Faculdade
Martha Falcão Wyden. Professor/SEMED.
E-mail: janison.carneiro@semed.manaus.am.gov.br



UM SER CHAMADO PROFESSORA

Carla Cristina Monteiro Tinóco

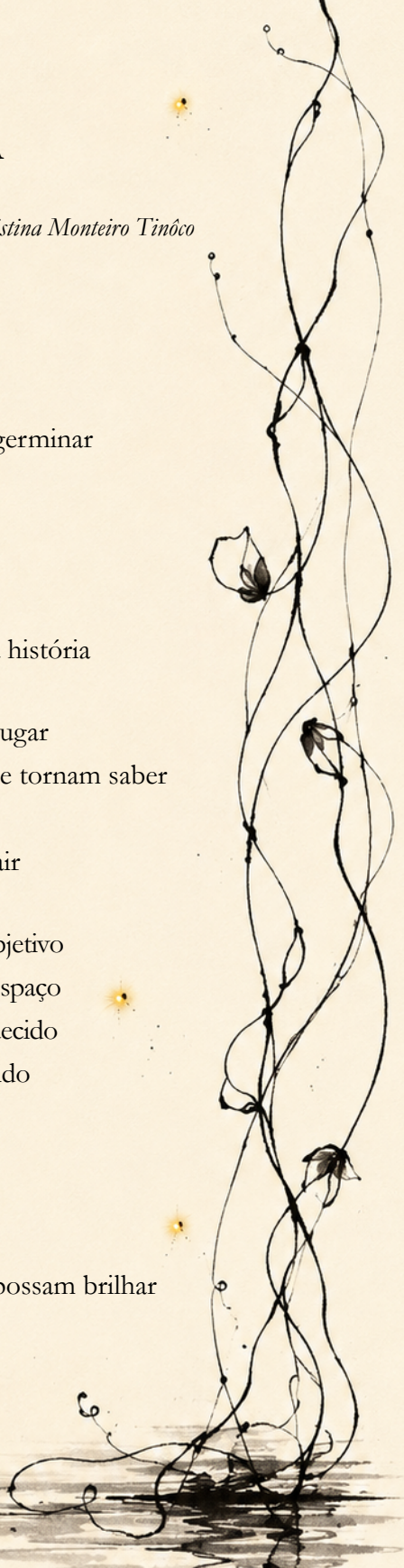
Com paixão em ensinar, eu vou além
do simples saber, busco transformar
uma sociedade mais justa, igualitária, que vai
além dos muros da escola, onde a esperança vai germinar

A motivação é o fogo que arde em mim
Queima a cada aula, a cada desafio que vem
Eu busco inspirar, eu busco motivar
para que os alunos sejam os protagonistas de sua história

No processo de alfabetização, eu encontro meu lugar
Onde as letras se tornam palavras, e as palavras se tornam saber
Eu ajudo a construir pontes, a abrir caminhos
para que os alunos possam voar, sem medo de cair

A inclusão é o meu desafio e compromisso, meu objetivo
Eu busco garantir que todos tenham voz, tenham espaço
Nenhum aluno é deixado para trás, ninguém é esquecido
Todos têm direito à educação, é um direito adquirido

Com paixão em ensinar, eu vou transformando
a sociedade, os alunos e a mim mesma
Eu busco fazer a diferença, eu busco inspirar
para que os alunos sejam agentes de mudança e possam brilhar



Autora: Carla Cristina Monteiro Tinôco. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Nilton Lins. Especialista em Neuropsicopedagogia pela FACUMINAS. Professora/SEMED. E-mail: carla.tinoco@semед. manaus.am.gov.br



UM SONHO QUE BROTOU

Daliane Araújo da Silva

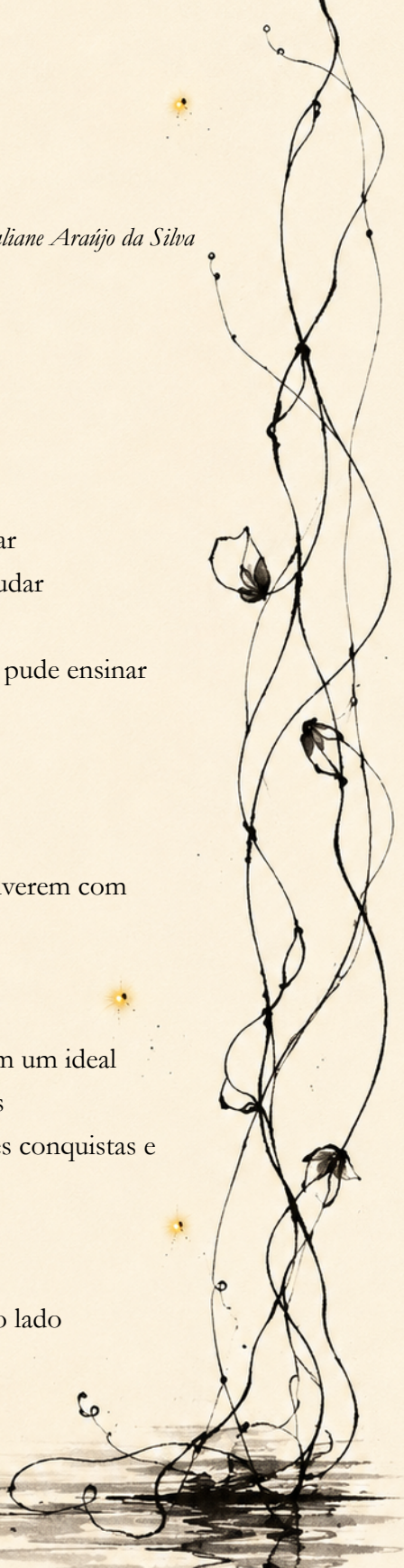
Desde os 12 anos, eu já ensinava
aos filhos dos vizinhos, com muito carinho
Ser professora, um sonho que brotava
e eu não sabia que seria meu caminho

Ganhei uma bolsa de estudos, um sonho a realizar
O ProUni me abriu as portas para Pedagogia estudar
Com muito esforço, eu consegui me formar
e a educação transformar, com amor e paixão eu pude ensinar

A alfabetização, um desafio que enfrento
Com criatividade e amor, eu vou conquistando
Na educação especial, eu descubro meu talento
de ajudar os alunos a aprenderem e a se desenvolverem com
contentamento

Como apoio escolar, eu vi a diferença real
que a educação pode fazer na vida de alguém com um ideal
Ajudar a superar obstáculos, a vencer as barreiras
e mostrar que a educação é a base para as maiores conquistas e
carreiras

Hoje, eu olho para trás e vejo o passado
percorrido com paixão, com amor e dedicação ao lado
Vejo que cada desafio foi superado
e sei que cada passo foi um aprendizado



Autora: Daliane Araújo da Silva. Natural de Alenquer/PA. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Especialista em Saberes e Práticas para Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa e Matemática (UEA). Professora/SEMED. E-mail: daliane.silva@semed.manaus.am.gov.br



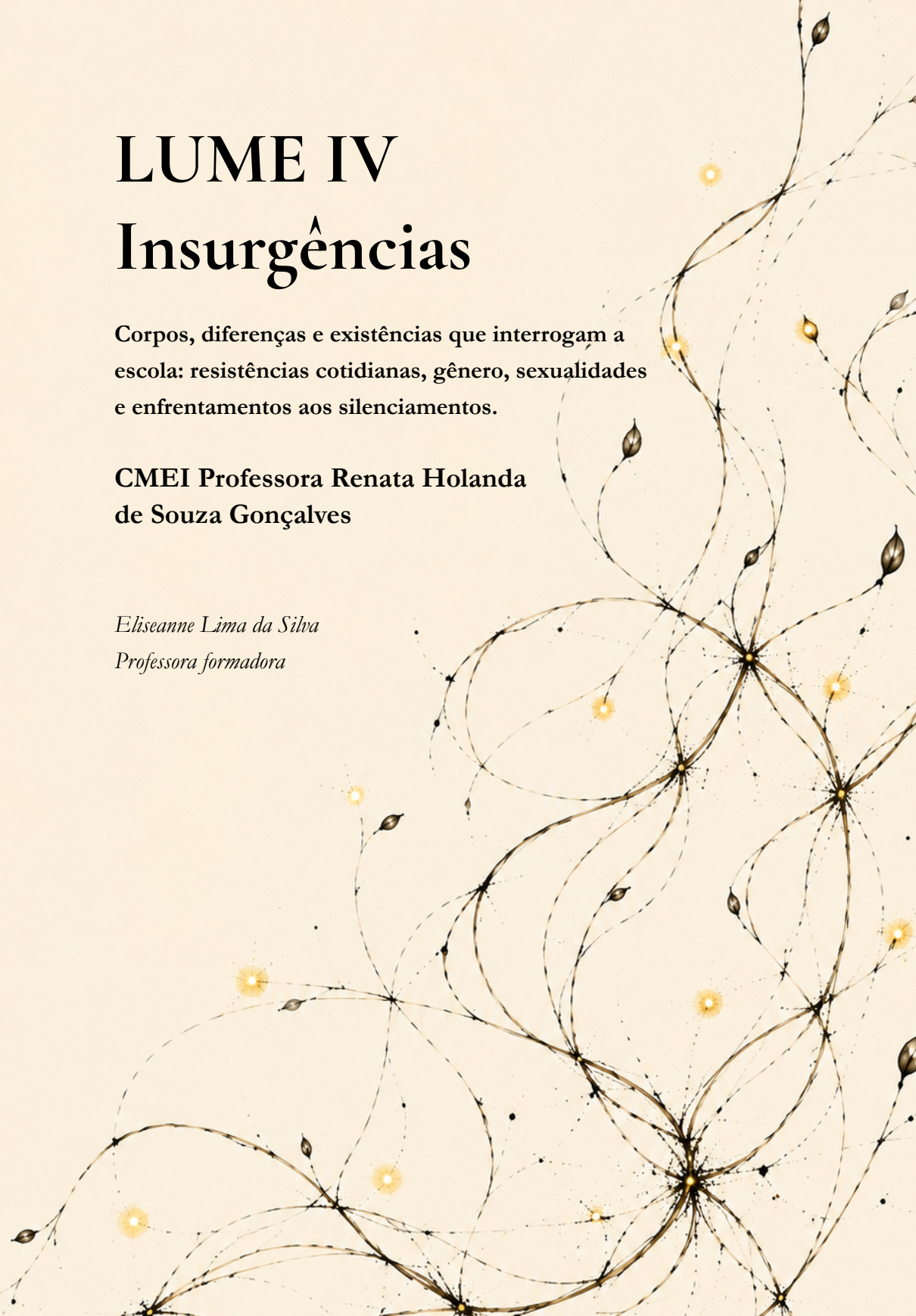
LUME IV

Insurgências

Corpos, diferenças e existências que interrogam a escola: resistências cotidianas, gênero, sexualidades e enfrentamentos aos silenciamentos.

**CMEI Professora Renata Holanda
de Souza Gonçalves**

Eliseanne Lima da Silva
Professora formadora



A HISTÓRIA DA INCLUSÃO

Lira Figueiredo da Silva

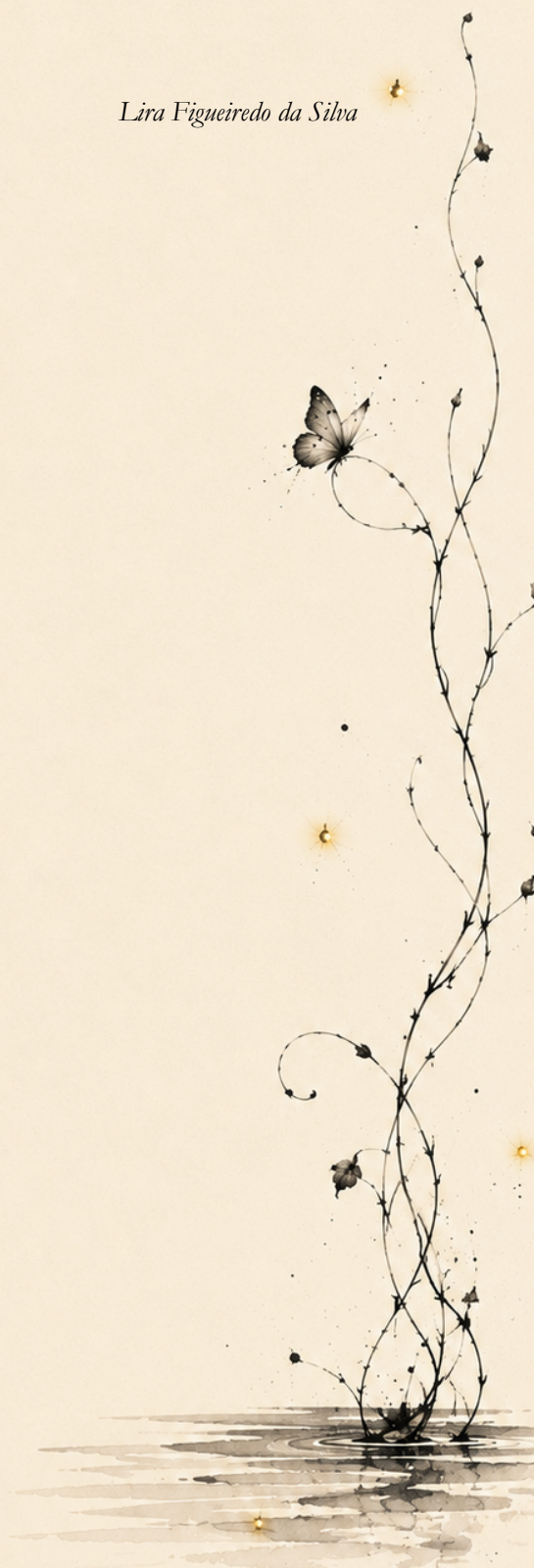
Leia com muita atenção
os versinhos a seguir,
são palavras verdadeiras
falando de tudo o que li

Alguns anos atrás
gente humilde sofria,
reivindicando melhoras,
e quase nada acontecia

Pessoas diferentes,
ditas deficientes,
tinham prazo de validade
para viver em sociedade

Respeito, ato que não se via,
mas era gente guerreira,
lutava todos os dias
numa batalha constante

Luta, desafio, sofrimento,
amor, nunca vi,
esperança, com certeza,
de acabar com o preconceito
e uma vida sem respeito



Retardado, débil, inválido,
a terminologia permite perceber,
palavras que se tornam
difíceis de esquecer

Apesar das lutas e iniciativas,
a problemática ainda está presente,
passeando pelo Brasil,
no peito de muita gente

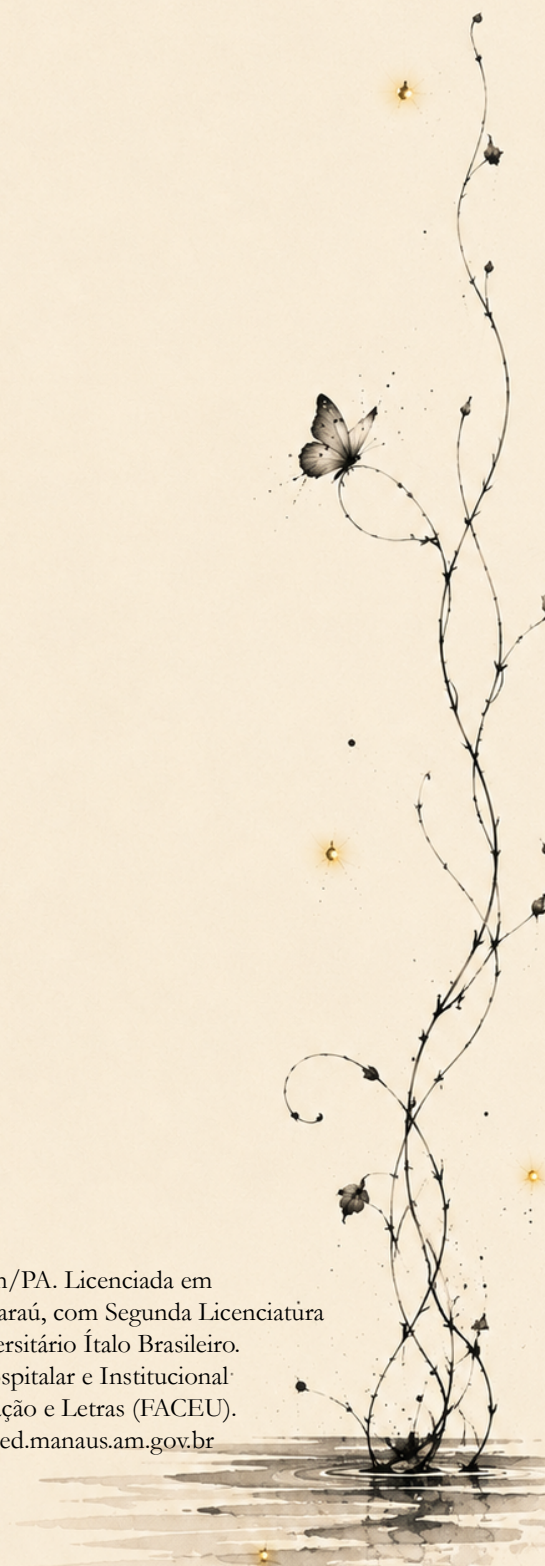
Com vistas a superar
a realidade historicamente,
a luta dessa gente
ganhou voz nos ambientes

Criaram o Ano Internacional
das Pessoas Deficientes

A resolução da ONU,
assinada por 94 países,
assume como premissa
a não segregação

Pessoas com deficiência
têm direito à inclusão

Autora: Lira Figueiredo da Silva. Natural de Belém/PA. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, com Segunda Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro. Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica, Hospitalar e Institucional pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras (FACEU). Professora/SEMED. E-mail: lira.figueiredo@semed.manaus.am.gov.br



CAMINHOS DA INCLUSÃO

Shirley Maria Pinto Mendes

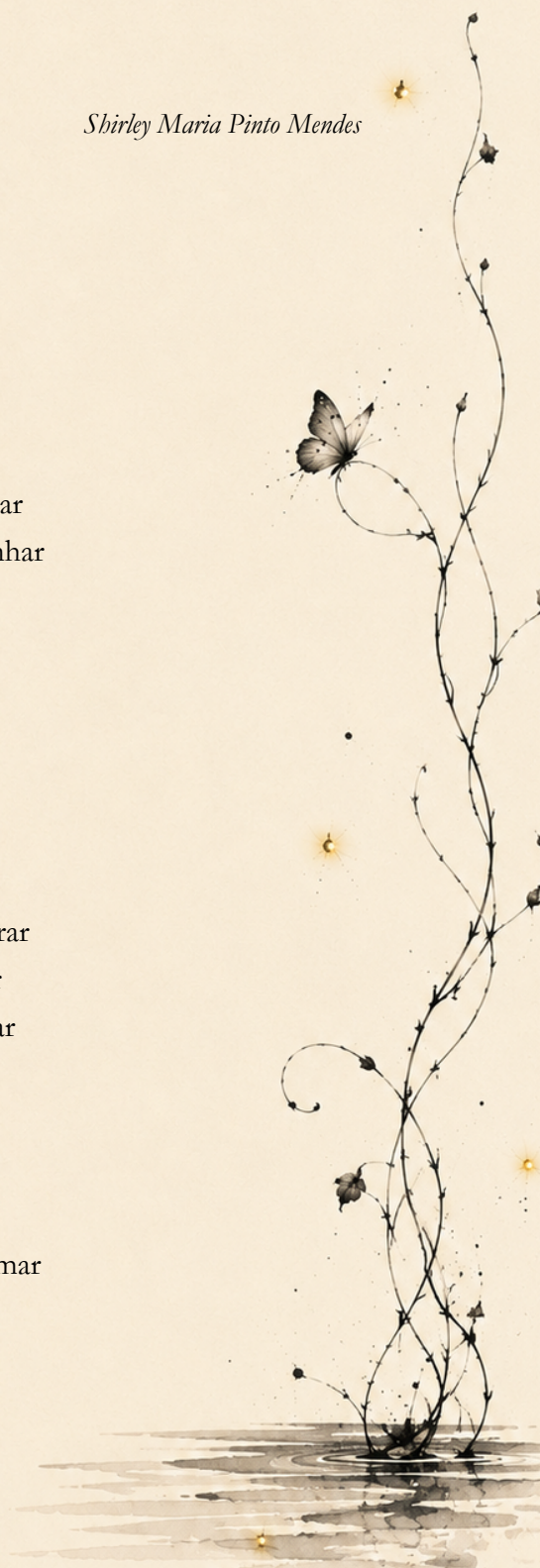
Em salas coloridas, risos a brilhar
Corações abertos, prontos a amar
Cada criança é um mundo a explorar
Com sonhos e talentos prontos a voar

Na roda da vida todos têm seu lugar
Diferenças são flores que vêm para enfeitar
Com mãos entrelaçadas vamos juntos sonhar
A educação é ponte que nos faz conectar

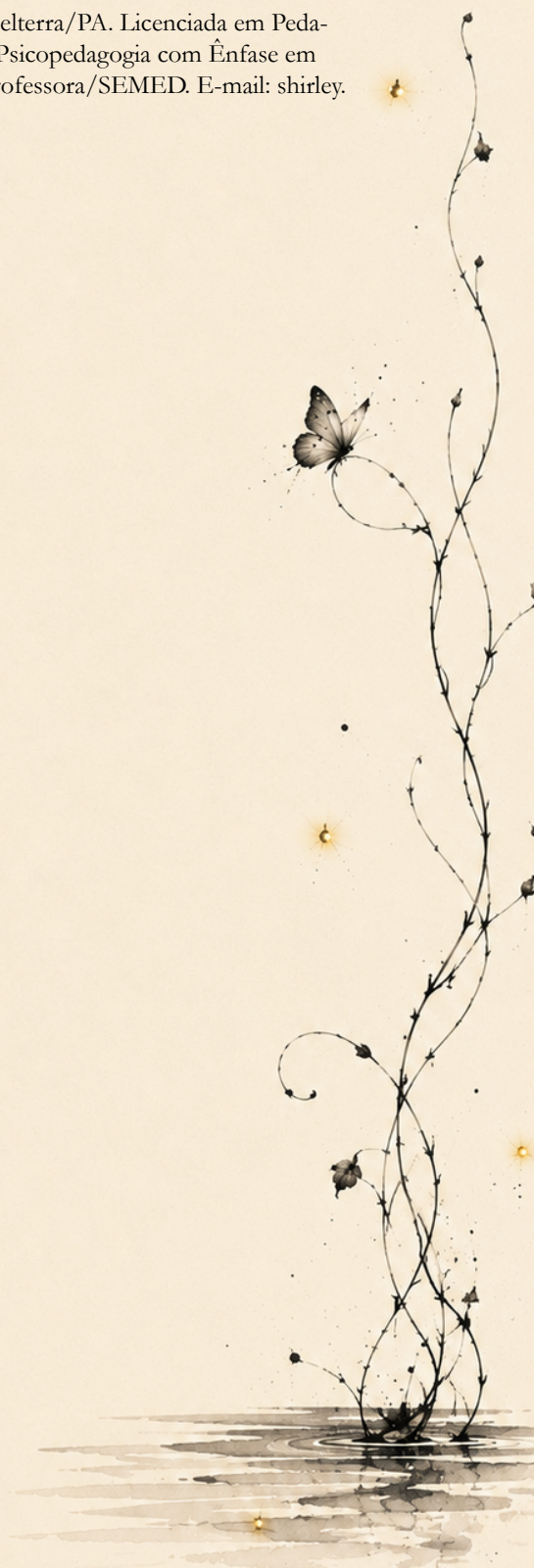
Um sorriso sincero, um olhar de empatia
Na diversidade encontramos harmonia
Cada voz é única, cada história é real
Na escola do afeto somos todos iguais

Desafios surgem, mas juntos vamos superar
Com carinho e respeito vamos nos apoiar
Na dança do saber todos podem participar
Educação inclusiva é festa no ar

E quando a jornada parece um labirinto
A inclusão é luz que nos guia distinto
Com amor e paciência podemos transformar
Um futuro brilhante para todos sonhar



Autora: Shirley Maria Pinto Mendes. Natural de Belterra/PA. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Paulista. Especialista em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Especial pela Faculdade de São Luís. Professora/SEMED. E-mail: shirley.mendes@semed.manaus.am.gov.br



A CIÊNCIA DO MEU FAZER, NUTRIÇÃO E DESAFIOS

Cristina Lima de Moraes Oliveira

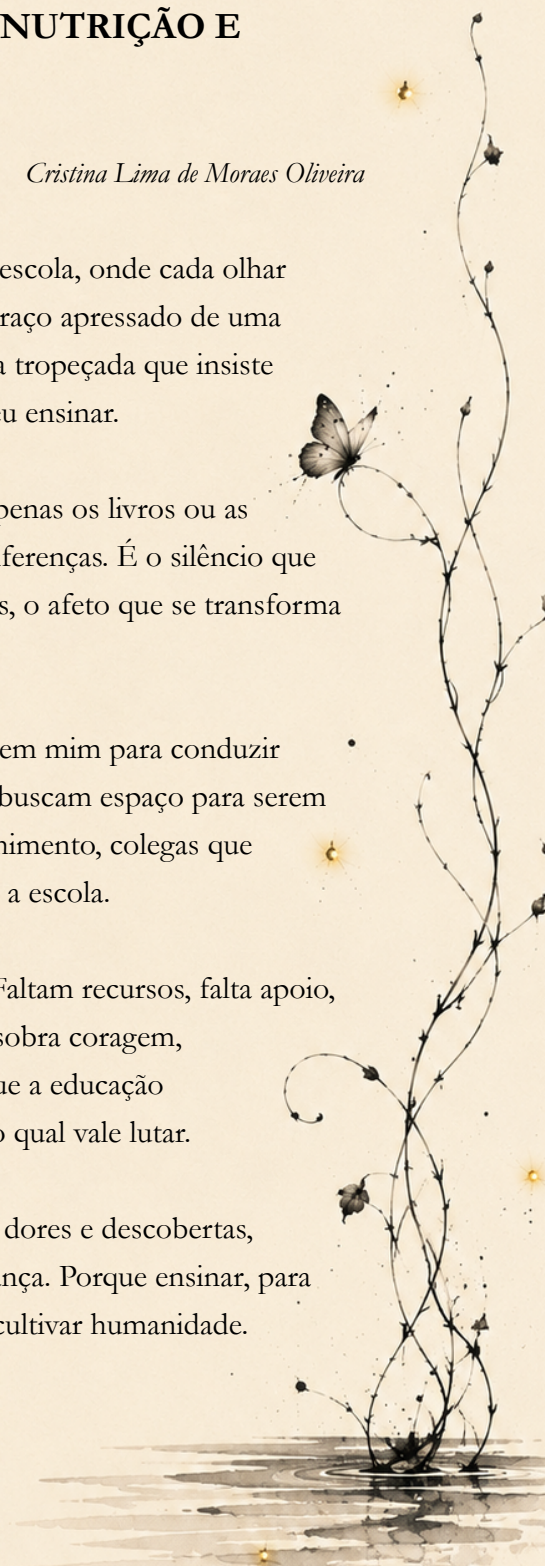
A ciência do meu fazer nasce no chão da escola, onde cada olhar curioso me convida a recomeçar. É no abraço apressado de uma criança, na inquietude de outra, na palavra tropeçada que insiste em florescer, que descubro a razão do meu ensinar.

O que nutre minha experiência não são apenas os livros ou as metodologias, mas a vida que pulsa nas diferenças. É o silêncio que pede paciência, o riso que rompe barreiras, o afeto que se transforma em ponte entre mundos tão diversos.

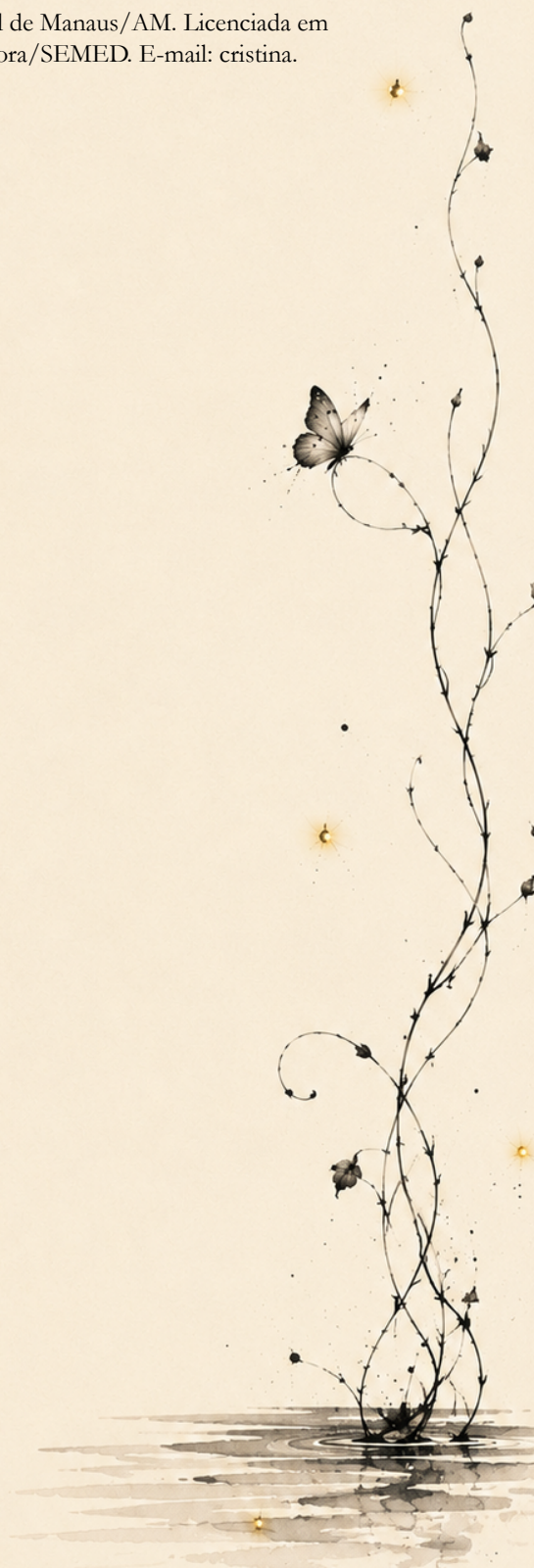
Minha ciência nutre aqueles que confiam em mim para conduzir caminhos de aprendizagem: crianças que buscam espaço para serem quem são, famílias que sonham com acolhimento, colegas que acreditam que juntos podemos reinventar a escola.

Os desafios, sei bem, não são pequenos. Faltam recursos, falta apoio, muitas vezes falta até compreensão. Mas sobra coragem, sobra amor, sobra vontade de acreditar que a educação inclusiva e intercultural é o horizonte pelo qual vale lutar.

Assim sigo, entre sonhos e práticas, entre dores e descobertas, tecendo minha ciência com fios de esperança. Porque ensinar, para mim, é mais do que transmitir saberes: é cultivar humanidade.



Autora: Cristina Lima de Moraes Oliveira. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Nilton Lins. Professora/SEMED. E-mail: cristina.oliveira1@semed.manaus.am.gov.br



A CIÊNCIA DO MEU FAZER

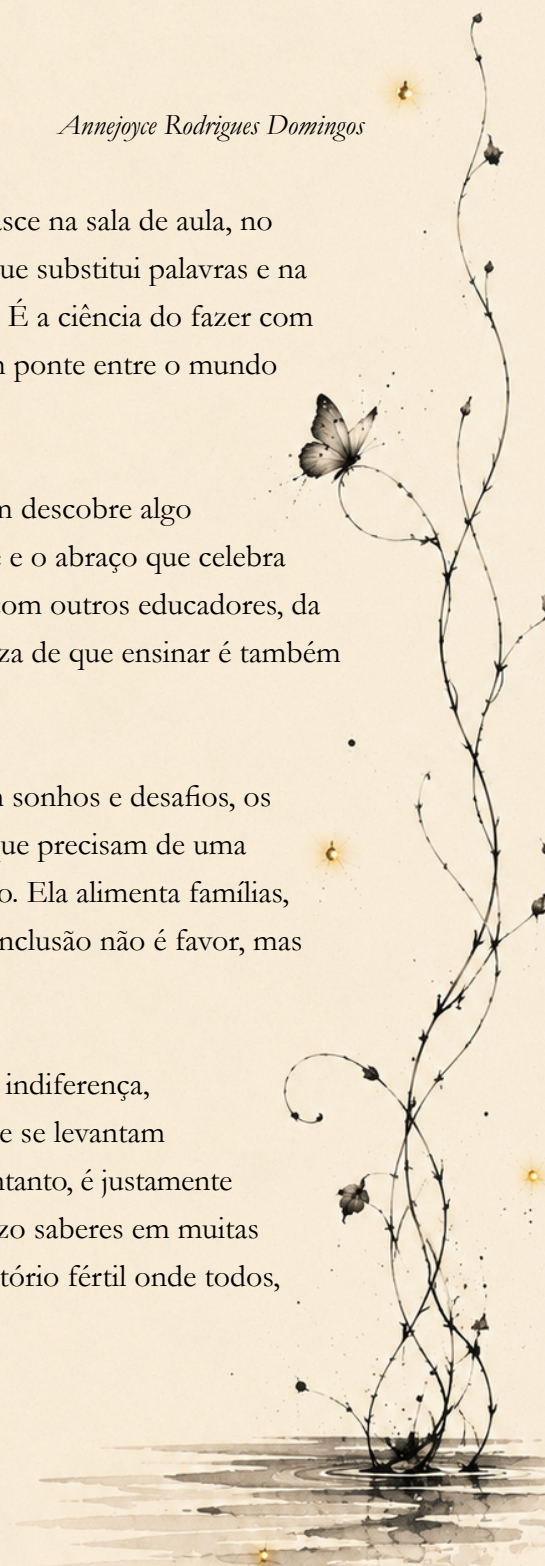
Annejoyce Rodrigues Domingos

Minha ciência é feita de encontros. Ela nasce na sala de aula, no diálogo silencioso dos olhares, no gesto que substitui palavras e na escuta atenta que acolhe histórias inteiras. É a ciência do fazer com sentido, de transformar conhecimento em ponte entre o mundo que é e o que pode ser.

O que a nutre é o brilho no olhar de quem descobre algo novo, o sorriso tímido que um dia se abre e o abraço que celebra conquistas. Nutre-se também das trocas com outros educadores, da busca constante por estratégias e da certeza de que ensinar é também aprender.

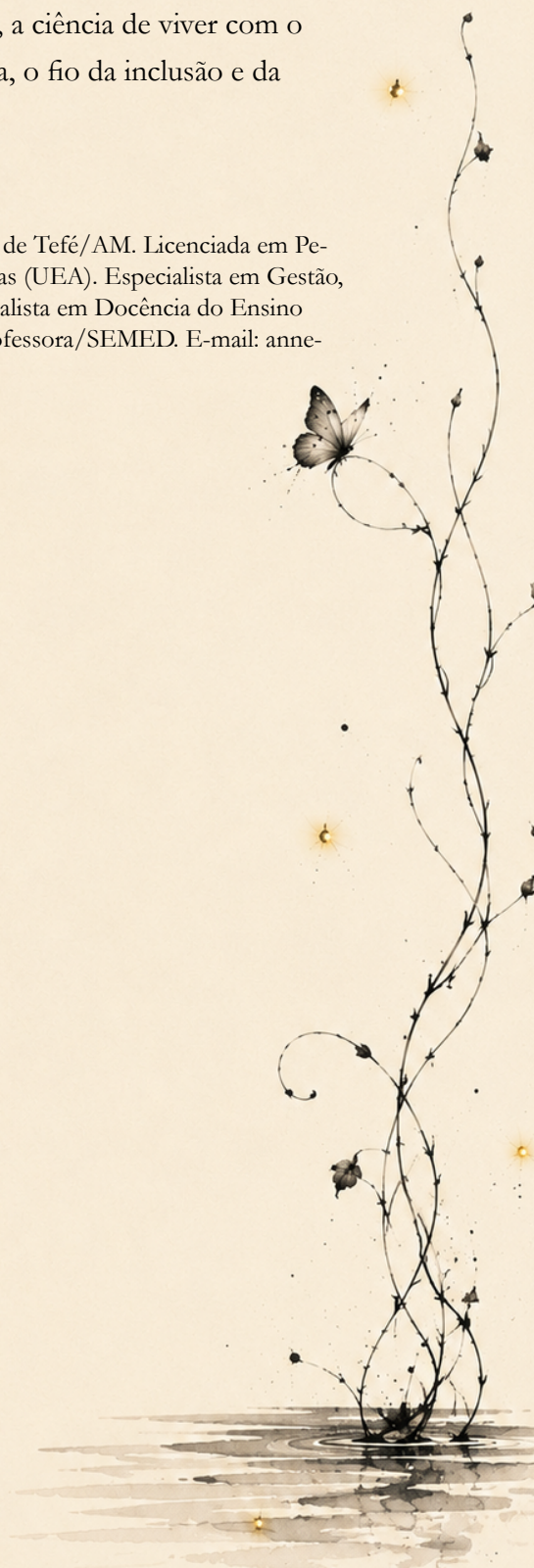
Minha ciência nutre aqueles que carregam sonhos e desafios, os que muitas vezes foram silenciados e os que precisam de uma porta aberta para se reconhecer no mundo. Ela alimenta famílias, comunidades e todos que acreditam que inclusão não é favor, mas direito.

Os desafios estão nos muros invisíveis da indiferença, na escassez de recursos e nas barreiras que se levantam contra a diversidade cultural e física. No entanto, é justamente nesses desafios que encontro força: traduzo saberes em muitas linguagens, transformo a sala em um território fértil onde todos, com suas diferenças, podem florescer.



A minha ciência do fazer é, antes de tudo, a ciência de viver com o outro e para o outro, tecendo, dia após dia, o fio da inclusão e da esperança.

Autora: Annejoyce Rodrigues Domingos. Natural de Tefé/AM. Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Especialista em Gestão, Supervisão e Inspeção Escolar pela FASE. Especialista em Docência do Ensino Superior e de Jovens e Adultos pela FAVENI. Professora/SEMED. E-mail: annejoyce.domingos@semed.manaus.am.gov.br



CRIANÇA SINGULAR

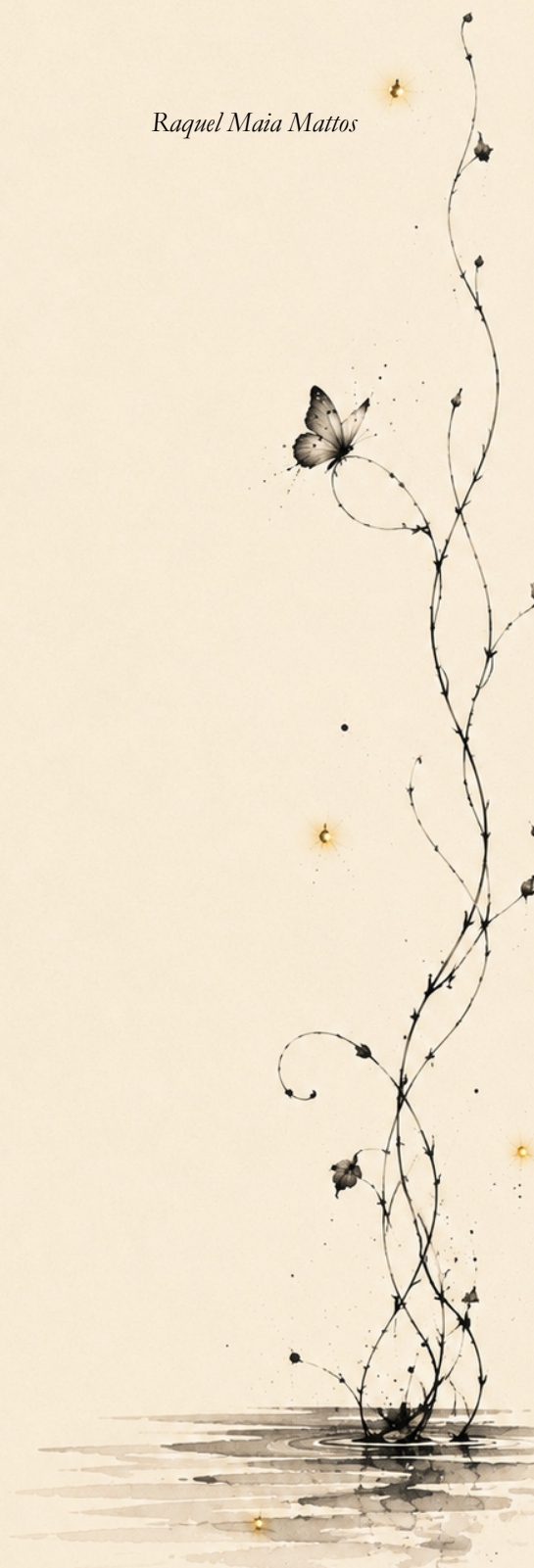
Raquel Maia Mattos

Olá,
sempre te vi,
mas não entendia
tanta inquietude,
algumas palavras,
seu grito,
seu silêncio,
seu olhar,
suas mãozinhas

O que queria?
O que via?
O que sentia?
Como aprendia?

Pequeno(a),
agora estou aqui,
correndo,
querendo,
lendo,
estudando,
aprendendo

Porque quero que você
cresça,
seja,



aconteça,
permaneça,
se supere,
aprenda,
avance,
alcance

a felicidade!

Autora: Raquel Maia Mattos. Natural de Manaus/AM. Mestra em Artes pela UNICAMP/SP. Licenciada em Artes Plásticas pela UFAM. Professora/SEMED. E-mail: raquel.mattos@semed.manaus.am.gov.br



LUME V

Cotidianos

A ciência que acontece enquanto a escola vive:
saberes, relações, tensões e invenções tecidos no
fazer ordinário da docência.

**Escola Municipal Professora Isabel Victória
do Carmo Ribeiro**



Alice Ramos de Oliveira
Professora formadora



SER OU NÃO SER FOI A QUESTÃO

Andréa Paiva dos Santos

Desde criança a paixão brotava,
Nos livros e lições, eu me encontrava
Admirava mestres com devoção,
Mas, às vezes, tropeçava na expressão

Crescendo, vieram desafios mil,
As dúvidas no coração eram sutis
A vontade de ensinar, em curva, oscilava,
Mas algo em mim sempre acreditava

“Você tem vocação”, todos diziam,
E as palavras em mim se fixavam

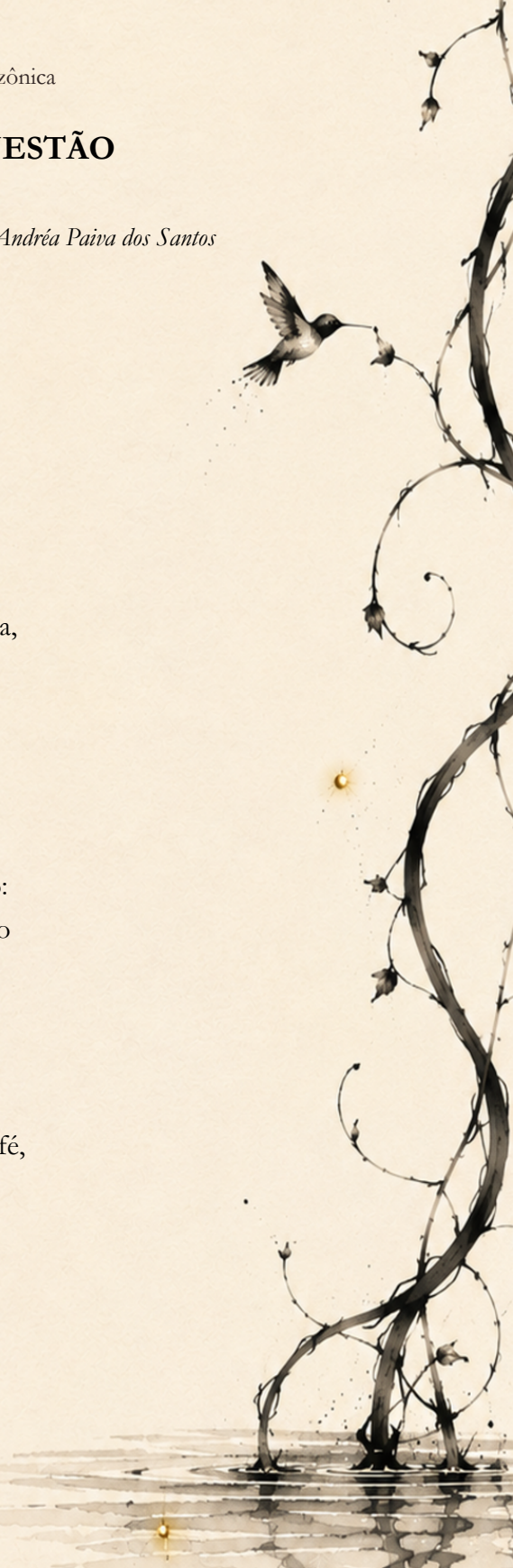
No fim do ensino médio, veio a decisão:
Serviço Social ou Pedagogia na inscrição

O destino escolheu, não por acaso,
E a sala de aula tornou-se meu espaço

Professora me tornei, com alma e com fé,
A cada dia, uma nova lição em pé

Os desafios crescem, não vou mentir,
Mas há beleza no que posso sentir

As crianças com brilho no olhar

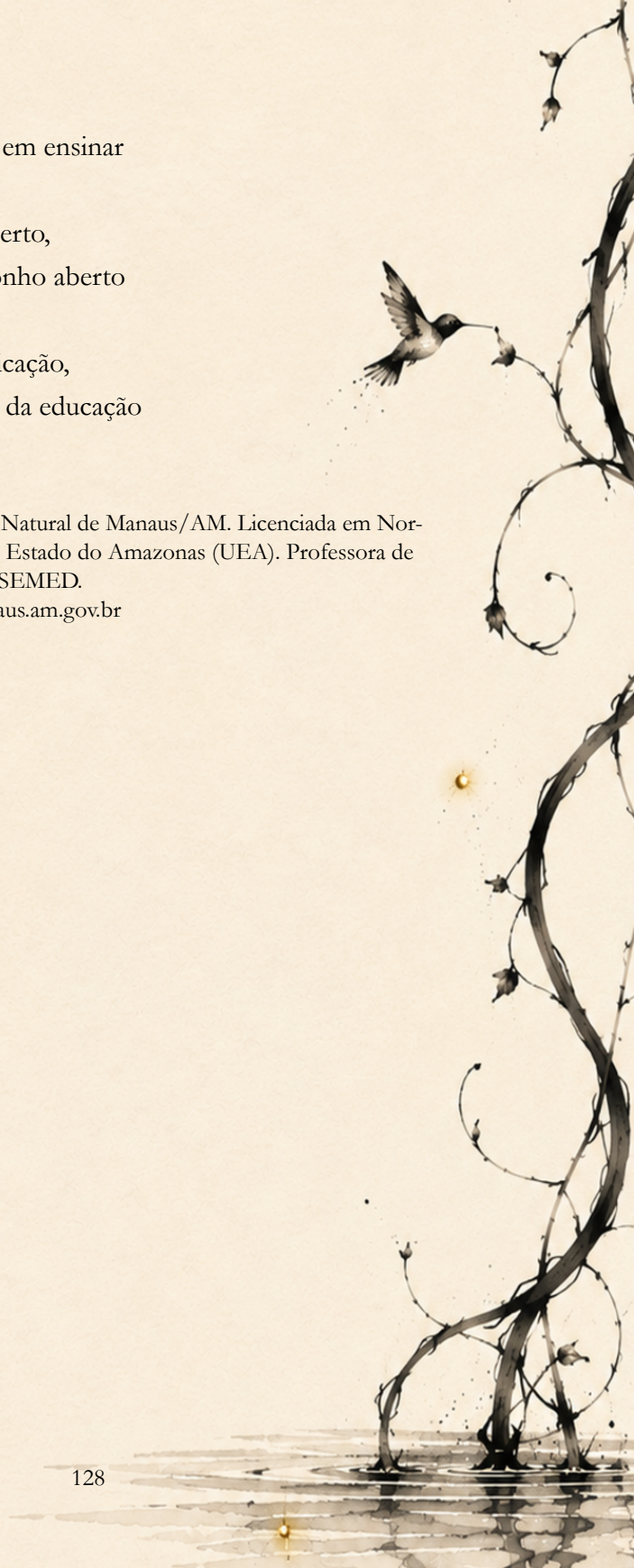


Me lembram por que insisto em ensinar

Educar é plantar em solo incerto,
Ver florescer o futuro, um sonho aberto

Assim sigo, com amor e dedicação,
Moldando vidas com a força da educação

Autora: Andréa Paiva dos Santos. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Professora de Sala de Recursos Multifuncionais/SEMED.
E-mail: andrea.paiva@semed.manaus.am.gov.br



COMO ME TORNEI PROFESSORA

Ana Clycia Palheta de Lima

Dentro da escola eu cresci a sonhar,
Com minha mãe bem cedo a trabalhar,
Varrendo os corredores com dedicação,
E enchendo de orgulho meu coração

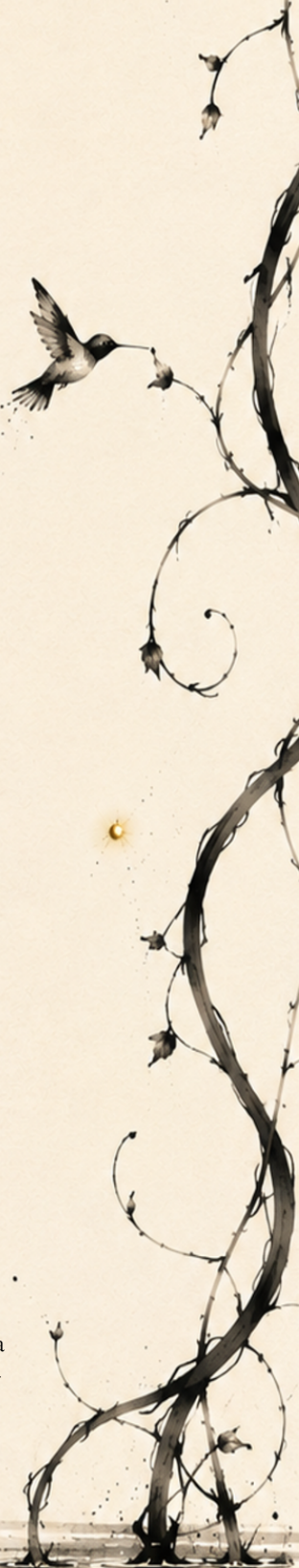
Eu amava as paredes, o teto e o chão,
Cada cantinho guardava uma emoção,
Depois da aula eu voltava sem demora,
Para ajudar minha mãe naquela escola

Vi seu esforço, sua força e seu valor,
De zeladora à secretária, conquistou com amor,
Também observava as professoras a ensinar,
E no meu peito nasceu o desejo de educar

O tempo passou e meu sonho floresceu,
A menina da escola professora se tornou: eu

Seguindo os passos de amor que a vida mostrou,
E na escola para sempre meu coração ficou

Autora: Ana Clycia Palheta de Lima. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Nilton Lins. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade UNIASSELVI. Professora e Coordenadora de CTE/SEMED. E-mail: ana.palheta@semed.manaus.am.gov.br



PROFESSORA EU SOU

Andréa Cândida Ferreira da Silva

Eu tentei.
Economia.
Administração.

Tentei entrar,
tentei passar,
tentei alcançar
o sonho que parecia morar
do outro lado dos vestibulares.

Mas o meu nome
não estava nas listas.

Ficava para trás.

Uma vez.
Outra vez.
E outra.

Só a ilusão
caminhava na minha frente.

Então desisti.

Guardei os sonhos
em gavetas silenciosas.



Dobrei projetos,
arquivei desejos.

Quase quinze anos
esperando o tempo acontecer.

Mas a vida,
essa professora antiga,
continuava escrevendo
nas margens da minha história.

Até que veio 2006.

Pedagogia.
UFAM.

E eu cheguei.

Cheguei com medo.

Medo do novo.
Medo do futuro.
Medo de não ser capaz.

Mas foi ali, entre livros, corredores,
cadernos e descobertas, que eu me encontrei.

Ali aprendi
que alguns caminhos
não nos escolhem por acaso.



O que eu mais queria
era passar.

Hoje,
o que eu mais quero
é ensinar.

É transformar.
É semear perguntas.
É testemunhar crescimentos.

É ver olhos brilhando
quando o conhecimento floresce.

Meu coração encontrou morada.

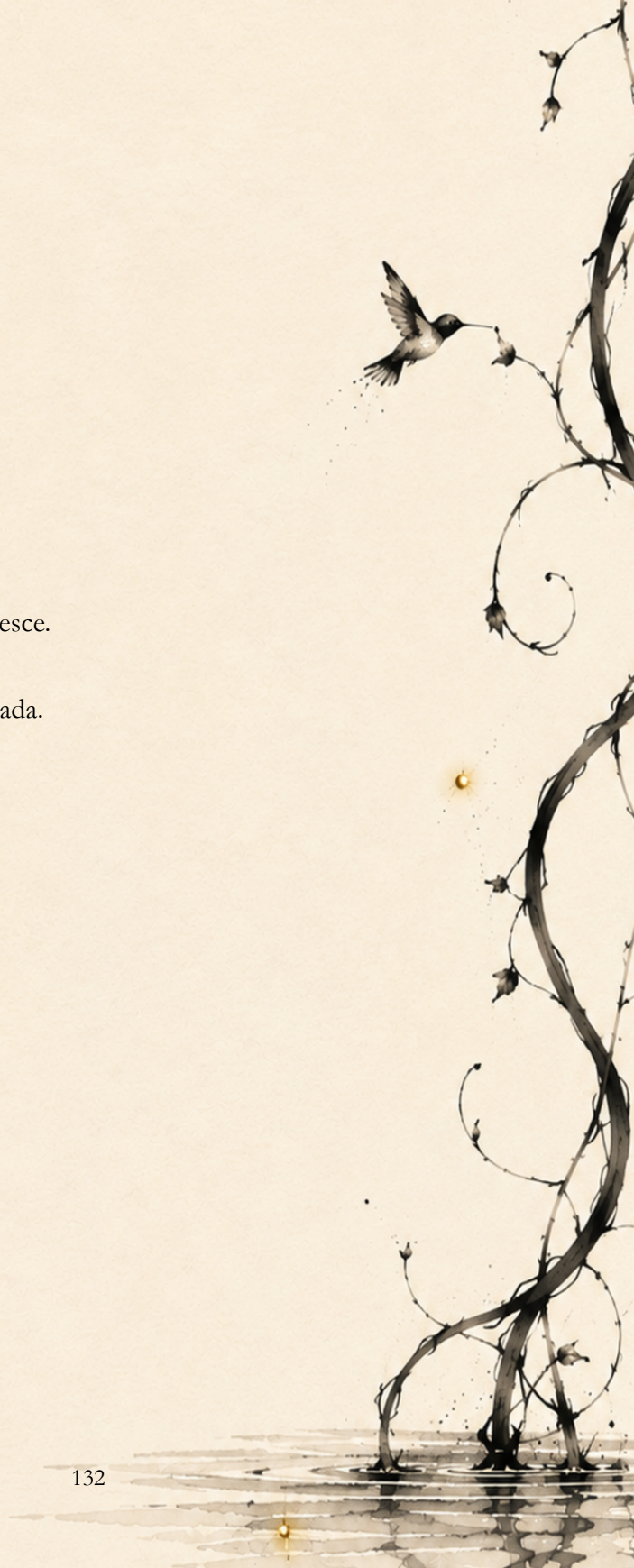
E nem pintada de ouro
eu troco essa missão.

Não sinto saudade
do caminho que não foi.

Cada espera.
Cada reprovação.
Cada demora.

Tudo me trouxe até aqui.

Descobri meu talento.
Descobri meu lugar.
Descobri minha voz.



Professora.

Sou feita de ensino,
de encontros,
de esperança.

Professora.

Eu sou.

Autora: Andréa Cândida Ferreira da Silva. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Pedagogia e Séries Iniciais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora/SEMED. E-mail: andrea.ferreira@semedmanaus.am.gov.br



RESISTÊNCIA

Royane Maygna Ribeiro da Silva

Nasci e cresci em um mundo onde a força feminina
brilhou

Minha avó, mulher guerreira, sobreviveu às feridas de um
amor sob o peso do patriarcado

Minha mãe, mesmo distante em momentos, nunca deixou de estar
presente,
cumprindo, com coragem, seu papel de guia para mim e meus
irmãos

Minhas tias, cada qual com sua singularidade,
foram faróis de fé e persistência em minha jornada

Delas, herdei lições que moldaram meu ser,
palavras que ecoam no meu caminhar: persistir, resistir, acreditar

Assim é também a educação em nosso Brasil:

uma luta constante, um ato de resistência,
um grito de esperança que atravessa gerações

Autora: Royane Maygna Ribeiro da Silva. Natural de Manaus/AM.
Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas
(UFAM). Professora de 5º Ano e Classe Especial/SEMED. E-mail:
royane.silva@semed.manaus.am.gov.br



CAMINHADA

Luzia Ludetana Sodré da Silveira

Só inicia o caminhar
Quando você se levanta
E dá o primeiro passo
Almejando seu objetivo

A jornada da docência
Na minha existência
Começou há muito tempo
Como uma menininha
Que decidiu repartir saberes

Compartilhava o que sabia
Ajudando a quem pudesse
A superar na escola
A dificuldade que tivesse

De pais trabalhadores
A menina deu-lhes orgulho
A primeira de sua família
A cursar a faculdade

Naqueles tempos memoráveis
Meu pai já dizia:

Legado de fé e coragem
É daquele que se dedica



Ao processo de ensino-aprendizagem

Geração vai

Geração vem

E não tenho dúvida alguma

Que o professor aprende sempre

Até mais do que ensina

Desta longa caminhada

Ainda guardo uma mágoa:

É saber que tal missão

Em nossa sociedade

É tão desvalorizada...

Mas o professor se reinventa

Cada desafio faz vitória

Cada barreira, superação

Cada fracasso, experiência

Nossa maior motivação

Ainda continua sendo:

Semear sonhos, florescer saberes

Despertar talentos

A cada nova geração

Autora: Luzia Ludetana Sodré da Silveira. Natural de Ananindeua/PA. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Gestão pela Universidade Estácio de Sá e Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Estácio de Sá. Professora/SEMED. E-mail: luzia.silveira@semed.manaus.am.gov.br



ENTRE DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Leila Cristine Rocha Castro

Entre desafios e possibilidades,
nasce um território vivo, pulsante,
um 2º ano que respira infância
em 31 formas de existir.

São vozes que se cruzam no ar,
corpos que não cabem no silêncio,
olhares que pedem encontro
como quem pede abrigo.

Cada criança, um universo inteiro.

Histórias que caminham descalças,
ritmos próprios,
medos guardados entre letras ainda não ditas,
descobertas que brilham no gesto mais simples.

Há caminhos que pedem pausa.

Trajetórias desenhadas com mais cuidado,
onde o tempo precisa desacelerar
para que o aprender aconteça com sentido.

Uma delas exige presença constante,
mãos que sustentam,
olhos que acolhem,



um mundo que se adapte
ao seu jeito único de existir.
Outras duas constroem pontes
sobre rios de silêncio e tentativa,
comunicar-se ainda é travessia,
permanecer ainda é conquista.

Este território é mosaico,
feito de pedaços diferentes
que insistem em formar um todo.

Alguns já dançam com as palavras,
escrevem o mundo com autonomia.

Outros ainda tocam as letras devagar,
como quem descobre o nome das coisas
pela primeira vez.

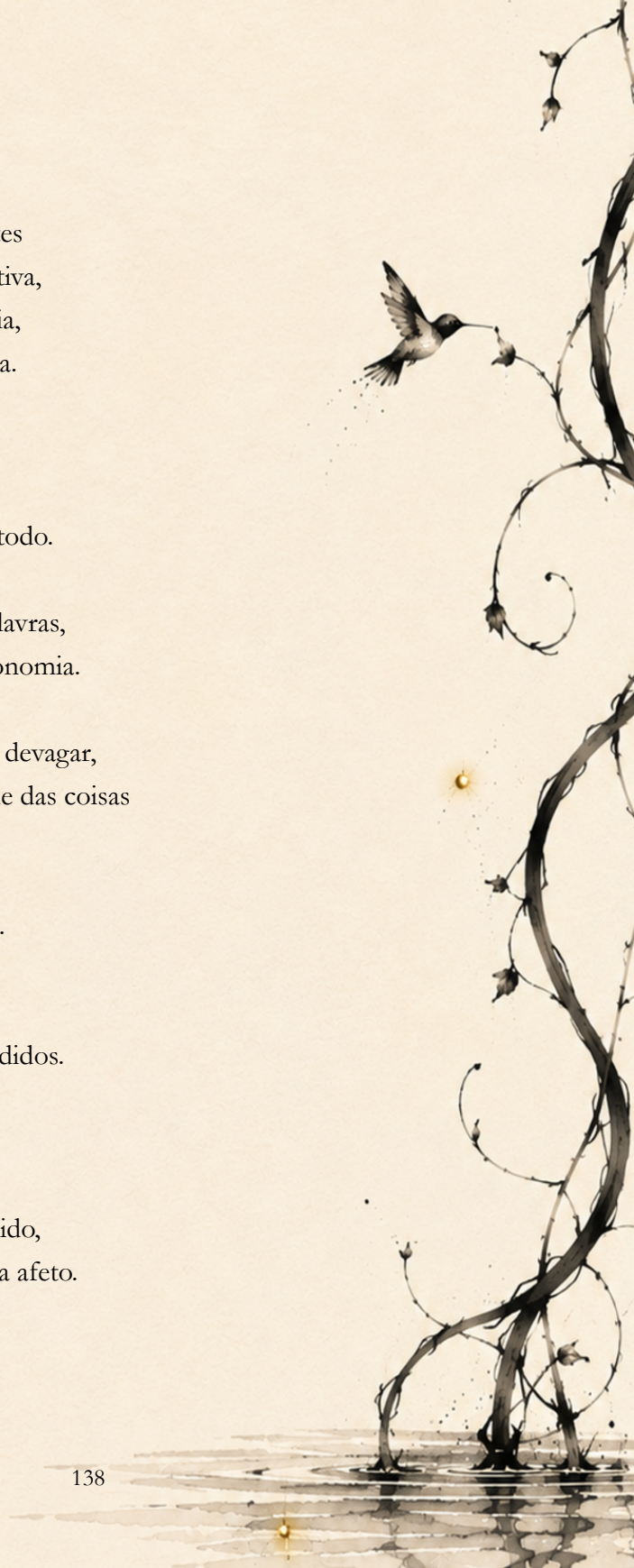
Há silêncios densos por aqui.

Silêncios que não são vazios,
são espera, são medo, são pedidos.

Mas também há desejo.

Um desejo bonito, quase tímido,
que floresce quando encontra afeto.

A sala vibra.
É som.



É movimento.

É vida.

O barulho não é desordem,
é linguagem em construção,
é encontro acontecendo,
é infância dizendo: “eu estou aqui”.

E mesmo no meio do ruído,
há aqueles que se calam.

E nesses silêncios mora um chamado:

escute-me.

O espaço tenta ser abrigo,
mas ainda aprende a ser chão fértil
para todos, sem exceções.

As famílias desenham o mapa invisível
desse território.

Presenças que sustentam,
ausências que desafiam.

E no centro de tudo,
pulsa a alegria:

o brincar, o jogo, o riso solto,
fio forte que costura pertencimento.



Mas há caminhos que pedem cuidado:

letras que não se encontram,
atenções que se perdem no vento,
autonomias que ainda ensaiam nascer.

Então o território sussurra:

reinvente.

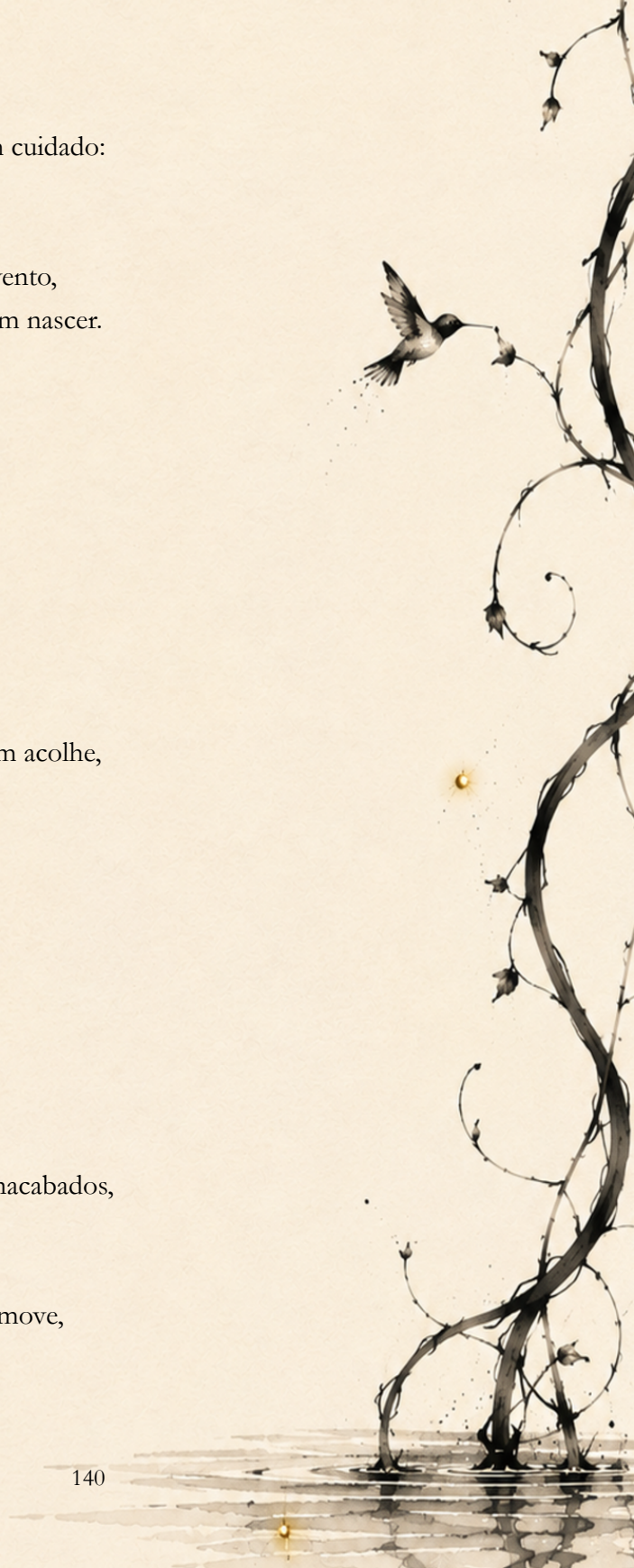
Crie múltiplos caminhos,
molde o ensino aos sujeitos,
dê sentido às letras,
faça do afeto a base,
organize o tempo como quem acolhe,
traga as famílias para perto.

Porque, antes de tudo,
é preciso pertencer.

Que cada criança se veja,
se reconheça,
se sinta capaz de existir ali.

E assim, entre traços ainda inacabados,
surge um novo desenho:

um fazer pedagógico que se move,
que inclui, que escuta.
Um projeto que é jogo,



descoberta, experiência.

Onde aprender não é linha reta,
mas caminho que se abre em muitas direções.

Respeitar o tempo,
dar sentido ao vivido,
transformar o aprender em vida,
valorizar histórias,
tecer pontes.

Porque esse território não é fixo,
ele respira mudança.

E ensinar, aqui,
é mais do que conduzir: é caminhar junto.

Autora: Leila Cristine Rocha Castro. Natural de Óbidos/PA. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Nilton Lins. Pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade Nilton Lins. Professora/SEMED. E-mail: leila.rocha@semed.manaus.am.gov.br



ENTRE SONHOS E SALAS

Janaina Nunes Almeida

No canto da sala, um gesto se fazia,
Minha mãe, com amor, o mundo construía.

Sem lousa, sem luxo, mas cheia de luz,
Alfabetizava, um dom que conduz.

Crianças vinham, de perto, de longe,
A escolinha vibrava, sem que nada se escondesse.

Com recursos tão poucos, mas um coração tão vasto,
Ela provava que ensinar era seu maior ato.

Cresci vendo isso, um exemplo de coragem,
Em cada lição, uma nova mensagem.

Quando chegou minha vez de escolher um caminho,
Veio o dilema, entre sonho e destino.

“Pedagogia?”, perguntei, quase com medo,
Pois sabia o peso, o esforço em segredo.

Minha mãe, com cuidado, me fez refletir:

“Escolha o que ama, mas prepare-se para agir.”

Entrei na UFAM com vontade e paixão,



Cada teoria moldava minha visão.

Mas logo entendi, na prática do dia,
Que ser professora é mais que sabedoria.

É tocar vidas, enfrentar batalhas,
Criar caminhos onde o futuro se espalha.

Hoje, no quadro, vejo o reflexo
Da força que herdei, um amor sem complexo.

E assim sigo, com orgulho e vontade,
Cultivando o saber, sem deixar a verdade.

Pois ser educadora é mais que ensinar,
É amar o mundo e nele acreditar.

Autora: Janaina Nunes Almeida. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora/SEMED. E-mail: janaina.almeida@semed.manaus.am.gov.br



BIBLIOTECA ITINERANTE QUE PULSA EM MANAUS

Jaqueline Coelho da Rocha

No norte de Manaus,
entre ruas de terra, águas de memória
e o sopro vivo da comunidade Rio Piorini,
ergue-se uma escola:
Escola Municipal Professora Isabel Victória do Carmo Ribeiro,
território de muitas infâncias,
muitos mundos.

E dentro dela,
como quem guarda segredos e sementes,
habita a Biblioteca Thiago de Mello.

Não é só estante,
não é só livro.

É chão de encontro.
É silêncio que fala.
É página que respira.

Ali, 563 histórias caminham juntas,
algumas em passos firmes,
outras em travessias mais lentas,
corpos que pensam diferente,
mentes que sentem em outros ritmos,
nomes que a ciência tenta explicar:



TEA, TDAH, TDI...

mas que o afeto simplesmente chama de
criança.

A escola tenta. Insiste.

Se organiza entre faltas e presenças,
professores que chegam,
outros que ainda são ausência,
apoios que nem sempre dão conta
do tamanho do cuidado.

Mas há algo que resiste:
o encontro.

A gestão acolhe, escuta,
costura vínculos invisíveis
entre casa e escola,
entre ensinar e cuidar.

E no meio disso tudo,
a biblioteca pulsa.

Livros chamam.
Cores chamam.
Imagens chamam.

Os gibis, ah, os gibis,
falam alto sem fazer barulho.



Desenhos que abraçam
quem ainda não lê palavras,
mas já lê o mundo.

Um menino volta sempre.

No recreio,
no intervalo do tempo,
no intervalo de si.

Ele entra, senta, folheia,
e ali, entre quadrinhos,
encontra um lugar para existir.

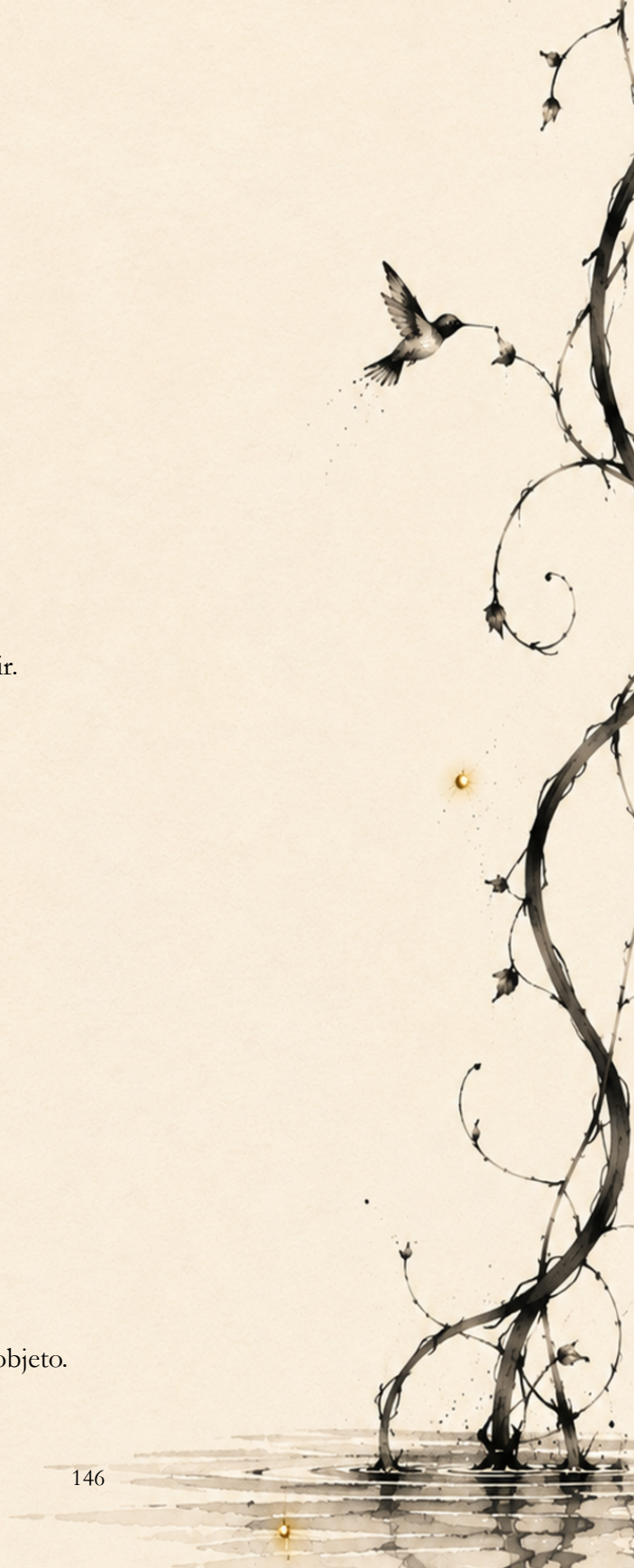
E então a escola escuta.
E move.

E leva o gibi para a sala.

Porque inclusão
às vezes começa assim:

percebendo o que brilha
no olhar de alguém.

Outra criança tenta,
mas as mãos hesitam,
o papel escapa,
o gesto ainda não alcança o objeto.



E o cuidado se reinventa:

orienta a família,
adapta o mundo,
ensina devagar
como se toca um livro.

E então,
entre leituras coletivas
e escolhas livres,
algo acontece:

o pertencimento nasce.

Olhos atentos,
corpos inclinados,
curiosidade acesa.

E os livros viajam,
na sacolinha que atravessa portas,
entra nas casas,
senta nas mesas,
deita nos colos das famílias.

Porque ler
não é só decifrar letras,
é construir laços.

É estar junto.
Vira cuidado com o outro.



Mãos tocam texturas,
olhos seguem cores,
corpos montam mundos em Tangram,
desenham, pintam, inventam.

Aprender aqui é sentir.

E quando alguém tropeça,
há mãos que seguram.

Quando alguém silencia,
há quem escute.

Quando alguém desacredita,
há quem diga:

você pode.

Professoras caminham juntas,
pensam juntas,
reinventam juntas.

Cada criança exige um caminho
e o caminho não está pronto.

É feito no encontro.
É feito no erro.
Na tentativa.
Na escuta.



Planos se escrevem,
PEI, PAEE,
papéis que tentam organizar
o que o afeto já sabe:

cada sujeito é único.

E no fim, ou talvez no começo de tudo,
a biblioteca não é lugar, é itinerante.

É território vivo.

É onde a inclusão deixa de ser ideia
e vira gesto.

É onde cada diferença não é falta,
mas possibilidade.

É onde aprender
não é igual para todos,
mas é direito de todos.

E ali,
entre páginas e presenças,
a educação acontece
como quem cultiva: com tempo,
com cuidado e com esperança.

Autora: Jaqueline Coelho da Rocha. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora/SEMED. E-mail: jaqueline.braz@semed.manaus.am.gov.br



CAMINHOS E ESCOLHAS

Luizclélia Feitoza Lima

Escolhi ser professora,
Por amor e vocação,
Transformando cada sonho
Com carinho e dedicação.

Desde cedo eu desejava
Essa missão abraçar,
Pois ensinar com esperança
É também saber amar.

Tenho aptidão e coragem
Para sempre prosseguir,
Mesmo diante dos desafios
Que insistem em surgir.

São batalhas diárias,
Cansaço e preocupação,
Mas o brilho de um aluno
Aquece o meu coração.

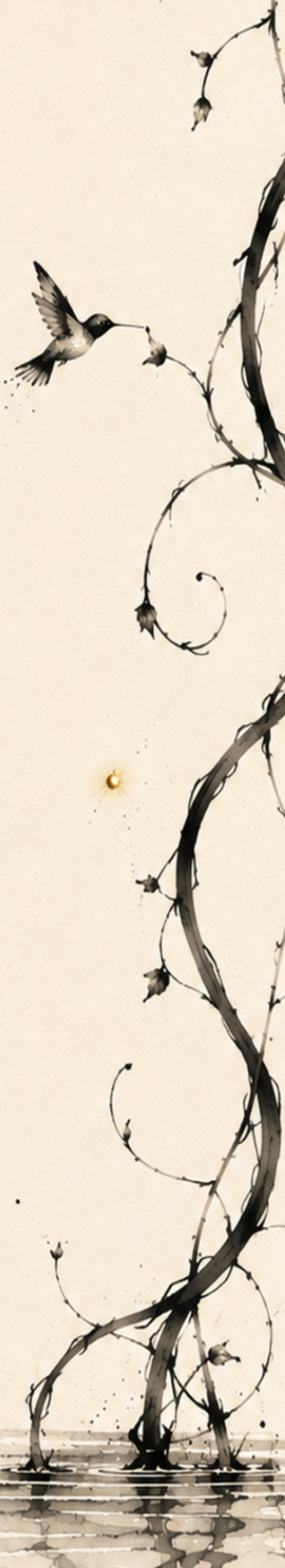
Ser professora é semear
Conhecimento e valor,
Construindo novos caminhos
Com paciência e amor.

E, apesar das dificuldades



Que enfrento a cada dia,
Sigo firme na certeza
De que ensinar é poesia.

Autora: Luzicléia Feitoza Lima. Natural de Humaitá/AM. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Gestão e Supervisão Escolar pela UFAM. Professora e Pedagoga/SEMED. E-mail: luzicleia.lima@semed.manaus.am.gov.br



CIÊNCIAS E O PROFESSOR PESQUISADOR

Renny Mayara

A ciência é ordem e descoberta,
um caminho tecido por perguntas que se abrem ao
mundo.

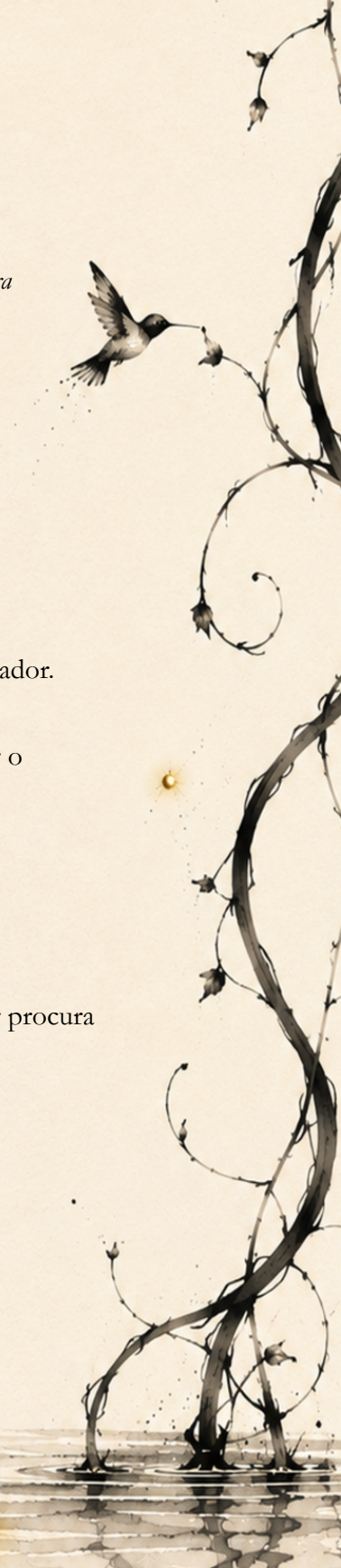
Ela nasce da razão, da objetividade e da crítica,
mas também pulsa no coração que sente e busca.

Cada aluno que questiona é cientista em essência,
cada professor que investiga novos caminhos é pesquisador.
A ciência não é prisão de livros ou laboratórios,
é fruto da vida, das relações, da necessidade de explicar o
desconhecido.

O mito e a ciência caminham juntos:
um oferece sentido, o outro, explicação.
Na sala de aula, ambos se encontram,
quando uma criança desperta curiosidade e o professor procura
respostas.

É na diferença que a ciência floresce,
no estudante que desafia padrões,
na pergunta que não tem manual.
Assim, todos somos, ao mesmo tempo, criadores e
herdeiros da ciência.

O professor pesquisador se faz eterno aprendiz:



estuda, escreve artigos, mergulha em pós-graduações,
buscando novos saberes para compreender cada realidade.
Na educação especial, esse papel se intensifica:
é preciso encontrar caminhos para incluir,
garantir equidade, dar voz a cada criança diferente.

A pesquisa torna-se gesto de amor,
porque aprender a ensinar é também aprender a acolher.
E quando o professor estuda para atender melhor,
faz da ciência um ato de humanidade.

Autora: Renny Mayara. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Nilton Lins. Especialista em Neuropsicopedagogia e Docência no Ensino Superior pela Faculdade Santo André. Professora/SEMED.
E-mail: renny.silva@semed.manaus.am.gov.br



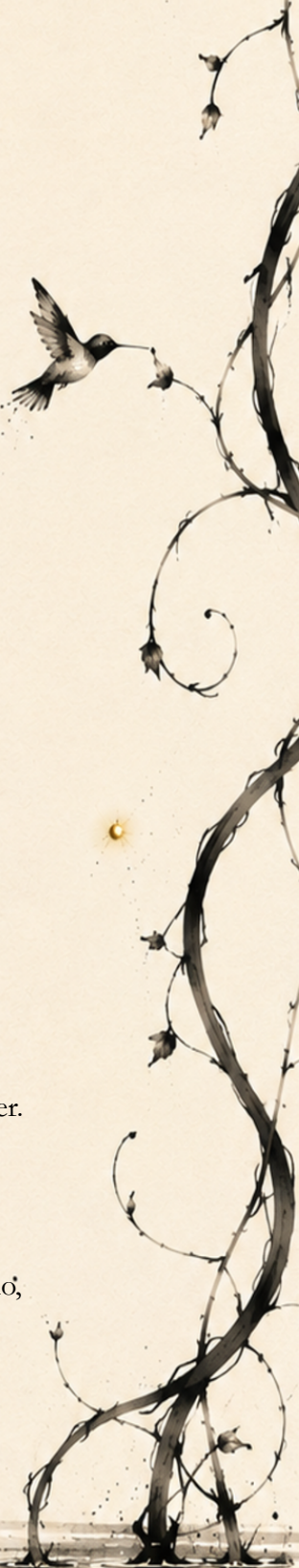
A CIÊNCIA DO MEU FAZER

Leila Cristine Rocha Castro

A ciência do meu fazer nasce no chão da sala de aula,
onde meus passos se misturam aos passos pequenos
que chegam cedo, trazendo o mundo nos olhos.
Sou professora das séries iniciais — não por acaso,
não por destino imposto,
mas por amor que insiste,
mesmo quando o corpo cansa
e o tempo falta.

Minha ciência é viva:
se nutre da esperança que pulsa quando uma criança
compreende,
do brilho que se acende quando a palavra finalmente sai,
da curiosidade que se abre como flor em dia de sol.
Ela cresce no encontro,
no erro que vira caminho,
no silêncio que me ensina a ouvir,
e nos gestos que me lembram que ensinar também é aprender.

E quando penso na educação especial,
minha prática se alarga — e também dói.
Porque há sonhos que eu gostaria de alcançar com cada aluno,
mas falta tempo para preparar o que eles merecem,
falta apoio de outros olhares, outras mãos,
falta gente para caminhar junto.
E, mesmo assim, sigo.



Sigo porque cada criança PCD que encontro
me lembra que ensinar é também lutar
por espaços mais humanos, mais possíveis,
mais feitos de cuidado.

Minha ciência, então, é coragem.
É a teimosia bonita de quem acredita
que a sala de aula é território de encontro,
mesmo quando o mundo tenta apertá-la demais.
É o acolhimento que ofereço,
mesmo quando me faltam recursos,
porque sei que cada aluno merece ser visto
com o tamanho inteiro da sua história.

E assim, entre desafios e afetos,
vou construindo meu fazer docente,
fiando saberes, memórias e esperanças.
E, mesmo cansada, sigo acreditando
que ensinar é um ato profundo de amor
um amor que se renova a cada manhã,
quando a porta da sala se abre
e o mundo, mais uma vez,
me chama pelo nome:

professora.

Autora: Leila Cristine Rocha Castro. Natural de Óbidos/PA. Licenciada
em Pedagogia pela Universidade Nilton Lins. Pós-graduada em Psicopeda-
gogia pela Universidade Nilton Lins. Professora/SEMED.
E-mail: leila.rocha@semed.manaus.am.gov.br



JORNADA DE UMA PROFESSORA

Leide dos Santos Rodrigues

Vinte anos se passaram, mas o tempo não me pesa,
comecei aos 25, cheia de sonhos e certezas.

A sala de aula, meu mundo, meu lugar de fazer,
onde cada olhar, cada palavra, me faz crescer.

Professora não era o sonho que eu esperava,
mas, em cada gesto, a missão se revelava.

Do 1º ao 5º ano, com carinho e dedicação,
transformei cada dia em uma nova lição.

A burocracia, um fardo que eu não escolhi,
mas, entre papéis e registros, minha alma resistiu.
O que me move é a relação, o afeto que troco,
com os alunos, aprendo, me encanto, me toco.

Foram muitos desafios, mas a força não faltou,
a responsabilidade sempre foi o que me guiou.
Ensinar não é fácil, mas é onde encontro meu ser,
com 45 anos, vejo o quanto pude florescer.

Na sala de aula, cada rosto é uma história a contar,
e, a cada dia, me vejo mais disposta a ensinar.
Não era o sonho, mas é a minha paixão,
educar é minha arte, meu sonho, minha missão.

Vinte anos, sim, de amor e entrega, sem fim,
uma jornada que segue, e sempre será assim.



Autora: Leude dos Santos Rodrigues. Natural de Manaus/AM.
Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci.
Professora/SEMED.
E-mail: leude.rodrigues@semed.manaus.am.gov.br



UM SONHO QUE PROSPEROU

Antonia Erlane Costa de Oliveira

Deixei para trás a terra querida,
família, amigos, um pedaço de vida.
Com a mala cheia de sonhos e coragem,
hospedei-me onde o amor virou abrigo e margem.

A rotina mudou, o cansaço pesava,
quantas vezes o desânimo ameaçava.
Mas, ao meu lado, vozes a encorajar:

“Persista, lute, o futuro vai brilhar.”

Acordar tão cedo, dormir tão tarde,
o trabalho e os livros, a mente que arde.
Quando dei por mim, o fim já despontava,
o último período, o sonho se moldava.

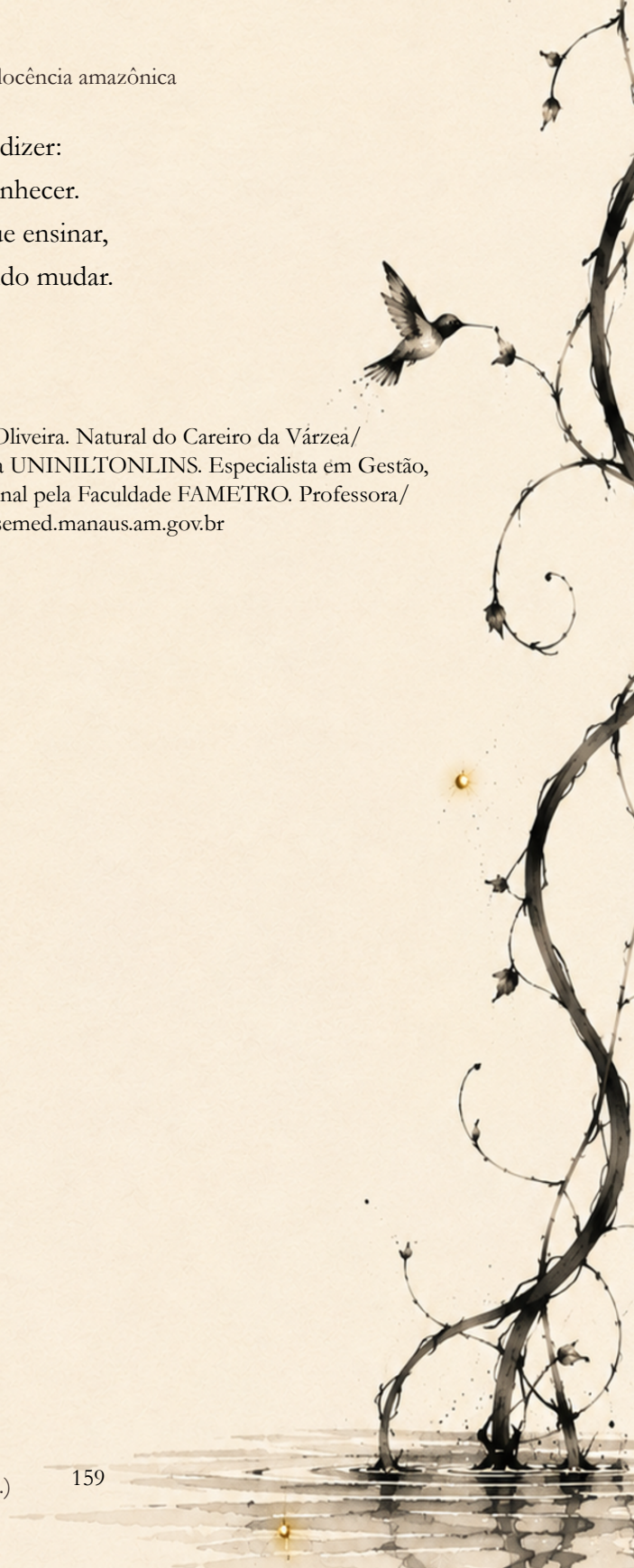
Deixei um emprego para abrir um caminho,
na sala de aula plantei o meu carinho.
Com desafios vieram lições e certezas,
cada criança, um mundo de purezas.

E, antes que o ano chegasse ao final,
ganhei confiança, foi um salto real.
De aluna a mestra, na educação me tornei,
e no brilho do olhar das crianças me encontrei.



Hoje, olho para trás e posso dizer:
valeu cada lágrima, cada amanhecer.
Pois ser professora é mais que ensinar,
é transformar vidas, é o mundo mudar.

Autora: Antonia Erlane Costa de Oliveira. Natural do Careiro da Várzea/
AM. Licenciada em Pedagogia pela UNINILTONLINS. Especialista em Gestão,
Supervisão e Orientação Educacional pela Faculdade FAMETRO. Professora/
SEMED. E-mail: erlane.oliveira@semed.manaus.am.gov.br



SONHOS E EXPECTATIVAS

Cristiane Caetano Silva de Abreu

Meu nome é Cristiane. Tenho quarenta e cinco anos.

Mas dentro de mim ainda mora aquela jovem
de dezoito anos, cheia de sonhos, expectativas
e vontade de descobrir o mundo.

Foi no magistério que comecei a caminhar. Tudo era encanto.

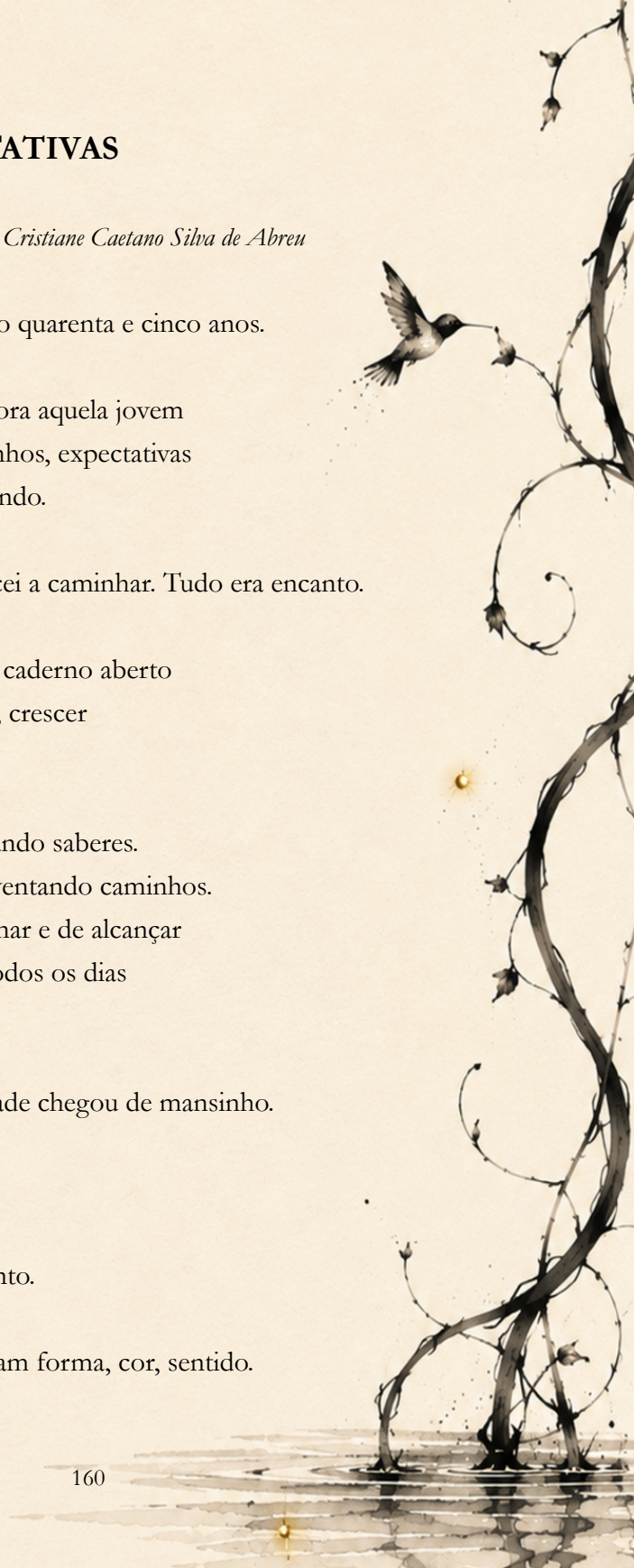
Cada sala, cada criança, cada caderno aberto
era uma porta para aprender, crescer
e me reinventar.

Eu seguia. Estudando. Buscando saberes.
Tecendo conhecimentos. Inventando caminhos.
Criando jeitos novos de ensinar e de alcançar
os corações que chegavam todos os dias
à minha sala.

O tempo passou. A maturidade chegou de mansinho.

Alguns sonhos
ficaram pelo caminho,
como folhas levadas pelo vento.

Outros floresceram. Ganharam forma, cor, sentido.



Vinte e sete anos habitando escolas, escutando vozes,
acolhendo infâncias, construindo histórias.

Nessa travessia, o cansaço bateu à porta.
As frustrações também. Às vezes,
tentaram fazer morada.

Mas nunca permiti que a desistência ocupasse meu lugar.

Porque havia algo maior: o sorriso de uma criança.
O brilho nos olhos de quem aprende a ler.
A alegria de uma descoberta.
A emoção de uma palavra escrita pela primeira vez.

Cada conquista, mesmo pequena, era uma festa silenciosa
dentro do meu coração. Uma vitória compartilhada.
Uma prova de que valeu a pena continuar.

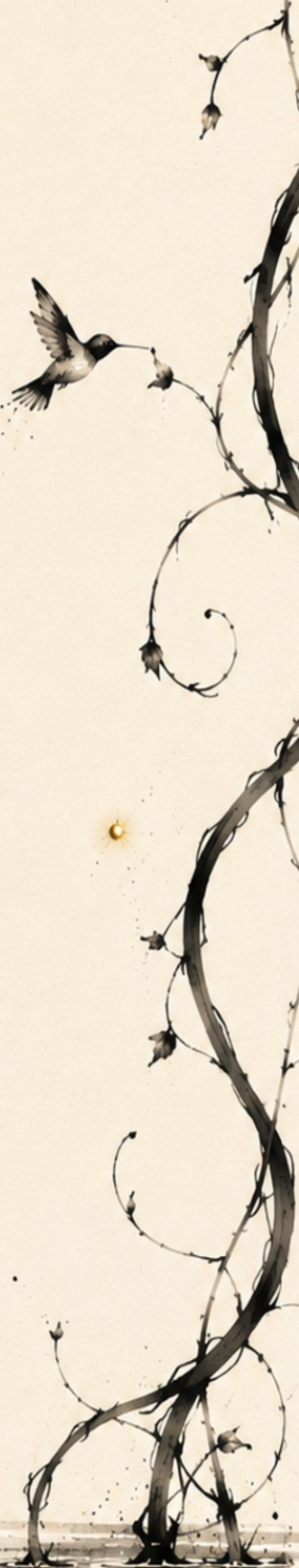
E é dessas memórias que retiro minhas forças.
É nelas que encontro coragem para seguir adiante.

Quando olho para trás, vejo mais do que anos.
Vejo vidas cruzadas. Vejo aprendizados. Vejo marcas.
Vejo amor.

E digo a mim mesma:

Você está no caminho certo.

Porque ser professora não é apenas uma profissão.



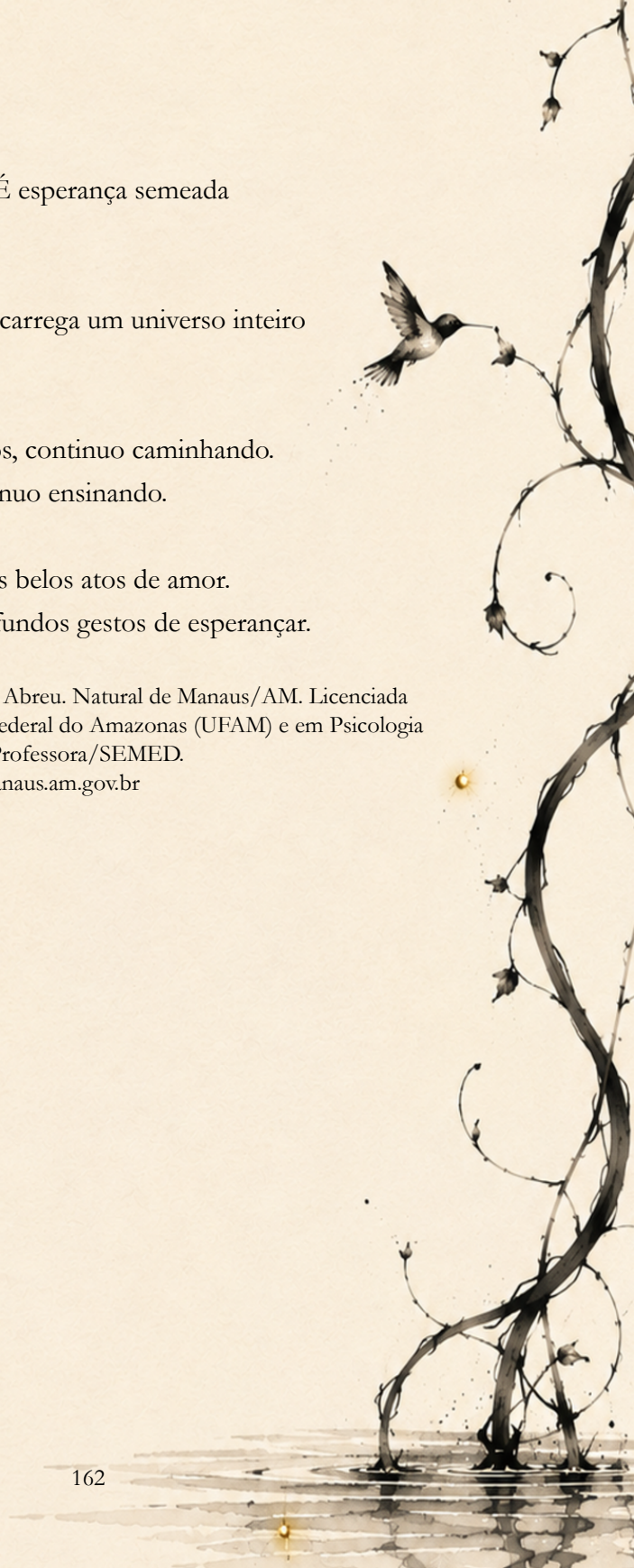
É compromisso. É entrega. É esperança semeada
todos os dias.

É acreditar que cada criança carrega um universo inteiro
esperando para florescer.

E, mesmo diante dos desafios, continuo caminhando.
Continuo acreditando. Continuo ensinando.

Porque educar é um dos mais belos atos de amor.
E também um dos mais profundos gestos de esperar.

Autora: Cristiane Caetano Silva de Abreu. Natural de Manaus/AM. Licenciada
em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e em Psicologia
pela Universidade UNINORTE. Professora/SEMED.
E-mail: cristiane.abreu@semed.manaus.am.gov.br



EDUCAÇÃO: PONTE ENTRE RAÍZES E SONHOS

Willza Kashimura Pecinato

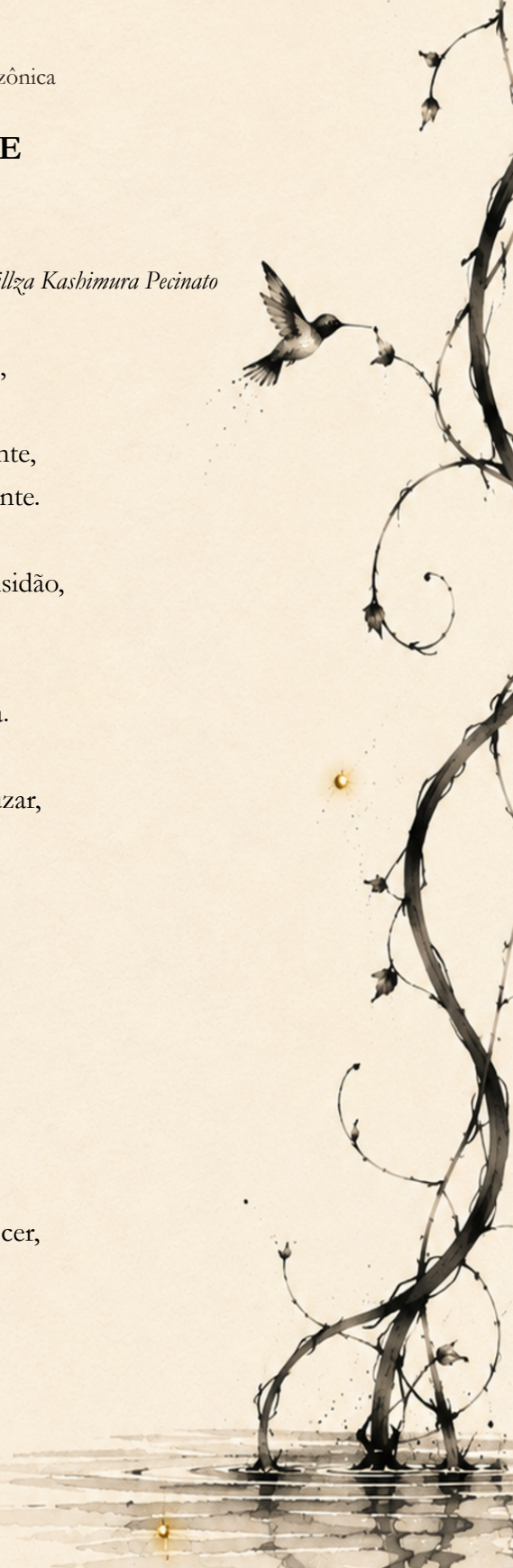
Nasci entre dois mundos, duas histórias,
raízes que se entrelaçam na memória.
De um lado, o Japão, terra do sol nascente,
onde a disciplina floresce, sempre presente.

Do outro lado, a Amazônia, verde imensidão,
coração pulsante, da terra à canção.
Lá, o rio ensina com paciência e calma,
e a floresta sussurra a sabedoria da alma.

Educação, para mim, é uma ponte a cruzar,
unindo tradições e o desejo de ensinar.
Das sakuras aos ipês, aprendi a lição:
a beleza da vida está na transformação.

Como educadora, carrego essa fusão,
os olhos de minha gente, a inspiração.
Da escrita kanji ao desenho no chão,
cada gesto, um ato de dedicação.

Que o bambu e o açaí continuem a crescer,
fortes, flexíveis, sempre a aprender.
Pois ensinar é plantar, regar, esperar,
e ver no outro a esperança germinar.



Educação é raiz, é voo, é missão,
é honrar quem somos e estender a mão.

Autora: Willza Kashimura Pecinato. Natural de Manaus/AM.
Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas
(UFAM). Especialista em Gestão da Educação pela Universidade
do Estado do Amazonas (UEA). Especialista em Psicopedagogia pela
Universidade do
Estado do Amazonas (UEA). Professora e Gestora da EM Isabel Victória do
Carmo Ribeiro/SEMED. E-mail: willza.pecinato@semed.manaus.am.gov.br



LUME VI

Poéticas

Quando a experiência encontra a palavra
poética: sensibilidades, afetos e encantamentos
como modos de conhecer e narrar os cotidianos
da docência.

**Escola Municipal José Tavares
de Macedo**

Márcia Maria Brandão Elmenoufi
Professora formadora



SONHOS

Cláudia Vasconcelos Vilaça

Nas brincadeiras de criança
sempre gostava de ensinar.
Sonho de criança
podemos realizar.

É algo que nasce no peito
e que podemos transformar
em profissão!

Ser professora não é fácil.
É preciso
gostar, acreditar e lutar.

É ultrapassar obstáculos...
É vencer, cultivar e respeitar
as diferenças!

Na educação inclusiva,
é preciso um olhar especial,
buscando estratégias
para um futuro formar.

Autora: Cláudia Vasconcelos Vilaça. Natural de Manaus/AM.
Licenciada em Normal Superior, pela Universidade do Estado do
Amazonas (UEA). Especialista em Gestão Escolar pela UEA.
E-mail: claudia.vilaca@semed.manaus.am.gov.br



A CIÊNCIA DIGITAL DO ACOLHER

Ione Matias de Andrade

Entre telas e códigos,
minha ciência nasce do encontro com olhos que se iluminam
ao descobrir que podem criar mundos.

Uso pedagogia digital e sabedoria ancestral, reconhecendo que cada
mente
aprende em seu próprio ritmo.

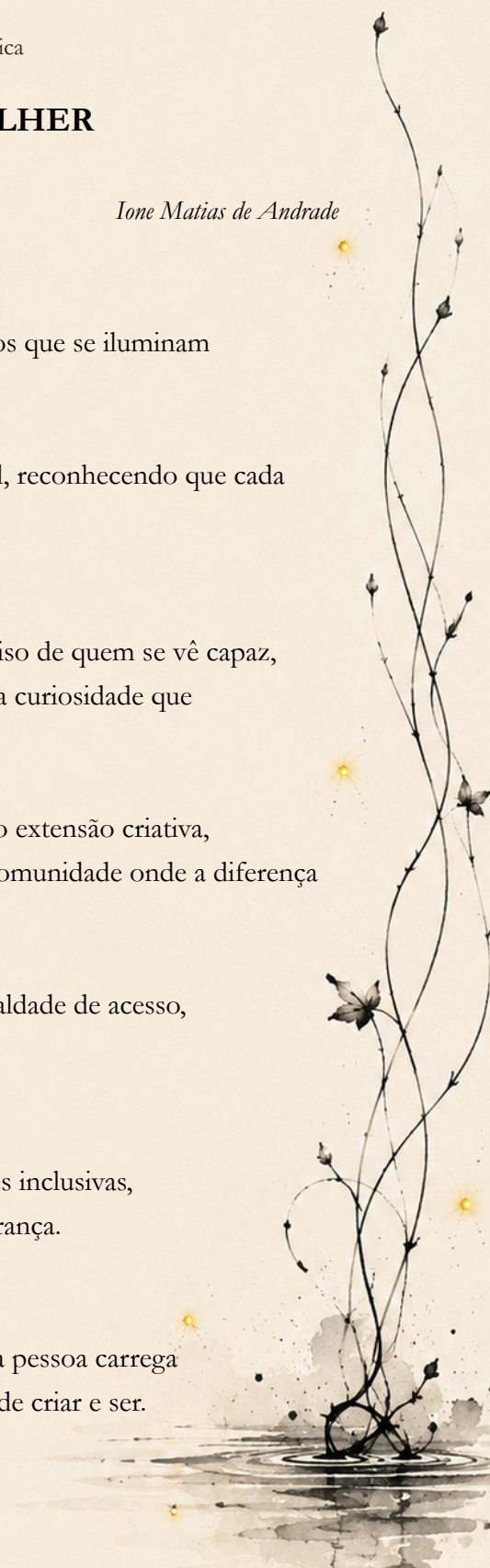
Nutro-me do “ah!” da descoberta, do sorriso de quem se vê capaz,
das histórias dos dispositivos adaptados, da curiosidade que
transforma erros em possibilidades.

Nutro mentes que veem a tecnologia como extensão criativa,
crianças que programam narrativas, uma comunidade onde a diferença
é código-fonte da diversidade.

Enfrento preconceitos disfarçados, desigualdade de acesso,
equipamentos obsoletos,
sempre com planos B, C, D...

Sou professora-programadora de realidades inclusivas,
onde cada linha de código é verso de esperança.

No laboratório que é vida, ensino que toda pessoa carrega
o hardware mais sofisticado: a capacidade de criar e ser.



Autora: Ione Matias de Andrade. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Especialista em Educação Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão pela Faculdade Educacional da Lapa – FAEL. Especialista em Docência das Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela Faculdade Táhiri. E-mail: ione.andrade@semed.manaus.am.gov.br



A CIÊNCIA DO MEU SABER

Valdeíze Azevedo da Costa

A ciência do meu saber
é a ciência do meu fazer.

Que me guia todo dia,
ela vem da pedagogia, da psicologia e da sociologia,
e também é impulsionada pelas tecnologias.

Minha prática não vem só dos livros;
ela nasce da vontade e da curiosidade,
da intencionalidade de transformar,
de um saber que faz acontecer o encontro e a memória.

A vida de cada um importa.
Um saber que faz das diferenças uma história.

Os desafios a enfrentar são muitos, não dá pra citar.

Para as crianças com deficiência,
que são vistas como problema ou exceção,
é preciso um novo olhar
e muita reflexão para que impulsiona, na prática,
os direitos e os deveres a partir da inclusão...

Autora: Valdeíze Azevedo da Costa. Graduada em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Pós-graduada em Gestão de Projetos Educacionais pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Professora/Coordenadora do CTE na E.M. José Tavares de Macedo. E-mail: valdeize.costa@semed.manaus.am.gov.br



DO SONHO AO GIZ

Tatiane Menezes dos Santos de Oliveira

Da pequena mão que se estende,
um pedacinho de giz aparece
para rabiscar no chão, no tempo,
um sonho que vive e se estende.

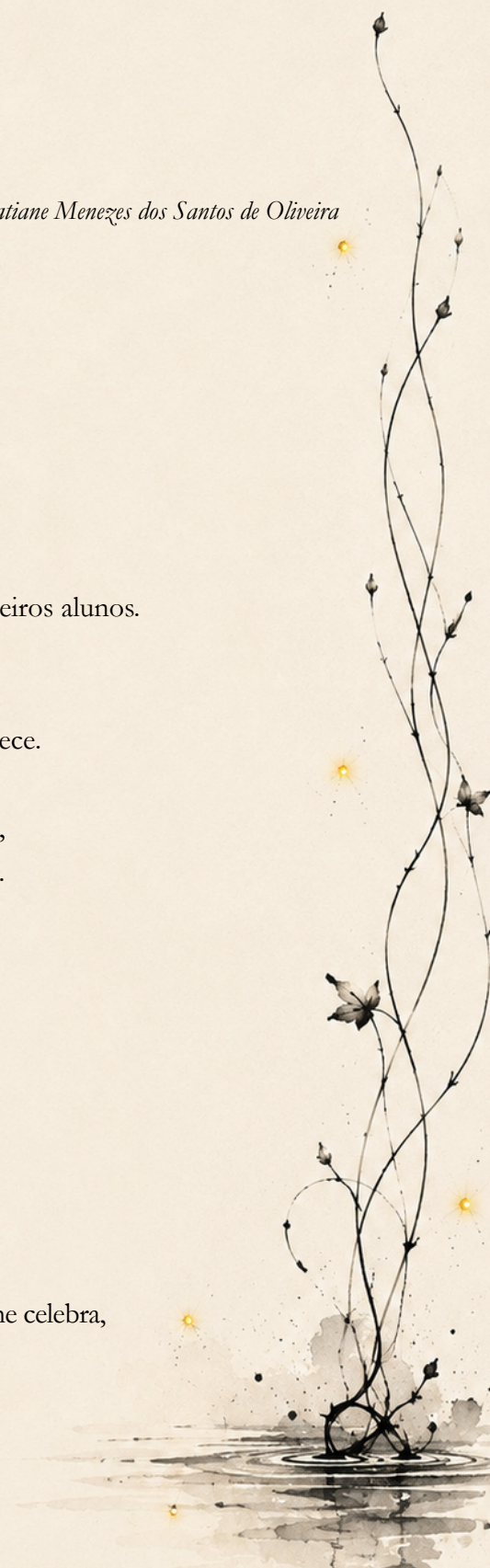
Na porta branca da geladeira,
minha lousa em um tempo que já se foi,
as bonecas, em uma fila inteira, meus primeiros alunos.

Os anos passam, a menina cresce,
mas o sonho, em seu coração, não desaparece.

A pedagogia me chama, me estende a mão,
e, de um sonho, se torna uma nova canção.

A sala de aula, o chão que me espera,
em cada olhar, uma nova semente,
onde o medo e a angústia se espreitam,
mas a alegria, maior, me faz lutar.

E hoje, professora, minha alma se alegra,
a menina de antes, na lousa, ainda vive,
em cada novo traço, em cada nova lição,
de um sonho que vive, que me abraça, que me celebra,
onde a vida se renova em cada coração.



Autora: Tatiane Menezes dos Santos de Oliveira. Natural de Manaus/AM.
Licenciada em Pedagogia pela UNINORTE. Especialista em Psicopedagogia e Gestão
Escolar pela Faculdade UNIMAIS. Professora/SEMED.
E-mail: tatiane.santos@semed.manaus.am.gov.br



PROFISSÃO PROFESSAR

Mara Lobato Messias

Ser professor é semear,
em terrenos variados plantar,
com paciência e dedicação,
cada aluno, uma nova estação.

No fazer do cotidiano, pulsa um saber,
etnopoesia que brota no gesto a florescer,
cada ação, um verso, cada olhar, um lirismo,
nas mãos do professor, o desafio do ritmo.

Entre saberes ancestrais e a voz da razão,
surge o ensinar como um ato de paixão,
desvendar culturas, respeitar a diversidade,
no fazer pedagógico, construir a verdade.

No silêncio das palavras, há cantos guardados,
nas práticas vividas, sentidos revelados,
é o desafio do mestre que busca integrar
o velho e o novo, em harmonia a pulsar.

Ser guardião do saber que não se quer calar,
tecendo mundos no diálogo a brotar,
do fazer, ponte que conduz,
na sala de aula, a cultura reluz.

Entre livros e cadernos,



mil histórias a contar,
ser professor é eterno,
é aprender e ensinar.

Autora: Mara Lobato Messias. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Martha Falcão. Pós-graduada em Educação Infantil pela Faculdade Salesiana Dom Bosco. Professora/SEMED. E-mail: maramessias@semed.manaus.am.gov.br



NEM SEMPRE FOI UM MAR DE ROSAS

Geovanne Maria Siqueira dos Santos

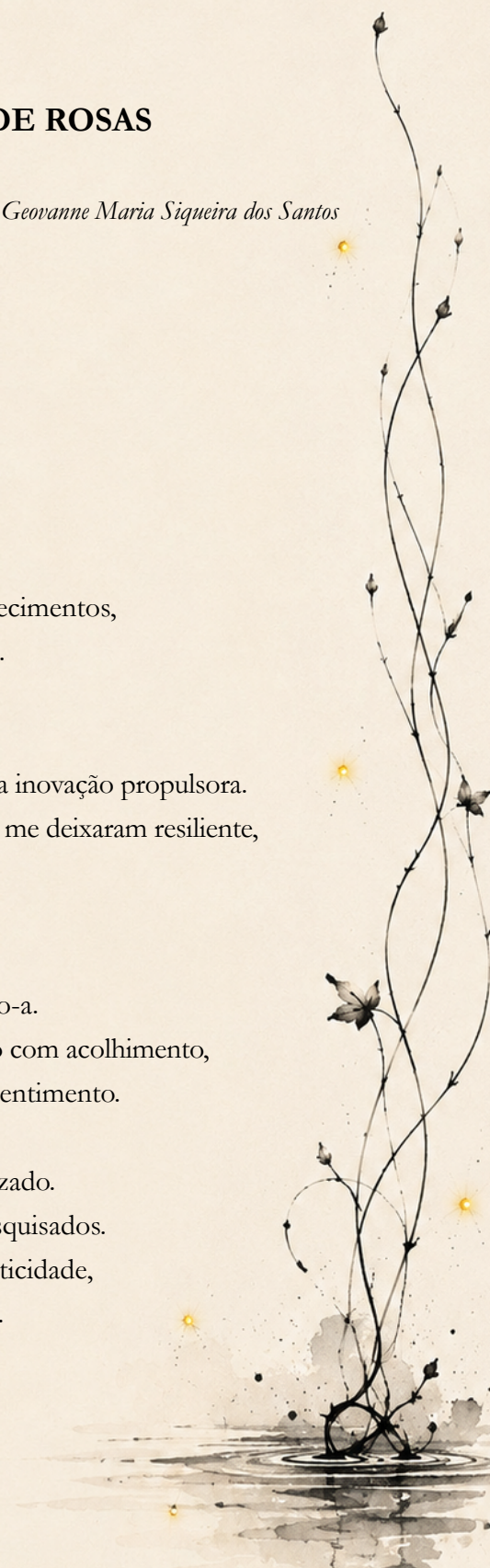
A minha trajetória na educação
sempre foi construída com emoção.
Nem sempre foi um mar de rosas,
mas sou uma profissional curiosa.

Cursei magistério
com muito esmero,
o que me possibilitou atualizar meus conhecimentos,
aprimorando ainda mais meus argumentos.

Fui aprovada no concurso para professora
e busquei fazer a diferença por meio de uma inovação propulsora.
Os desafios encontrados na primeira turma me deixaram resiliente,
fui instigada a ser mais coerente.

A pedagogia me ensinou a ser flexível,
refletindo sobre a diversidade e valorizando-a.
Um ambiente inclusivo pode ser construído com acolhimento,
procurando priorizar o autocuidado com sentimento.

A minha prática é construída com aprendizado.
Educação e inclusão são temas sempre pesquisados.
É necessário ressignificar a prática com criticidade,
pois o conhecimento tornou-se prioridade.



Autora: Geovanne Maria Siqueira dos Santos. Natural de Óbidos/PA. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Pós-graduada em Gestão, Supervisão e Orientação Educacional pela FAMETRO. Professora/SEMED. E-mail: geovanne.siqueira@semed.manaus.am.gov.br



MINHA TRAJETÓRIA

Jayara Cristina Vieira Mendonça

Ao ingressar na Pedagogia,
não sabia nada sobre a profissão.
No decorrer do curso, me apaixonei,
na sala de aula me encontrei.

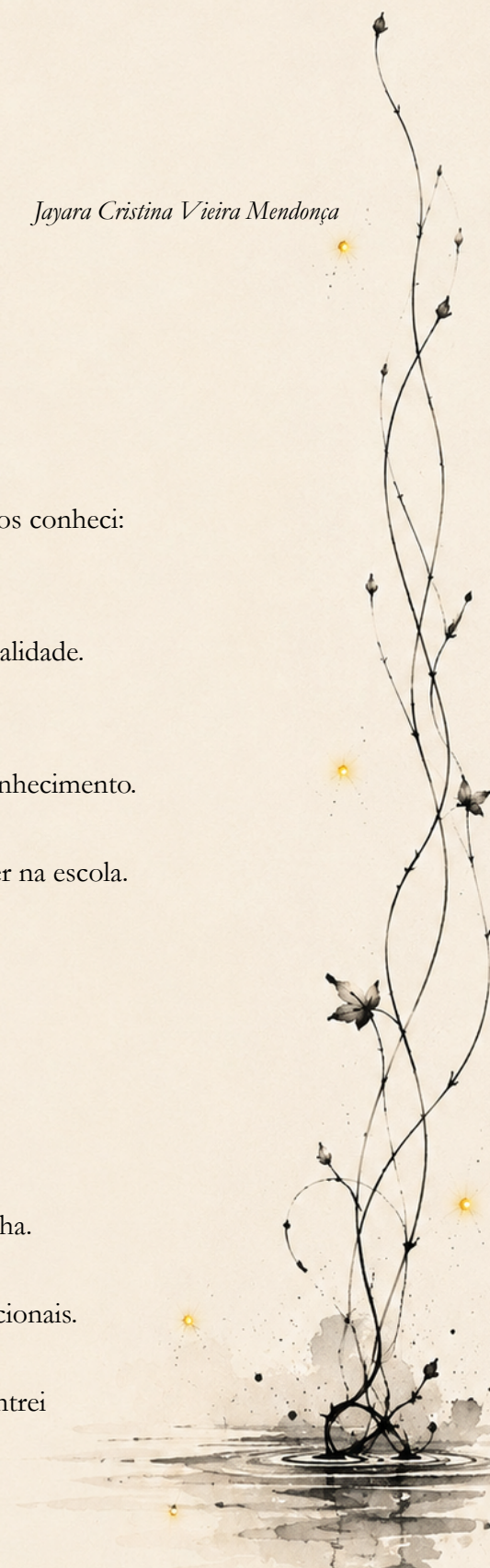
Foi durante a graduação que muitos teóricos conheci:
Freire, Libâneo, Ferreiro e Chauí.
Mas eles não ficaram só na faculdade,
pois, a partir deles, pude compreender a realidade.

Nem só de teorias vive um professor,
é preciso colocar em prática todo o seu conhecimento.
Com qual teoria me identifico mais?
Isso a gente só vai descobrir quando estiver na escola.

Então, ouvi falar do LEPETE,
um laboratório transdisciplinar.
Fui procurar saber do que se tratava
e logo comecei a me apaixonar.

Vivenciei a docência como assistente,
nas zonas urbana, rural, indígena e ribeirinha.
Pude ensinar muito e aprender ainda mais.
Foram anos incríveis, ensinamentos excepcionais.

Foi na Universidade que o LEPETE encontrei



e lá pude vivenciar a imersão.
Foram diversas vivências incríveis.
A este laboratório, minha eterna gratidão.

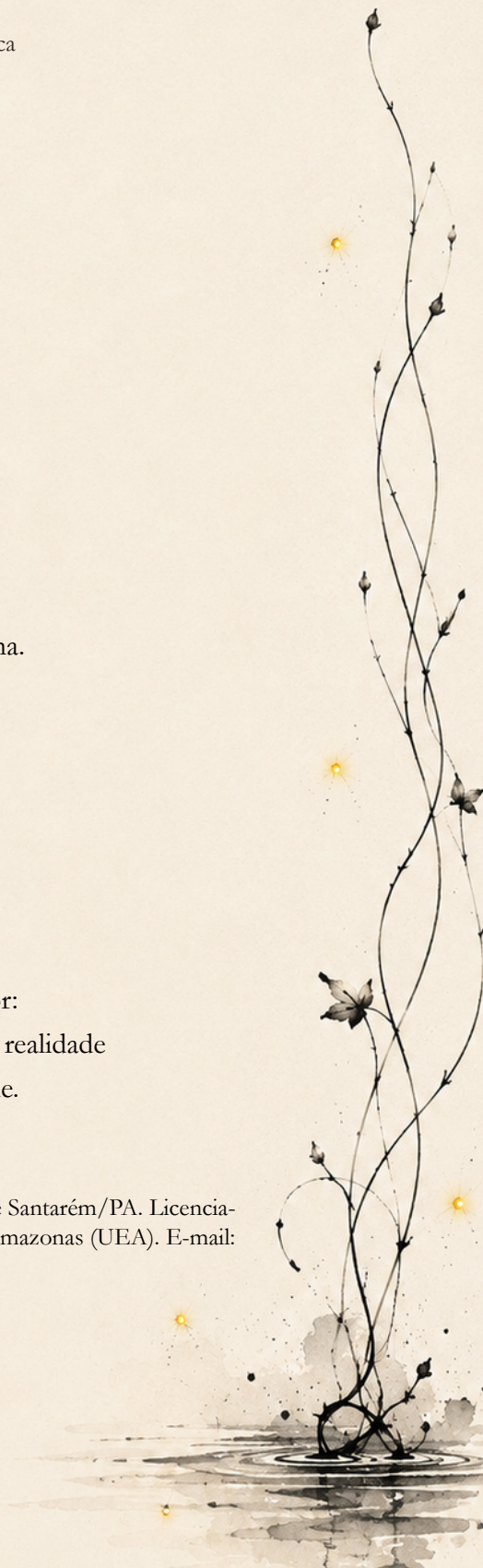
Agora estou na pós-graduação,
 cursando Educação Especial Inclusiva
na Escola José Tavares de Macedo.
A minha jornada até lá começa bem cedo.

Às 5 horas, ouço o alarme tocar.
Vou da zona norte à zona sul,
preciso atravessar a cidade
para encontrar a turma da professora Helena.

Na escola, chego um pouco cansada,
mas as crianças estão cheias de energia.
E lá está a professora com seu pincel,
ensinando com muita alegria.

Nas terças-feiras de formação,
a professora Márcia nos aguarda com fervor:
socializar o que foi aprendido, falar sobre a realidade
e aprender mais sobre inclusão e diversidade.

Autora: Jayara Cristina Vieira Mendonça. Natural de Santarém/PA. Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: jcvm.eec25@uea.edu.br



LUZ DE SANTA LUZIA

Augusto de Aguiar Brandão

Seis da manhã, amanheceu o dia.
Partiu! Vamos lá, vamos para o bairro de Santa Luzia.

Chegando ao bairro, a movimentação começa cedo.
É, meus amigos, chegamos à Escola José Tavares de Macedo.

Ser professor é uma realização!
Porém, temos desafios de montão!

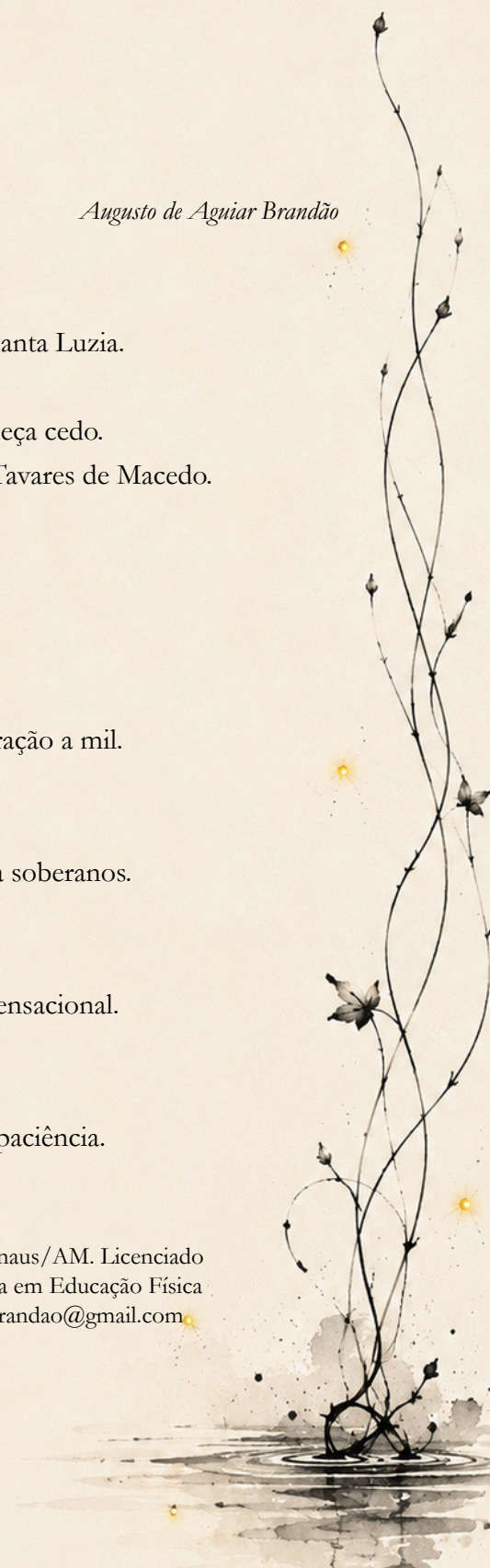
Sou professor da Educação Infantil,
onde os alunos chegam à escola com o coração a mil.

Sou professor do primeiro ao quinto ano,
onde os alunos estudam para sair da escola soberanos.

Sou professor da Educação Especial,
onde cada aluno se desenvolve de forma sensacional.

Ser professor é um trabalho de resiliência;
requer muito empenho e, principalmente, paciência.

Autor: Augusto de Aguiar Brandão. Natural de Manaus/AM. Licenciado em Educação Física pela UNINORTE. Especialista em Educação Física Escolar pela UNINORTE. E-mail: augustoaguiarbrandao@gmail.com



SER PROFESSORA...

Nívia Maria Menezes do Nascimento.

Ser professora é um sonho realizado.

Um sonho que nasceu ainda na infância e, ao longo da minha trajetória na educação, tive a certeza de que essa é a minha verdadeira vocação.

Descobri-me nesse universo da sala de aula — com tudo o que ela envolve — e mergulhei de corpo e alma nesse mundo que tanto me transforma.

Ser professora é viver em diversos “mundos”, promover a inclusão, buscando o respeito na relação entre professora, aluno e família.

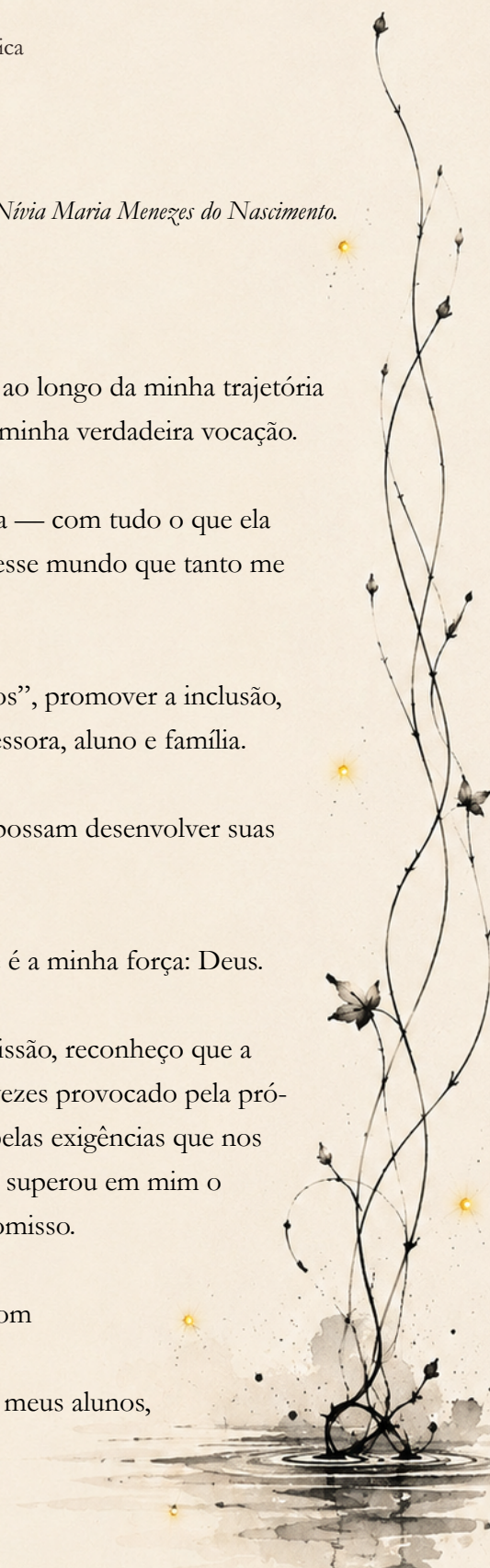
É oferecer oportunidades para que todos possam desenvolver suas habilidades de forma justa e significativa.

Ser professora é buscar forças naquele que é a minha força: Deus.

Hoje, com trinta anos de exercício na profissão, reconheço que a exaustão existe. O cansaço chega, muitas vezes provocado pela própria secretaria de educação, pelo sistema, pelas exigências que nos impõem. No entanto, essa exaustão jamais superou em mim o desejo de ensinar com dedicação e compromisso.

Ser professora é exercer minhas funções com responsabilidade.

É acompanhar de perto as superações dos meus alunos,



vibrar com cada conquista, por menor que pareça, pois sei que cada avanço é resultado de um grande esforço.

É também socorrer aqueles que enfrentam dificuldades cognitivas, oferecendo apoio, escuta e estratégias para que possam seguir aprendendo.

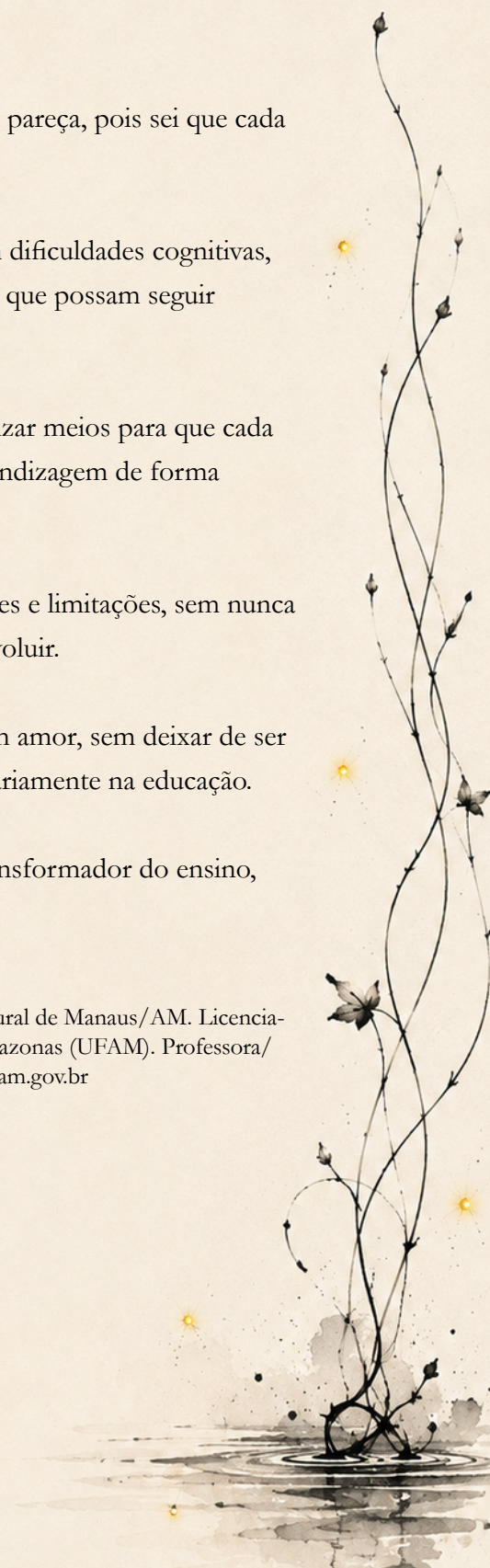
Ser professora é criar caminhos e oportunizar meios para que cada estudante possa construir sua própria aprendizagem de forma significativa e satisfatória.

É respeitar o aluno em suas individualidades e limitações, sem nunca desistir de sua capacidade de aprender e evoluir.

Ser professora é exercer minha missão com amor, sem deixar de ser realista diante dos desafios enfrentados diariamente na educação.

É resistir, persistir e acreditar no poder transformador do ensino, mesmo quando o cenário não é favorável.

Autora: Nívia Maria Menezes do Nascimento. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora/SEMED. E-mail: nivia.nascimento@semed.manaus.am.gov.br

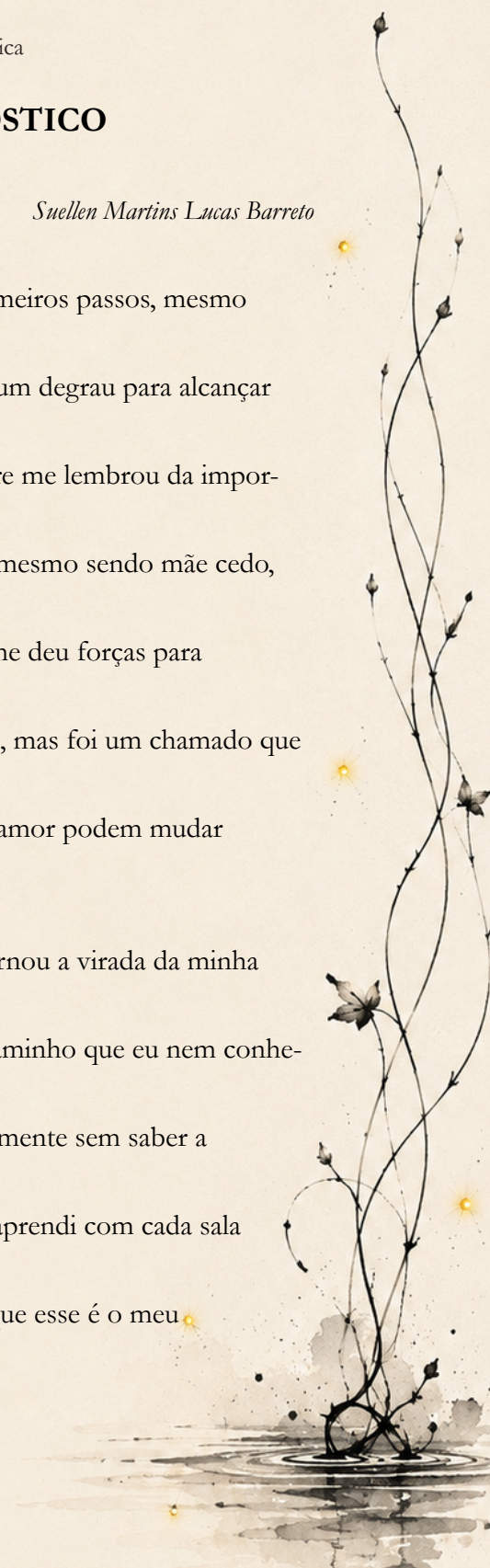


MINHA HISTÓRIA, EM ACRÓSTICO

Suellen Martins Lucas Barreto

Foi com sonhos grandes que dei meus primeiros passos, mesmo
quando a vida parecia dizer “não”
Acreditei que cada obstáculo seria apenas um degrau para alcançar
algo maior
Minha família, com amor e firmeza, sempre me lembrou da importância dos estudos
Inspirada por esse apoio, segui em frente, mesmo sendo mãe cedo,
sem nunca desistir
Lutas não faltaram, mas a presença deles me deu forças para
conquistar o impossível
Iniciar na Pedagogia parecia uma incerteza, mas foi um chamado que
transformou meu destino
Ao lado deles, descobri que persistência e amor podem mudar
qualquer história

Aquele conselho que parecia simples se tornou a virada da minha
vida
Minha amiga me incentivou a tentar um caminho que eu nem conhecia: a Pedagogia
Iniciar esse curso foi como plantar uma semente sem saber a
colheita que viria
Ganhei experiência em pequenas escolas, aprendi com cada sala
de aula, com cada olhar
O amor pelo que faço cresceu, e hoje sei que esse é o meu
verdadeiro chamado



Deus guiou meus passos, mesmo quando eu não entendia o caminho
Ele me mostrou que cada “não” era apenas proteção e preparo para algo melhor

Uma nova porta se abriu em 2019, me levando a uma nova realidade cheia de desafios

Só pela fé consegui vencer, e cada conquista é prova do Seu amor por mim

Exercer a profissão de professora é um privilégio, uma missão de amor
Dia após dia, cada sala de aula me ensina algo novo sobre paciência, empatia e esperança

Unindo coração e conhecimento, encontrei na Educação Especial uma nova forma de enxergar a vida

Crianças que precisam apenas de uma oportunidade me ensinaram sobre força e superação

A cada olhar que pede ajuda, aprendi a oferecer atenção e a acreditar no potencial de cada um

Cada sonho que parecia distante se torna realidade com incentivo e carinho

A cada dia, percebemos que não são poucos os desafios, mas cada conquista tem um sabor único de vitória

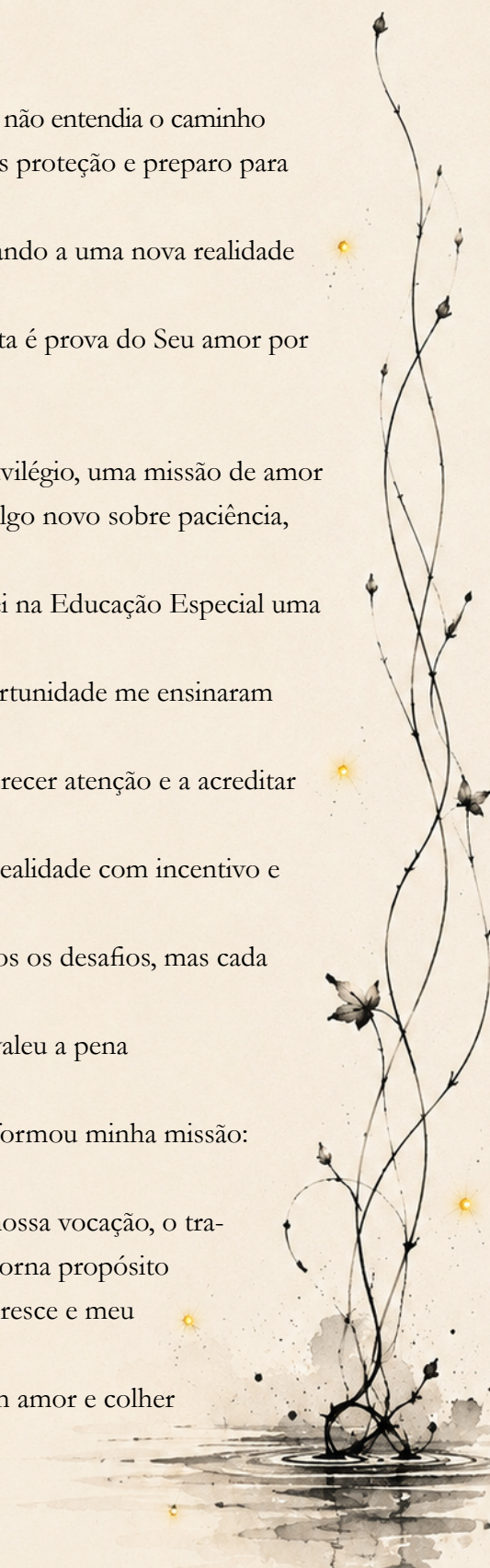
Olhando para trás, vejo que cada esforço valeu a pena

Essa experiência abriu meus olhos e transformou minha missão: acolher, ensinar e inspirar

Sou prova viva de que, quando seguimos nossa vocação, o trabalho deixa de ser apenas trabalho: ele se torna propósito

Por cada sorriso e aprendizado, minha fé cresce e meu coração se enche de gratidão

Educar é acreditar no futuro, é semear com amor e colher



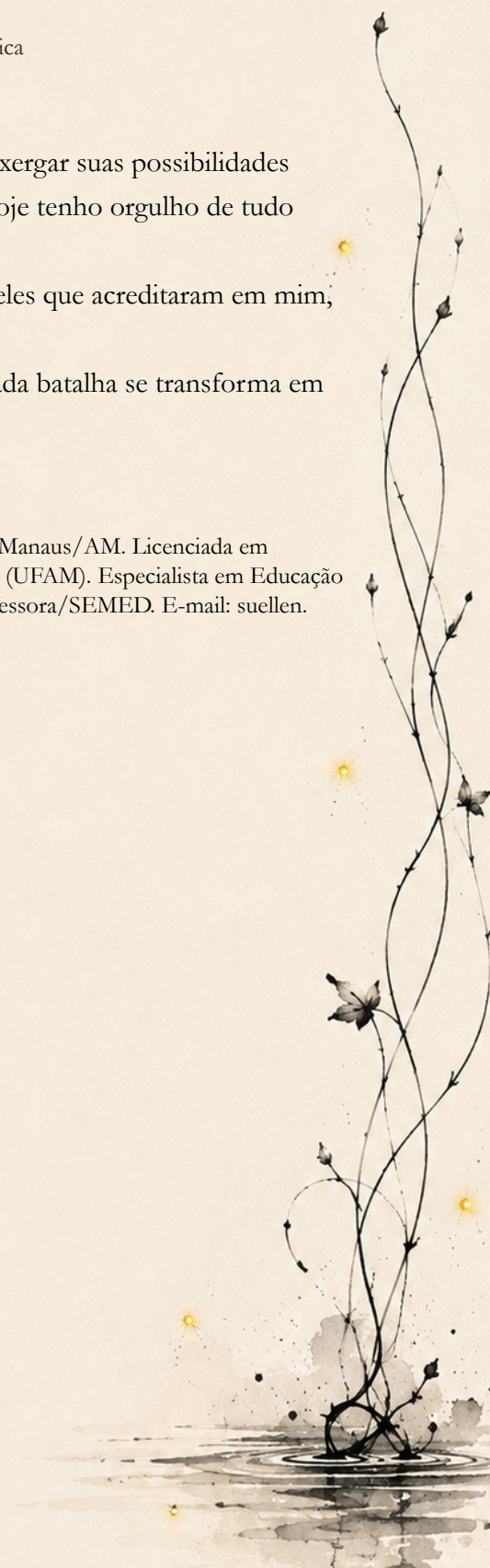
esperança

Cada aluno é um universo, e cabe a nós enxergar suas possibilidades
Iniciar essa trajetória foi desafiador, mas hoje tenho orgulho de tudo
que construí

Ao lado de Deus, da minha família e daqueles que acreditaram em mim,
sigo transformando vidas

Luto todos os dias, mas, com amor e fé, cada batalha se transforma em
vitória

Autora: Suellen Martins Lucas Barreto. Natural de Manaus/AM. Licenciada em
Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Educação
Infantil pela Faculdade Salesiana Dom Bosco. Professora/SEMED. E-mail: suellen.
barreto@semed.manaus.am.gov.br



OBSERVATÓRIO

Maria Rita de Fátima Nunes de Souza

Minha trajetória pelo Magistério começou com muitas dúvidas. Uma delas eram as crianças que tinham comportamentos diferentes dos demais.

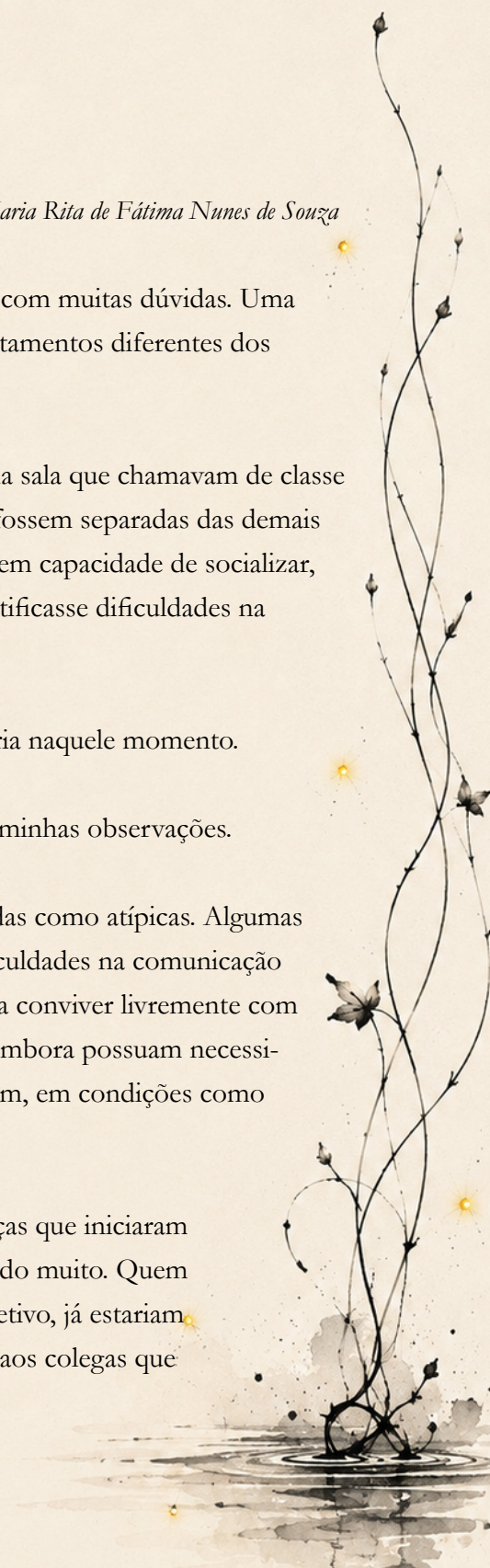
Outra dúvida surgia quando observava uma sala que chamavam de classe especial. Achava estranho que as crianças fossem separadas das demais por serem classificadas como se não tivessem capacidade de socializar, muitas vezes sem um diagnóstico que identificasse dificuldades na comunicação e na interação social.

Era muito difícil compreender o que ocorria naquele momento.

O tempo passou, mas dei continuidade às minhas observações.

Hoje, muitas dessas crianças são classificadas como atípicas. Algumas possuem diagnósticos que identificam dificuldades na comunicação emocional e na interação social. Passaram a conviver livremente com outras crianças em salas ditas “normais”, embora possuam necessidades específicas de suporte e aprendizagem, em condições como TDAH, TEA, entre outras.

Observo, na escola em que trabalho, crianças que iniciaram o ano letivo sem falar, sem brincar, chorando muito. Quem poderia imaginar que, ao término do ano letivo, já estariam falando, brincando, correndo felizes junto aos colegas que fizeram ao longo do ano?



Vou citar o exemplo de uma criança atípica no início do ano.

Chegou muito arisca, gritava, jogava seus materiais, agarrava-se ao portão, não ia para a sala e não gostava da professora. O responsável tinha que buscá-la cedo.

Eu ia tomar café no refeitório e ela começou a rondar a mesa. Um dia, parou e ficou me observando tomar café.

Perguntei:

— Quer café?

Ela respondeu:

— Quer café.

Fiquei feliz. Dei café com pão para ela. Foi para um cantinho e lá tomou seu café.

Hoje, ela toma café comigo e pede:

— Quer café, pão, ovo, queijo.

É muito gratificante vê-la evoluir.

Esse resultado mostra que, quando existem atenção, carinho e amor, muitas dificuldades podem ser superadas, mesmo que ainda existam o preconceito e a exclusão.



Autora: Maria Rita de Fátima Nunes de Souza. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Psicomotricidade. Professora/SEMED. E-mail: fatimasouza5404@gmail.com



O FAZER ACONTECER

Maria Helena Batista

Você pode não acreditar
que o sonho dado por Deus,
através do deitar,
poderia se concretizar.

Com uniforme azul e branco,
pude me enxergar
no grande e antigo prédio
conhecido como IEA.

O sonho de um profundo sono
ficou em meu despertar.
Sem entender o que seria,
futuramente estaria na maestria.

Saberes das ciências da educação,
teorias e concepções pedagógicas
que me embasaram na atuação,
junto ao senso comum,
para promover o ensino e a interação.

Buscando compreender os processos
da pedagogia como ciência,
para minha atuação docente
ser gratificante e eficiente.



Saberes da tradição.
Saberes experienciais.
Saberes contemporâneos
junto às práticas profissionais.

Como fonte de inspiração,
Deus me alimenta diariamente,
não abandonando o teórico Vigotski,
que me acompanha profissionalmente.

Mas, além dos desafios
da prática educacional,
existem os desafios pedagógicos
na educação inclusiva intercultural.

Como fazer acontecer?
Como, a cada dia, continuar
sendo criativa
para o objetivo alcançar?

Com os obstáculos cotidianos,
como fazer acontecer?
Se o que nos deixa cansados
é não ter apoio escolar para nos favorecer.

Estudantes com TDAH têm direito a adaptações
no ambiente escolar,
mas não podem ter, na sala de aula,
um profissional de apoio para acompanhar.



O sistema educacional
observa a lei como algo
obrigatório e referencial,
cumprindo artigos e incisos com eficiência,

esquecendo-se de que a inclusão deve ser
para todos, com excelência.

Autora: Maria Helena Batista. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Pedagogia pela UNINORTE-AM em Docência das Séries Iniciais e habilitada em Supervisão Escolar. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela UNINORTE/AM. Professora/SEMED. E-mail: maria.batista@semed.manaus.am.gov.br



SEMEAR UNIVERSOS

Maria Renice Batista da Silva

No jardim da sala de aula, sou semeadora de possíveis,
onde cada olhar é semente única, cada descoberta, um novo broto.

Minha ciência pulsa no encontro, na escuta que abraça diferenças,
alquimia de saberes ancestrais com teorias que se renovam.

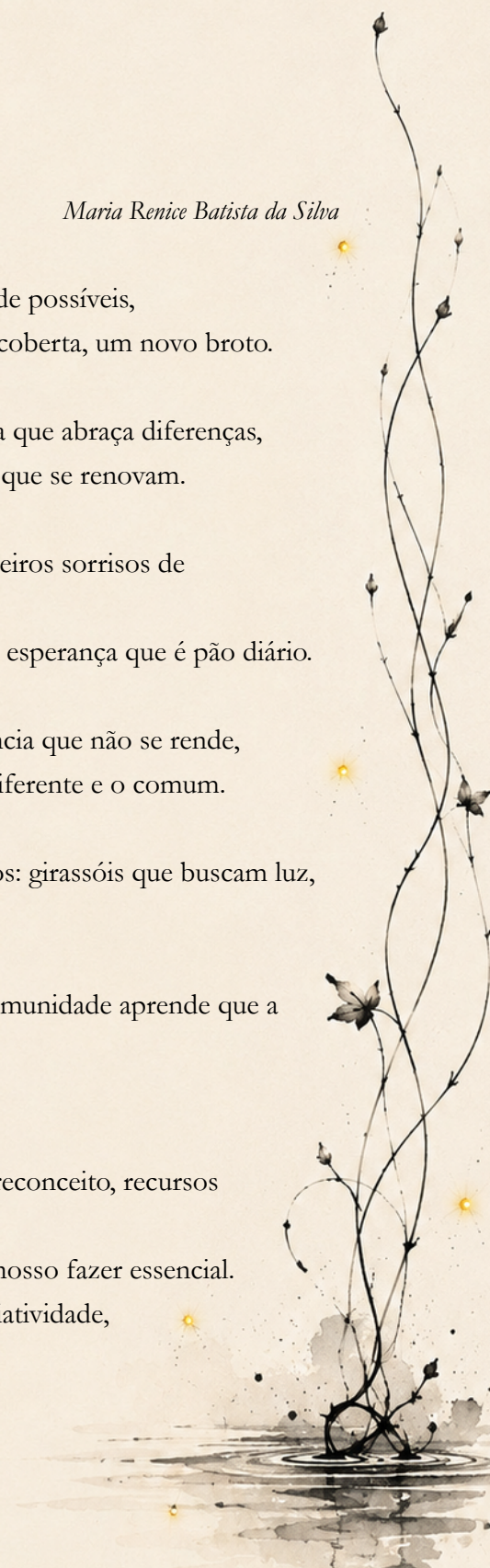
Alimento-me da poesia do cotidiano: primeiros sorrisos de
compreensão,
histórias carregadas em ombros pequenos, esperança que é pão diário.

Nutro-me da força das famílias, da resistência que não se rende,
da beleza que nasce no encontro entre o diferente e o comum.

Meus alunos florescem como jardins únicos: girassóis que buscam luz,
violetas que perfumam na sombra.

Suas famílias encontram acolhimento, a comunidade aprende que a
diversidade é riqueza a ser celebrada,
e eu me transformo também.

Erguem-se muros invisíveis: burocracia, preconceito, recursos
escassos,
invisibilidade social que ainda paira sobre nosso fazer essencial.
Mas sou guerreira paciente: resisto com criatividade,
planto sementes de mudança,
construo pontes onde havia abismos.



Ensino mais que conteúdos: a arte de escutar silêncios,
de reconhecer o outro em plenitude, de harmonizar vozes diferentes.

Sou semeadora de universos diversos, guardiã dos impossíveis tornados
reais,
tecendo a educação que sonho e vivo.

Autora: Maria Renice Batista da Silva. Natural de Óbidos/PA. Graduada em Pedagogia pela UNINILTONLINS. Especialista em Educação Inclusiva, Políticas da Inclusão pela FAEL. Especialista em Educação Ambiental com ênfase em espaços educacionais sustentáveis pela UFAM. E-mail: maria.renice@semed.manaus.am.gov.br



SEMENTES DE TRANSFORMAÇÃO

Jorgelina de Souza da Silva

O Que Nutre Minha Ciência

Nutro-me do brilho nos olhos pequenos,
das culturas que se misturam serenas,
da formação que renova meu saber,
do silêncio que me faz crescer.

Quem Minha Ciência Nutre

Cada aluno que floresce em minha sala,
famílias que aprendem nova fala,
a comunidade que se transforma,
e eu mesma, em nova forma.

Os Desafios da Caminhada

Enfrento muros de incompreensão,
recursos escassos, formação,
mas na criatividade encontro saídas,
no sorriso das pequenas conquistas.

A Ciência Viva

Cada manhã, novo laboratório.
Sou cientista da alma,
do repertório humano que ensina e aprende,
amor que sempre se acende.



Autora: Jorgelina de Souza da Silva. Natural de Manaus/AM. Licenciada em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Gama Filho (UGF). Professora/SEMED.
E-mail: jorgelina.silva@semed.manaus.am.gov.br



ETERNO COMEÇO DE MIM

Antonio Tadeu Santos Lobo

Trago no peito a memória de quem viveu a EJA
não como visitante, mas como parte dela.

Entre carteiras gastas e vozes carregadas de histórias,
aprendi que aprender nunca é tarde
e que ensinar é sempre recomeçar.

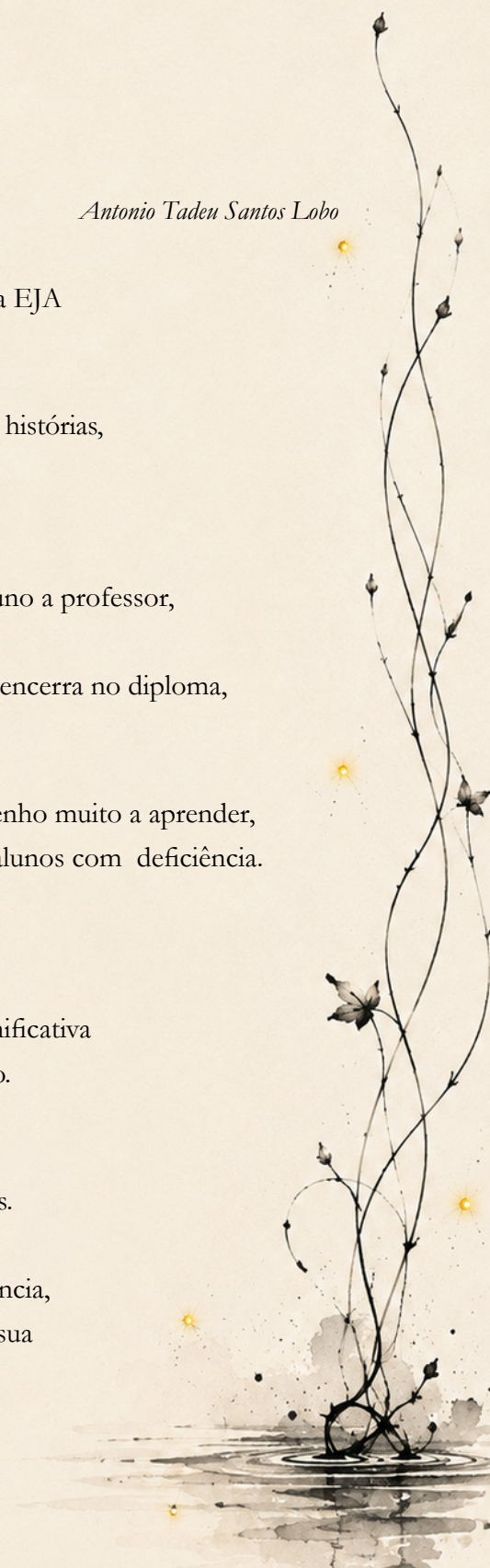
Minha trajetória é feita de travessias: de aluno a professor,
de aprendiz a pesquisador,
de quem sabe que o conhecimento não se encerra no diploma,
mas se renova na prática diária.

Levo comigo a consciência de que ainda tenho muito a aprender,
especialmente sobre como trabalhar com alunos com deficiência.

A falta de experiência não é barreira,
mas motivo para buscar aprofundamento,
para que eu possa contribuir de forma significativa
na vida daqueles que cruzam meu caminho.

Minha ciência é feita de histórias vivas,
de rostos diversos, de identidades múltiplas.

É alimentada pela escuta atenta, pela paciência,
pela vontade de compreender o outro em sua
singularidade.



É a certeza de que cada vida é um universo
e que o ato de aprender é também um ato de coragem.

Enfrento desafios que testam minha determinação:
a falta de recursos, o tempo escasso,
a ausência de preparo técnico que ainda me inquieta.

Mas é nesse chão de ausências e resistências que cultivo
minha prática pedagógica inclusiva e intercultural,
acreditando que educar é semear,
mesmo sem ver de imediato a colheita,
sabendo que há raízes crescendo no invisível.

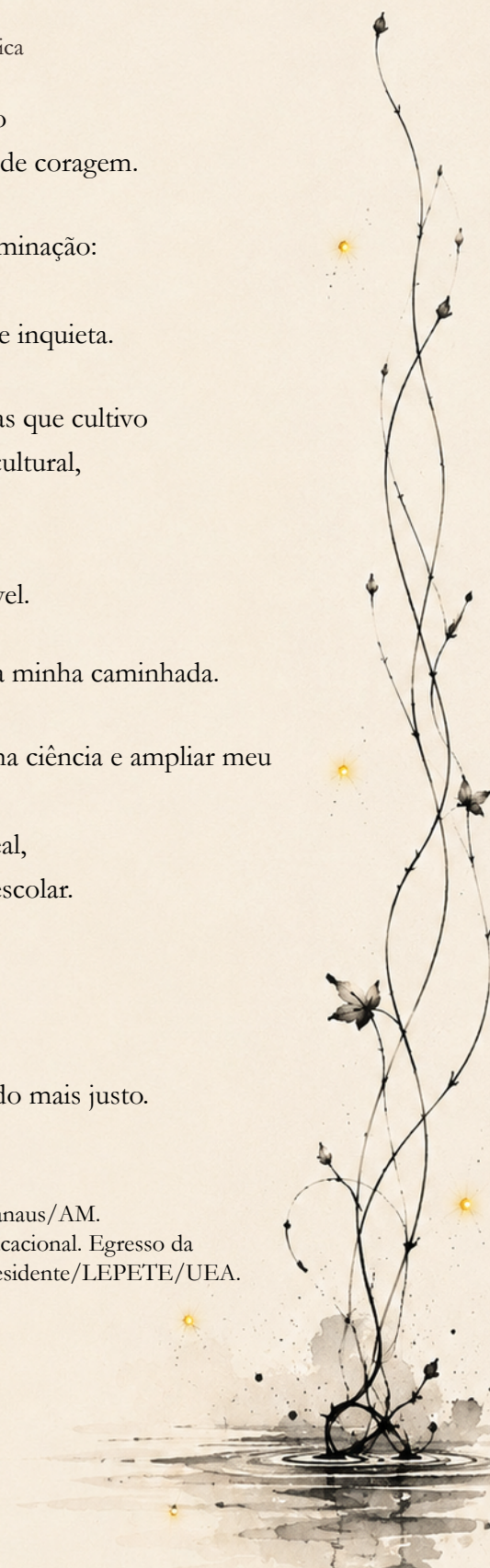
A formação continuada é o fio que costura minha caminhada.

É por meio dela que busco fortalecer minha ciência e ampliar meu
olhar,
para que a inclusão não seja apenas um ideal,
mas uma realidade concreta no cotidiano escolar.

Minha ciência é viva, plural e humana.

Ela pulsa onde a diversidade se encontra
e a educação se torna ponte para um mundo mais justo.

Autor: Antonio Tadeu Santos Lobo. Natural de Manaus/AM.
Licenciado em História pela UNINORTE Ser Educacional. Egresso da
Educação de Jovens e Adultos – EJA. Professor Residente/LEPETE/UEA.
E-mail: tadeu.lobo1972@gmail.com



LUME VII

Sobrevivências

Pequenos lumes que permanecem acesos: docências, escolas e vidas que criam possibilidades de existência em meio às adversidades.

A Tecitura dos Saberes e a Ancoragem da Esperança na Escola Municipal Senador Fábio Pereira de Lucena Bittencourt

Maria das Graças Medeiros Borges e Vinícius Alves da Rosa
Professores formadores.

CARTOGRAFIA DO AFETO — LUME VII

- **Território:** Escola Municipal Fábio Lucena, Manaus, Amazonas.
- **Contexto:** Território de fronteira urbana onde o asfalto cede espaço às realidades ribeirinhas e periféricas, tensionando as distâncias geográficas e sociais na garantia do direito à educação.
- **Visualidade:** O horizonte do rio que desenha o fundo do pátio, os pés descalços que trazem a poeira e a umidade do caminho, e o brilho nos olhos da docência que se recusa a naufragar na indiferença.

A CIÊNCIA DO FAZER EM ARTE NA EJA

Gertrudes R. S. Andrade

Na trama da Educação de Jovens e Adultos – EJA,
a ciência do meu fazer em Arte é um gesto de inclusão,
um abraço que acolhe a diversidade.

Valorizando o fazer como um ato de criação compartilhada,
onde cada mão, cada olhar, cada voz encontra espaço.

Respeitando as limitações não como barreiras,
mas como caminhos que tecem a tapeçaria da aprendizagem
coletiva.

Atividades nascem para serem universais,
para que todos — independentemente da idade, sexo, cor ou
deficiência — possam
tocar, criar, expressar.

O que nutre a minha ciência é o respeito profundo
pela singularidade de cada aluno.

É a crença de que a Arte é uma linguagem sem fronteiras,
capaz de conectar histórias, culturas e sonhos.

Uma escuta atenta às necessidades,
aos silêncios e aos gritos de expressão de cada um.

O fazer artístico aqui é um ato de encontro,

de celebração da diferença como riqueza.

A minha ciência nutre os alunos, nutre a comunidade da EJA.

Nutre sonhos que se materializam em cores, formas, texturas e sons.

Nutre a autoestima daqueles que, ao criar, se descobrem capazes.

E nutre, sobretudo, a ideia de que a Arte é um direito de todos, um espaço de fala e escuta universal.

Os desafios que enfrento no exercício das minhas práticas pedagógicas voltadas para a educação especial inclusiva e intercultural na EJA são muitos.

Há o desafio de adaptar linguagens artísticas para que sejam acessíveis a todos.

Há o desafio de mediar conflitos sutis entre culturas, garantindo que cada voz seja ouvida.

Há o desafio de lidar com limitações materiais e estruturais, mas também com as limitações internas minhas e dos alunos de romper com o medo de criar.

E há o desafio constante de reinventar atividades para que sejam inclusivas, interculturais e que falem a

A força epistêmica e o brilho poético da docência amazônica

todos.

Mas é no fazer, no gesto de criar junto,
que esses desafios se transformam em possibilidades.

A Arte na EJA é um território de encontros,
onde a ciência do meu fazer é nutrida pela diversidade
e onde todos são convidados a dançar no ritmo da inclusão.

Autora: Gertrudes R. S. Andrade. Natural de Manaus/AM.
Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas
(UFAM). Especialista em Docência nas Séries Iniciais pela Faculdade
Tahirih. Professora/SEMED Manaus.
E-mail: gertrudes.santos@semed.manaus.am.gov.br

POMAR DO CONHECIMENTO

Michele de Andrade Cardoso

A ciência do meu fazer pedagógico é um pomar,
que cultivo com afeto.

A empatia e a reflexão são a água e o sol
que nutrem esta minha ciência.

Meus alunos, sementes únicas,
uma diversidade infinita de lindas árvores
que cuido e rego com dedicação.

No entanto,
enfrento as pragas do preconceito
para poder vê-las crescer e frutificar.

Mas a esperança de colher os frutos da inclusão
me faz cuidar de cada ramo.

Autora: Michele de Andrade Cardoso. Natural de Codajás/AM. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade UNINORTE Ser Educacional. Professora/SEMED Manaus. E-mail: michele.cardoso@semed.manaus.am.gov.br

EDUCAÇÃO QUE ESCUTA, ACOLHE E HUMANIZA

Renata Aimané da Silva

Como pedagoga, minha ciência é a escuta ativa e a conexão.

Ela se manifesta na prática de ouvir de verdade,
de acolher as vozes dos alunos do 6º ao 9º ano e da EJA,
sejam eles típicos ou atípicos.

O meu fazer pedagógico é uma ponte
que une os saberes que eles já trazem de suas vidas
com os conhecimentos formais,
em um processo de interculturalidade genuína,
onde cada pessoa é valorizada por sua história e seu
conhecimento.

O que nutre a minha ciência
é a busca por uma compreensão mais ampla.

Ela se alimenta da complexidade das relações de
ensino-aprendizagem,
reconhecendo que a realidade não é linear,
mas sim um conjunto de fatores interligados.

A minha ciência se inspira na transdisciplinaridade,
ao integrar diferentes áreas do conhecimento
para construir uma visão mais completa e significativa.
Ela se nutre da confluência de ideias e perspectivas,

que se somam e se fortalecem, enriquecendo o processo educativo.

A minha ciência nutre a autonomia e a curiosidade.

Ela nutre o estudante da EJA,
oferecendo-lhe ferramentas para que possa
se desenvolver em sua plenitude.

Para os alunos atípicos,
minha ciência nutre o respeito e a valorização das diferenças,
criando um ambiente onde todos se sintam pertencentes
e capazes de contribuir.

Os desafios que enfrento estão na estrutura.

Eles se manifestam na necessidade de adaptar métodos e materiais
para atender às diversas necessidades dos alunos,
em um contexto muitas vezes com recursos limitados.

É o desafio de promover a inclusão de forma eficaz e natural,
sem que as diferenças se tornem barreiras.
É na superação desses obstáculos que minha ciência se aprofunda,
evoluindo a cada dia para criar um espaço de aprendizagem
mais rico e acolhedor para todos.

Autora: Renata Aimane da Silva. Natural de São Paulo de Olivença/
AM. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade FAMETRO. Espe-
cialista em Psicopedagogia, Docência do Ensino Superior, Gestão
Educacional, Supervisão e Orientação Escolar pela Faculdade FASE.
Pedagoga e Professora/ SEMED.
E-mail: renata.alves@semed.manaus.am.gov.br

A CIÊNCIA QUE HABITA EM MIM

Terezinha Teles Fernandes

Minha ciência não nasceu apenas nos livros.

Ela se desenvolveu no piso da sala de aula,
entre o ruído de carteiras, o choro reprimido e o olhar perdido
de quem pede, sem palavras, que eu o entenda.

A ciência do meu fazer é composta de carne, de suor e de
espera.

É um bordado imperfeito que insisto em refazer todos os
dias,
mesmo quando minhas mãos tremem de fadiga.

Ela se edifica na atenção do ouvir,
na paciência de decodificar silêncios,
na coragem de não desistir diante do improvável.

O que nutre a minha ciência não é só a teoria,
mas o riso imprevisto de um aluno que ontem não falava,
o primeiro traço rabiscado de quem antes não segurava um
lápis,
o abraço apertado ao final de um dia difícil.

É o café amargo das madrugadas,
é a troca com outros guerreiros que, como eu,
remam contra a correnteza da inclusão apenas proclamada.
Minha ciência nutre aqueles que o sistema continua a

rejeitar:

o menino que não para sossegado,
a menina que precisa de um intérprete que nunca apareceu,
o adolescente que só é lembrado na hora de se matricular.

Nutre também minha própria alma,
porque, ao ensinar, descubro que também aprendo a ser mais humana.

Sim, há dias em que a impotência me visita,
em que acredito que não vou dar conta,
em que as paredes são mais altas que minha força.

Mas então lembro:
a ciência que não sente, morre.
E a minha, mesmo ferida, lateja viva,
porque dança com a vida,
se embala na esperança
e insiste em acreditar que cada passo,
por menor que seja,
é uma semente semeada no terreno do impossível.

Autora: Terezinha Teles Fernandes. Natural de Cruzeiro do Sul/AC.
Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Acre. Bacharel em
Direito pela Faculdade Martha Falcão. Especialista em Psicopedagogia
pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande. Especialista em Di-
reito Processual Civil com Ênfase em Execução pela Escola Superior
Batista do Amazonas. Egressa da Educação de Jovens e Adultos –
EJA. Advogada e Professora/SEMED Manaus.
E-mail: terezinhatelesfernandes@gmail.com

O DIÁLOGO EM PAULO FREIRE

Maria Olindina Andrade de Oliveira

Diálogo é amar o outro
em toda a sua plenitude.

É estar disposto a escutar,
a ouvir com paciência.

É, com certeza, mudar de atitude.

É ouvir os educandos,
conhecer suas histórias,
seus sonhos e esperanças,
estimular suas memórias.

É partir do que já sabem,
observando e aprendendo
com as suas trajetórias.

O respeito é fundamental,
independentemente do espaço em que se atua.

É necessário sempre manter fé nos homens,
seja na escola, na universidade, nas prisões
ou nas ruas.

Autora: Maria Olindina Andrade de Oliveira. Natural de Manaus/
AM. Licenciada em História pela Universidade Federal do Amazonas
(UFAM). Especialista em Antropologia na Amazônia pela UFAM.
Mestre em História Social pela UFAM. Professora/SEMED.
E-mail: mariaolindinaoliveira67@gmail.com

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EU

Maria Olindina Andrade de Oliveira

Trabalhar na EJA
não é fácil, não.

É uma educação cheia de desafios
que tem de ser feita com coração.

É promover o diálogo,
respeitar as diferenças.

É promover o direito,
respeitando todas as crenças.

É conhecer saberes,
promovendo sonhos e esperanças.

Os círculos de cultura
são espaços democráticos,
em que educadores e educandos são iguais e diferentes,
rompendo com os conteúdos clássicos
num movimento decolonial.

Sou uma humilde professora
que possui alguns sonhos:

conhecer novos lugares

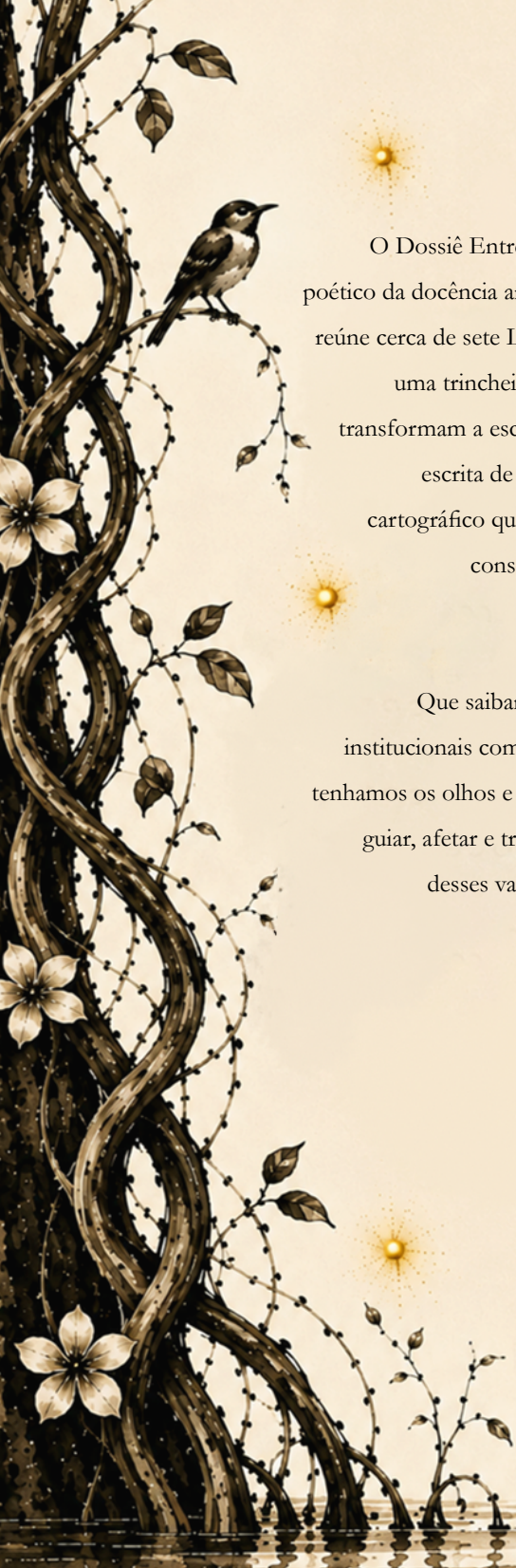
que não sejam medonhos;

conhecer novas pessoas,
levando esperança, mesmo que seja em uma pequena canoa;

levando alegria nesse grande rio-mar
aos olhares risonhos.

Viajando por essa imensa Amazônia,
chegando a locais longínquos,
trazendo na bagagem muito conhecimento
para aprender em ambientes distintos.

Autora: Maria Olindina Andrade de Oliveira. Natural de Manaus/AM.
Licenciada em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
Especialista em Antropologia na Amazônia pela UFAM. Mestre em História
Social pela UFAM. Professora/SEMED.
E-mail: mariaolindinaoliveira67@gmail.com



O Dossiê Entre cipós e vaga-lumes: a força epistêmica e o brilho poético da docência amazônica, 11ª edição da Revista Saberes&Práticas, reúne cerca de sete Lumes com 88 etnopoemas. Cada Lume representa uma trincheira de saber urbano-periférico onde esses docentes transformam a escuridão da negligência estatal em espaço de beleza, escrita de si, denúncia e encantamento. O trabalho gráfico e cartográfico que abre este número funciona como um “mapa das constelações docentes”, localizando geograficamente a resistência pedagógica na cidade de Manaus-Am.

Que saibamos caminhar por entre os cipós das contradições institucionais com o rigor crítico que a realidade nos exige, mas que tenhamos os olhos e o coração profundamente atentos para nos deixar guiar, afetar e transformar pela luz terna, teimosa e revolucionária desses vaga-lumes da docência básica periférica amazônica.

Uma leitura inspiradora, afetuosa e politicamente insurgente a todas e todos.

Eglê Betânia Portela Wanzeler

